



COTRIJUI DÁ RETORNO DE 13 MILHÕES DE CRUZEIROS

A COTRIJUI tem um quadro social que soma 15 mil economias familiares. Bastaria que um terço desse total desejasse participar pessoalmente de uma assembléia, e não teríamos, em toda a região um local coberto para abrigá-lo. Então, participam das assembléias lideranças locais, que após levam para seus companheiros, nas diversas comunidades de sócios, todas as questões relacionadas. No últi-

mo dia 24 a COTRIJUI realizou a assembléia geral de prestação de contas do exercício encerrado, a eleição do novo conselho fiscal, além de outros assuntos de interesse social e estatutário. Na página 10 publicamos reportagem ilustrada e mais um Caderno Especial de Balanço. A foto é uma vista parcial da assembléia, tendo como local o salão principal da Sociedade Ginástica.



AJURICABA HOMENAGEIA LIDER LUIZ FOGLIATTO

Na manhã ensolarada de sábado, dia 28 último, autoridades e lideranças econômicas e culturais do vizinho município de Ajuricaba prestaram homenagem à memória do líder cooperativista desaparecido, Luiz Fogliatto, dando seu prestigiado nome à uma rua da cidade. A rua Luiz Fogliatto — líder cooperativista — teve origem em proposição do vereador Alber-

to Wiegert, com referendo do prefeito municipal Zeferino Pretto. De Ijuí, viajaram a Ajuricaba especialmente para o ato, diretores da COTRIJUI, tendo a frente o vice-presidente Arnaldo Oscar Drews e a sra. Lais Fogliatto, viúva do homenageado, a quem coube descerrar a placa nominativa da rua (foto). Na última página estamos publicando reportagem sobre a homenagem.



Rua das Chácaras, esquina
Av. Porto Alegre,
Caixa Postal, 111
IJUI - RS

CGC ICM - 068/0007700
Inscr. INCRA N° 248/73
CGC MF - 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva,
- Eng. Agr.

Vice-presidente: Arnaldo Oskar
Drews.

Superintendente: Clóvis Adriano Fa-
rina.

Diretores Contratados:

Alceu Carlos Hickembick, Euclides
Casagrande, Léo Miron, Nedy Rodri-
gues Borges, Nelcy Rospide Nunes,
Oswaldo Olmiro Meotti e Werner Er-
vin Wagner.

Conselheiros (Efetivos)

Alberto Sabo, Alfredo Driemeyer,
Hugo Lino Costa Beber, Pedro Biza-
rello, Flávio Sperotto e Reinholdo
Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Antonio Primo, Itálvino Sperotto,
Herbert Hintz, Carlos Krüger, Ama-
ry Marcks e Renaleto Fontana.

Conselho Fiscal (Efetivos)

José Cláudio Koehler, Edelmar Frie-
drich e Bruno Eisele.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Harry Reisdorfer, Arnaldo Hermann
e Abu Souto Bicca.

Capacidade em Armazenagem:

IJUI (Sede)	164.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	60.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Vila Jóia	60.000 T.
Tenente Portela	60.800 T.
Augusto Pestana	30.000 T.
Ajuricaba	30.000 T.
Rio Grande	220.000 T.
Dom Pedrito	15.700 T.



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigido ao qua-
dro social, autoridades, universidades
e técnicos do setor, no país e exterior.
Nossa tiragem, 15.000 exemplares.

Associado
da ABERJE



Associado da

AJOCOOP
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperação

EXPEDIENTE

Redação e Administração

Rua das Chácaras, esq. Av. Porto Ale-
gre, Caixa Postal, 111.

98.700 - IJUI - RS

Registrado no Cartório de Títulos e
Documentos do município de Ijuí,
sob n. 9. Certificado de marca de pro-
priedade industrial M/C11 n. 022.775
de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n.
022.776, de 13.11.1973.

Redator Responsável

- RAUL QUEVEDO -

Registro profissional no MTPS 1176,
matrícula no SJPPA n. 550, sócio da
Associação Riograndense de Impren-
sa sob n. 1571.

Composto no JORNAL DA MANHÃ
Ijuí, é impresso em rotativa off-set no
DIÁRIO SERRANO - Cruz Alta.

EDITORIAIS

MR. GULLIVER QUER ENGULIR LILIPUT

Na edição anterior, página de Opinião, transcreve-
mos do Correio do Povo artigo assinado por Sérgio da
Costa Franco. Possuidor de invejável cultura humanísti-
ca e dotado de poder de síntese, o cronista apresentou
um enfoque real da problemática econômica de nossa
zona colonial no artigo intitulado "Cooperativismo e
Justiça Social".

Costa Franco, jurista, jornalista; o que quer dizer:
humanista, lembrou... numa picada pobre, onde o
baixo padrão do povo se refletia na modéstia de suas ca-
sotas, no dismantelo dos chiqueiros e das cercas, no ven-
tre bojudo dos piás verminóticos ou no bócio endêmico
a deformar os pescoços, lá estava, à boca da estrada, o
sobradão topetudo do comerciante, com galpões e paióis
numerosos, chiqueiro de alvenaria, moenda, alambique
... E, não raro, a capela próxima, ajudando a polarizar
e disciplinar a freguesia miuda".

Mas no parágrafo seguinte, lembra também o arti-
culista: "O cooperativismo rural foi a réplica adequada a
esse quadro de injustiça. Réplica que, depois de avanços
e recuos, firmou-se hoje na realidade esplêndida de algu-
mas das maiores empresas rio-grandenses, estruturadas
em base cooperativa".

Essas palavras do respeitado cronista do Correio
do Povo voltaram a soar na memória do redator a bordo
de avião que o levou a São Paulo. Um jornal paulistano,
evidentemente comprometido, publicou, lado a lado, pa-
ra maior facilidade de cotejo, os preços de venda ao con-
sumidor de uma pequena cooperativa de consumo e uma
gigantesca cadeia de supermercados, multinacional, pois
inclusive possui filiais na Europa.

A diferença de preços, dada a disparidade de valo-
res, tinha o evidente propósito de liquidar com a coope-
rativa; que pequena e sem poder patrocinar páginas de
anúncios para aquele jornal, era atacada violentamente.
O jornal (distribuído para leitura de bordo nos aviões e
a título de "cortesia" nos hotéis paulistanos) ressaltava
os preços supermercado-cooperativa, com maciça vanta-
gem daquele, na região de operação da cooperativa. Mas
silenciava a realidade nos demais bairros da cidade, longe
do acesso dos cooperativados. Nestes locais, a poderosa
cadeia de super-lojas vendia até a preços superiores a
cooperativa. Quer dizer: usava de artifício bastante co-
mum no comércio. Ganhava menos ou até deixava de ga-
nhar no reduto de operação da cooperativa, mas recupe-
rava com sobras em zonas ou bairros onde a entidade
não possuía poder de operação.

Esse jogo duplo é comum no comércio, que só vi-
sa o lucro, independente de preocupação social. Em São
Paulo, onde o cooperativismo é fraco, notadamente o
que serve ao consumo, basta uma cadeia de supermerca-
do para tentar liquidá-lo. No sul as cooperativas são mais
fortes e estão melhor organizadas, inclusive com a cons-
cientização de seu quadro social, que já sabe identificar
seus inimigos. Então é preciso arregimentar todo o co-
mércio conforme foi feito. Arregimentou-se, inclusive,
políticos, para combater o sistema. Que o povo marque
bem, identifique, quem se preocupa com sua causa e
quem na realidade encarna a figura de um Gulliver enrai-
vecido que pretende engulir os liliputianos, para conti-
nuar fortalecendo o sobradão topetudo do comerciante,
conforme a figura citada por Sérgio da Costa Franco.
Em guarda, liliputianos...

INCRIVEL! FALTA FEIJÃO NO BRASIL

Durante recente estada no Brasil, o Premio Nobel
da Paz de 1970, Norman Borlaug, ao saber que estáva-
mos importando feijão, reagiu de forma a expressar um
carregado "incrível..."

Para um especialista que gasta a maior parte do
tempo procedendo a ensaios de laboratório e laborando
na orientação de outros técnicos em lavouras agrícolas,
não deixa de ser surpreendente que um País de econo-
mia basicamente primária e com a extensão territorial
do nosso, aliado ainda às benesses de clima, tenha que
importar um produto da rusticidade do feijão preto.

No entanto, para quem conhece a sistemática da
economia brasileira, com suas manipulações de mercado
à feição do intermediarismo, a falta do produto não che-
ga a surpreender.

Depois que o sr. Borlaug soltou o arrevezado "in-
crível" e retornou para seus ensaios no vale do Yaqui,
no México, o Instituto de Economia Agrícola da Secre-
taria da Agricultura de São Paulo liberou estatística rela-
tiva à evolução dos preços do feijão, a nível de atacado,
no período novembro de 1975 a novembro de 1976. De-
certo que se o técnico tomou conhecimento desse índi-
ce, pronunciou não apenas um, mas vários "incríveis",
e passou a entender porque falta feijão no Brasil. É que
no citado período o preço do feijão no atacado aumen-
tou exatamente em 214%. A estatística revelou também
que em idêntico período, além do feijão, a batata, o to-
mate e a soja mostraram índices de crescimento de 188%,
136% e 110%, respectivamente, tudo no atacado.

Analisando os preços ao consumidor nos primeiros
quatro meses deste ano, a Fundação Instituto de Pesqui-
sas Econômicas da Prefeitura de São Paulo, acusou um
índice de 17,9%. Somente em abril a evolução tinha si-

do de 4,43%, baixando em relação a março, que acusara
um aumento de 6,2%.

E nessa guerra de algarismos, como é que ficou
o produtor? Mal! Mal e desiludido. Produtor e consumi-
dor, mal. E bem o intermediário.

Para que se tenha uma visão maior, vejamos como
funciona a engrenagem dos preços no Brasil em relação
aos países economicamente organizados: nestes, a mar-
gem de comercialização não é maior do que 200%; no
Brasil essa margem alcança até 700%. Significa que na-
queles países, se o produtor vende por 100, o consumidor
final paga até 300. No Brasil, se o produtor vende por
100, o consumidor final chega a pagar 800. Aí o grave
problema. E o Governo precisa conscientizar-se disso,
pois os que labutam na agricultura já estão conhecendo
essa engrenagem.

Revolta o produtor, que é também um consumi-
dor, pagar no balcão do armazém retalhista ou no super-
mercado, o valor multiplicado por cinco, ou até mais, a
mercadoria que ele entregou a preço fixado pelo CIP,
meses antes. O produtor, que trabalhou e arriscou o en-
frentamento do clima e os diversos fatores influentes so-
bre a lavoura, vê o fruto do seu labor elevado a um pre-
ço astronômico superior. E qual o processo desse
malabarismo fantástico? Quase sempre o mesmo que
foi relacionado no editorial de cima. É Gulliver que im-
põe o poder de seu pantagruélico apetite para devorar o
produtor primário e o consumidor final.

A solução para esse problema é a comercialização
pela produção, conforme temos abordado em diversos
editoriais. Leia à página de Economia desta edição, pro-
nunciamento do diretor-presidente à revista Mercados,
do qual damos uma síntese.

PROTEÇÃO DA NATUREZA É UMA MISSÃO MUNDIAL

Anualmente, em todo o mundo extraem-se do subsolo perto de 10 bilhões de toneladas de minérios, combustíveis e materiais de construção, bem como matérias-primas químicas. A eficácia média da produção mundial atinge de 5 a 10 por cento. O resto da matéria prima nas diferentes fases de produção é de refugo. A estatística é desanimadora sob o ponto de vista do desperdício dos recursos naturais bem como do perigo crescente de poluição do meio ambiente.

Em que consiste este desperdício? Anualmente todas as fábricas do mundo lançam 32 bilhões de metros cúbicos de água poluída, 70 milhões de toneladas de gases, 250 milhões de toneladas de poeiras. Os resíduos industriais e domésticos de todas as cidades do mundo atingem 3 milhões de toneladas por ano. No fim de contas, devido à imperfeição da tecnologia ou simples negligência na "produção" de gas, poeiras e esgotos, os homens são forçados a gastar muitas forças e recursos e depois fazer novos gastos para garantir a proteção do meio-ambiente.

Se compararmos a produção contemporânea com a natureza viva, esta comparação em muitos casos não será favorável ao homem. Nos processos em que o homem é forçado a utilizar temperaturas e pressões altas e superaltas, a natureza alcança os mesmos objetivos à temperaturas e pressões normais obtendo, aliás, melhores resultados. A eficácia das suas reações quase sempre é de 100 por cento. Não há resíduos, não existe o problema de poluição do meio ambiente, porque este problema nunca surge.

Então a humanidade está condenada a levar doravante este contra-peso da produção contemporânea?

— Não, — respondem os cientistas soviéticos que se ocupam dos problemas de aperfeiçoamento do processo de produção. — A elaboração e a aplicação das novas tecnologias permitirá aumentar bruscamente a eficiência da produção industrial e, simultaneamente, preservar o meio-ambiente.

Na União Soviética dezenas de institutos de investigação científica e industriais estão empenhados na elaboração de novos métodos de purificação do ar e da água. Centenas de fábricas dispõem de instalações de purificação modernas. A luta complexa contra a contaminação já está dando resultados: segundo a avaliação dos especialistas, em 1975, na URSS, foram extraídas da atmosfera 146 milhões de toneladas de elementos nocivos.

Entretanto, instalações de purificação criam uma série de problemas complicados. Em primeiro lugar são caras, atingindo o seu valor as vezes 40 por cento do valor da própria fábrica, e, em segundo lugar, não resolvem o problema da utilização completa das matérias-primas extraídas da natureza. O problema só pode ser resolvido com êxito por meio da ampla aplicação das tecnologias que não preveem resíduos de produção, ou seja, produção complexa, onde a matéria-prima mineral seria aproveitada por completo. Passará muito tempo antes que seja resolvido este problema. Atualmente esta resolução começa a ser aplicada nos métodos de produção efectivos com refugos insignificantes.

Resumo de artigo escrito por Liudmila Maksimova, da Agência de Imprensa NÓVOSKI. A foto, tirada por satélite, mostra a insignificância do Planeta Terra girando na imensidão do espaço cósmico.



AGRICULTURA BRASILEIRA EM EXPANSÃO

"Se as exportações agrícolas brasileiras alcançarem em 1977 um valor de US\$ 9 bilhões de dólares (US\$ 6,1 bilhões em 1976), isto se deve em grande parte às cotações do café e da soja (as duas principais exportações do Brasil), dois produtos, cujas vendas ao exterior representam dois terços (em valor) do total, correspondendo apenas ao café US\$ 4 bilhões. O restante provém da exportação de vários produtos (como cacau, cujas cotações estão elevadas), o açúcar, o arroz, o algodão, a juta e o tabaco. A agricultura brasileira se desenvolve de maneira espetacular nos últi-

mos anos, particularmente no caso da soja: em 1970, a produção brasileira de soja chegava apenas a 1,5 milhão de toneladas; este ano chegará a 12 milhões; e em 1980 calcula-se que atingirá a 20 milhões. Suas vendas ao exterior permitirão ao Brasil não apenas pagar uma fatura de petróleo superior aos US\$ 3 bilhões, mas sobretudo registrar seu primeiro superávit da balança comercial nos últimos quatro anos". Essa opinião foi manifestada pelo jornal Les Echos, de Paris, sobre a produção agrícola brasileira.

BOAS PERSPECTIVAS PARA O TRIGO

A disponibilidade mundial de trigo para as exportações de 1977/78 deverão ser mais que suficientes para cobrir o consumo, segundo um relatório do Conselho Internacional do Trigo, divulgado em Londres.

Uma primeira análise da situação — observa o conselho — permite prever que em 1977 a produção mundial de trigo será ainda abundante,

embora inferior aos 417 milhões de toneladas obtidas em 1976.

Os estoques nos cinco maiores exportadores no início do próximo ano agrícola deverão alcançar novo recorde, situando-se "não longe do recorde de 65 milhões de toneladas existentes em 1969/1970", informa o relatório.

GADO URUGUAIO PARA SÃO PAULO

Um grupo de pecuaristas paulistas comprou, em Montevideu, 120 cabeças de gado holandês, num total aproximado de 50 mil dólares. A informação é da agência Ansa, que destaca a conclusão da operação, após uma visita que os criadores brasileiros fizeram às províncias do chamado "cinturão do leite".

O Brasil — segundo o telegrama — é um dos principais compradores de gado holandês do Uruguai. No ano passado, foram importados 18.950 exemplares (em sua maioria puros de origem ou puros por cruzamento). São Paulo representa o maior mercado, observando 63% das vendas registradas no ano passado.

URSS ESPERA GRANDE SAFRA

A União Soviética parece estar a caminho de atingir suas metas de produção de cereais para 1977 e poderá registrar uma safra recorde de trigo de inverno. A informação foi dada pelo Departamento da Agricultura dos Estados Unidos (Usda).

Segundo o Departamento, a média de produção indica que a safra soviética de trigo de inverno poderá totalizar 50 milhões de toneladas, superando o antigo recorde de 49,4 milhões de toneladas de 1973. No ano passado, a colheita de

trigo de inverno da União Soviética foi de 44,6 milhões de toneladas.

Os especialistas do Usda basearam suas estimativas parcialmente nas notícias de que os agricultores soviéticos plantaram mais trigo de inverno no outono passado e até o final de abril adubaram 23,2 milhões de hectares. Deste modo, segundo eles, a área de plantio da safra soviética de trigo de inverno poderá ser até 10% maior que o recorde anterior de 20,7 milhões de hectares (1971) e bem acima dos 17,2 milhões de hectares do ano passado.

EXPORTAÇÃO ARGENTINA CRESCE

Cerca de 2,13 milhões de toneladas de cereais argentinos foram embarcados em abril, o que representa o maior volume mensal registrado até hoje. A informação foi prestada em Buenos Aires pelo subsecretário da Agricultura, Jorge

Zorreguieta. O total de abril supera em 44% o recorde histórico registrado em janeiro deste ano, quando as exportações foram de 1,47 milhão de toneladas, e 173% superior ao volume embarcado em abril do ano passado.

SACARINA VAI SER PROIBIDA

A Administração de Alimentos e Drogas dos Estados Unidos (AAD) informou em Washington, que a sacarina será proibida em alimentos, remédios e cosméticos — 90% de seu emprego atual — mas poderá ser vendida como droga para uso doméstico, segundo a Agência UPI.

"Com mil norte-americanos morrendo de câncer e outros 1.600 novos casos de câncer descobertos diariamente e já que ainda não conhecemos as causas da maioria das espécies de câncer,

então achamos que, como nação, não podemos desconhecer as provas que possuímos agora contra a sacarina", disse o comissário da AAD, Donald Kennedy.

Segundo informou Kennedy, a sacarina poderá ser vendida como droga, mas com este aviso: "Cuidado: a sacarina causa o câncer da bexiga em animais. O uso da sacarina poderá aumentar seu perigo de contrair o câncer".

COMA VEGETAIS E GOZE AS DELÍCIAS DA VIDA



A vida moderna, onde a dinâmica do dia-a-dia nos impõe a metodologia dos supermercados com seus enlatados e produtos estandardizados na base dos embutidos, tem-nos afastado cada vez mais dos alimentos naturais a base de viveres, tubérculos, fibras e frutas, que tanto bem fazem ao organismo humano.

Essa realidade levou um médico norte-americano a pesquisar o por que da saúde de al-

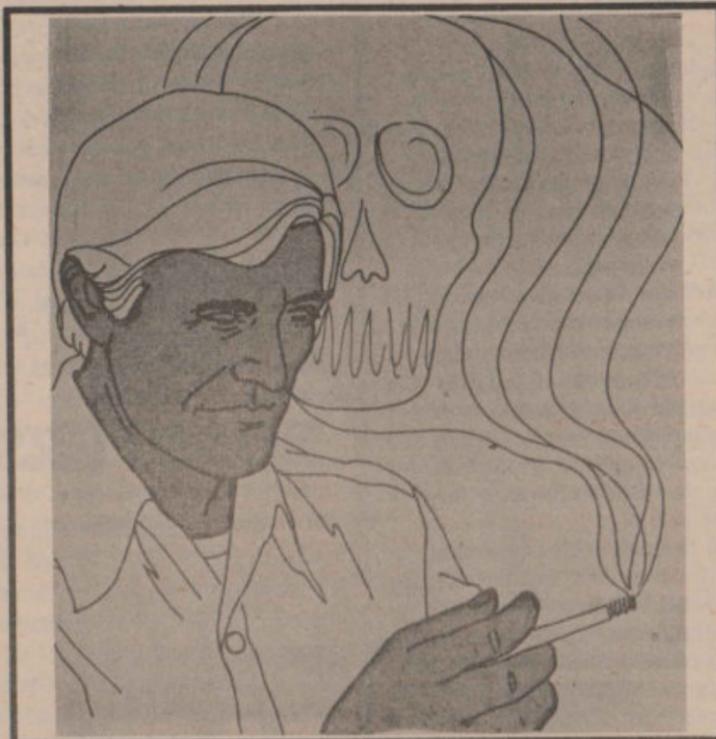
guns povos primitivos da África que desconhecem as doenças cardio-vasculares, a flebite, as hemorróidas, as varizes, o câncer e a própria obesidade.

O médico é o dr. David Reuben, que chegou a editar um livro intitulado "The Save-Your-Life Diet", que numa tradução simplificada pode se ler "salve a sua vida com a dieta".

O dr. Reuben disse: "Um paraíso de saúde, um lugar onde ninguém ouviu falar de ataques cardíacos, onde o câncer é desconhecido, onde não existem flebite, apendicite, hemorróidas, varizes ou obesidade".

Nos parece bem fácil seguir a dieta recomendada pelo dr. Reuben: aipim e tubérculos em geral, soja, arroz, feijão, milho verde, frutas em geral com casca (bem lavadas) e todo o bagaço, pois suas fibras fazem os intestinos trabalhar com regularidade. Vamos cultivar uma horta caseira? No entanto, quem não quiser ter esse trabalho, basta visitar as seções de viveres dos supermercados. Eles têm esses produtos em abundância, e não são os mais caros na escala da alimentação humana.

CIGARRO: ESPECTRO DA MORTE



Numa só bafurada de cigarro há cerca de 9 milhões de partículas de matérias e 1.200 compostos químicos venenosos. Dentre eles alguns são dos mais nocivos à vida humana, tais como a nicotina, piridina, metanol, monóxido de carbo-

no, benzopirene (substância cancerígena), fenol, acetona, arsênico e os ácidos cilítico, málico, acático, tônico e carbônico.

Um cigarro contém 100 miligramas de nicotina. Bastariam 500 miligramas de nicoti-

na injetada na veia de uma pessoa para matá-la, segundo recentes experiências feitas em cobaias.

Não há qualquer dúvida, deixem enganar-se quem quiser: fumar é um hábito extremamente perigoso. E perigoso à saúde pessoal mas também altamente nocivo a terceiros, pois é comum o cigarro transformar-se em agente de tragédia coletivas. Mas basta que fiquemos no terreno da saúde humana para que o cigarro caracterize o próprio espectro da morte.

Achamos que é atitude desumana e até desonesta, iludir-se pessoas, principalmente as mais jovens, com publicidade do cigarro. O Governo (por maiores impostos que possa receber do cigarro) deve ser conscientizado desse perigo, pois não há dinheiro que pague a saúde de nossa juventude. Que um cidadão adulto e consciente adote o hábito de fumar, é um problema dele. Mas que se abra as portas do hábito tenebroso à juventude, através de publicidade tecnicamente perfeita, é, sem dúvida, um crime de lesa juventude.

MORTALIDADE NO BRASIL

As estatísticas voltadas para os setores da saúde pública vêm revelando nos últimos tempos dados que mostram evolução nas mortes por consequência de males endêmicos. A tuberculose também é outro mal, consequência da sub-nutrição, que segundo estatísticas mais recentes, tem aumentado seus índices.

A propósito, convém lembrar que o relatório anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), relativo ao ano fiscal de 1973, revelou um dado bastante desanimador sobre o Brasil em relação aos demais países latino-americanos. É que o Brasil foi apresentado naquele relatório como o país que menos investiu na saúde pública em 1972. A estatística a seguir foi revelada há pouco, e mostra nosso País em último lugar na tabela das despesas governamentais, com apenas 0,5%.

PAIS	% de Despesa Governamentais em Saúde Pública.
Uruguai	16,6 - 70
Barbados	15,6 - 72/73
Haiti	14,5 - 71/72
Venezuela	14,3 - 72
Republica Dominicana	13,3 - 71
El Salvador	12,1 - 71
Jamaica	11,1 - 72/73
Trinidad y Tobago	8,7 - 72
Honduras	8,5 - 73
Guatemala	8,4 - 73
Chile	7,9 - 71
Panamá	7,8 - 72
Paraguai	7,6 - 72
Colômbia	6,9 - 72
Bolívia	5,8 - 71
Peru	5,5 - 73/74
Argentina	4,8 - 73
Equador	4,8 - 73
México	4,2 - 73
Nicaragua	4,0 - 72
Costa Rica	2,9 - 72
BRASIL	0,5 - 72

ALIMENTO SADIO

Dentre os alimentos mais sadios está o leite. Não somente alimenta como poucos, mas até tem poderes medicamentosos, preservando o organismo humano de moléstias graves.

Neste caso, segundo cientistas japoneses, está o câncer. Tomar dois copos de leite por dia diminui o risco de câncer no estômago, afirmou recentemente um pesquisador nipônico.

O leite é riquíssimo em valores proteicos. O leite e seus sub-produtos, queijo e manteiga, quando puros, contém as vitaminas A, B-1, B-2, B-6 e E.

Não resta dúvida que todos os fatores que favorecem a saúde, estão no leite. Os médicos afirmam sempre: conserve e proteja sua saúde bebendo mais leite.

CARTEIRA DE SAÚDE

TIPO DE VACINA	ÉPOCA EM QUE DEVE SER FEITA	DATA EM QUE DEVE FAZER	DATA EM QUE FOI FEITA	LOCAL ONDE FOI FEITA (POSTO DE SAÚDE, OU OUTRO)
VACINA TRIPLICE, CONTRA DIFTERIA, TETANO E COQUELUCHE, JUNTO COM SABIN (CONTRA A PARALISIA INFANTIL)	A PARTIR DOS DOIS MESES DE IDADE, TRÊS DOSES, COM INTERVALO DE DOIS MESES			
VACINA ANTI-VARIÓLICA	APÓS OS TRÊS MESES DE IDADE			
VACINA CONTRA O SARAMPO	APÓS OS SEIS MESES DE IDADE			
1.º REFORÇO DA TRIPLICE + SABIN	APÓS OS DEZOITO MESES DE IDADE			
2.º REFORÇO DA TRIPLICE + SABIN	ENTRE OS TRÊS E OS SEIS ANOS DE IDADE INCOMPLETOS			
BCG PARENTERAL (CONTRA A TUBERCULOSE)	A PARTIR DOS SEIS ANOS			

Se você não pode comparecer no dia marcado para a vacina, traga o seu filho logo que puder. Não deixe de vaciná-lo. A vacina antitetânica deve ser feita nas grávidas, a partir do 5.º mês de gestação e nas outras pessoas a cada dez anos, depois da última dose da triplíce. Todo o escolar deve ser vacinado contra a tuberculose com BCG parenteral (injetável).

A POBREZA DA COMUNICAÇÃO RURAL BRASILEIRA

Com intenções prometidas de debate, porém impondo o velho jargão da frase feita na palestra adrede preparada que soa bem aos ouvidos dos presentes mas deixa pouco em termos de aproveitamento prático, foi promovido em São Paulo, a 6 de maio, um encontro de "informação rural". Intitulado "Painel de Debates" e promovido pela revista Agricultura de Hoje e Associação Brasileira de Informação Rural, além da co-participação de Sementes Agroceres, o encontro reuniu no salão nobre do Banco Nacional, jornalistas rurais, autoridades e empresários do setor de insumos.

O Rio Grande do Sul esteve presente ao encontro através dos veículos "Cotrijornal", "Agricultura & Cooperativismo" e "O Interior", respectivamente, da COTRIJUI, FECOTRIGO e Fundação da Produtividade. Mas se de um lado a representação gaúcha lamenta a deficiência dos objetivos práticos do encontro, onde se confundiu Informação com Comunicação e Jornalismo com Publicidade Rural, podemos concluir que foi válida nossa presença, em face de termos podido cotejar nosso avanço no importante setor.

Os representantes do jornalismo rural do Rio Grande do Sul declararam, para espanto dos demais participantes ao encontro, que a tiragem dos veículos gaúchos que cobrem essa área, apenas os vinculados ao cooperativismo, já ultrapassa a casa dos 100 mil exemplares por mês. E o mais importante não chega a se constituir na tiragem desses veículos (jornais e revistas), mas na qualidade dos mesmos. O jornalismo rural no sul, a despeito de seus padrões ainda irregulares, o que não permite uma generalização de aparência e conteúdo editorial, mas graças precisamente aos jornais de cooperativa, distancia-se em muito do panorama nacional.

Menos mal porém, pelo fato de haver consciência do problema. O presidente da Associação Brasileira de Informação Rural, Luiz Octávio Pires Leal, ressaltando que há flagrante necessidade de jornalistas rurais verdadeiramente capacitados, citou os Estados Unidos onde existem no mínimo 50 faculdades de jornalismo rural, onde a menor delas (a de Cornell) mantém uma matrícula de 150 alunos. Ponciano Cavalcanti, diretor de operações da EMBRATER, destacando a necessidade de jornalistas culturalmente gabaritados, defendeu a idéia de "uma comunicação global, onde o comunicador tenha condições de formar opiniões, levando ao homem do campo a às comunidades rurais em geral, a cultura que ele tanto necessita e a qual não tem acesso".

O conhecimento tácito dessa realidade levou o representante do "Cotrijornal" a sugerir que dentre outras conclusões do Painel, se sugerisse ao Conselho Federal de Cultura a inclusão da disciplina de Comunicação Rural aos cursos de Comunicação, como opção de especialização dos futuros bacharéis em jornalismo, a partir do terceiro ano do respectivo curso. A proposição foi aprovada.

Em suma, foi pobre a projeção do Painel. Mas essa pobreza caracterizou o que há de pobre e de empírico no contexto da Comunicação Rural no País. Para os participantes gaúchos, segundo concordância unânime, ficou a certeza de que pelo menos o jornalismo a nível de cooperativa, o Rio Grande do Sul está trilhando o caminho certo.

A conscientização do jornalismo agrícola no Rio Grande do Sul vem de longa data. A foto abaixo é de 1959 e mostra o jornalista Raul Quevedo proferindo palestra sob o tema comunicação Rural, na Escola Normal José Bonifácio de Erechim. Ladeando o orador o prefeito municipal da época, o diretor da escola e outras autoridades.

SESQUICENTENÁRIO DA IMPRENSA GAÚCHA

A 1º de junho de 1827 circulava o primeiro jornal do Rio Grande do Sul. Era o "Diário de Porto Alegre", que segundo pesquisa feita pelo historiador Francisco Riopardense de Macedo, circulou durante todo o ano de 1827 e meados de 1828.

Segundo movimento intelectual nascido na Associação Riograndense de Imprensa e encampado posteriormente pelo Museu de Imprensa "Hipólito José da Costa", o importante evento será comemorado durante todo o restante deste ano. O Museu "Hipólito José da Costa" promove um concurso de monografia sobre o surgimento e evolução da imprensa no nosso Estado e a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, em face de decreto assinado pelo

prefeito Guilherme Socias Villela, gravará em toda a correspondência a ser expedida um carimbo especial com os dizeres: "1827 - 1977 - Diário de Porto Alegre - Sesquicentenário da Imprensa no Rio Grande do Sul".

Referido carimbo será colocado no anverso dos envelopes de todas as correspondências dos órgãos da administração municipal.

O Diário de Porto Alegre era impresso numa sala do Palácio do Governo, e era dirigido por Lourenço Júnior de Castro, sendo seu tipógrafo Francesco Dubreuil. O jornal, que circulava diariamente, publicava atos oficiais refletindo a orientação do Governo, que tinha a frente Salvador José Maciel.

CLUBE DE IMPRENSA HIPÓLITO DA COSTA

O Clube de Imprensa "Hipólito José da Costa", de Ijuí, em assembléia realizada a 14 de maio último, renovou sua diretoria para o próximo ano diretivo. Para a presidência foi eleito o jornalista Raul Quevedo, editor deste jornal, que substituiu Valmir Beck da Rosa, também do "Cotrijornal". Foi eleito para a vice-presidência o radialista José Guedes, da Rádio Progresso. O conselho fiscal ficou integrado por Ademar Campos Bindé, editor do "Jornal da Manhã"; Moisés Mendes, editor do "Correio Serrano" e Eurides Martins, do Departamento Fotográfico do

"Jornal da Manhã". Na suplência do conselho fiscal ficou o radialista Luis Roque, da Rádio Repórter. Para o Departamento Cultural e de Recreação do CIHJC, foi indicado o ex-presidente, Valmir Beck da Rosa.

A diretoria eleita escolheu - já que se constituem de cargos de confiança - para a secretaria: Roseane Della Flora, do "Correio Serrano" e para tesouraria o colega Delfino Coimbra, da Rádio Progresso.

PRESIDENTE DA ARI

Tendo em vista sua escolha para presidir o Clube de Imprensa Hipólito José da Costa,

o editor do "Cotrijornal" recebeu a seguinte correspondência do dr. Alberto André, presidente da Associação Riograndense de Imprensa:

Prezado jornalista Raul Quevedo. Dirijo-me ao distinto colega e amigo, a fim de formular os cumprimentos pela sua eleição e posse na presidência do prestigioso Clube de Imprensa Hipólito José da Costa, de Ijuí.

Com as congratulações, formulo-lhe os melhores votos da ARI, e seus dirigentes pelo êxito do seu trabalho a frente do Clube. Cordialmente, Alberto André, presidente.

AFFONSO RITTER O VENCEDOR DO PRÊMIO COTRIEXPORT/76

Assinando uma série de reportagens sobre soja, o jornalista Affonso Ritter, editor de economia de "Zero Hora", venceu o Prêmio Jornalismo Cotriexport-1976, fazendo juz a uma viagem aos Estados Unidos para visitas técnicas a zona

agrícola daquele País. O segundo lugar coube à equipe do jornal "O Interior", da Fundação da Produtividade, com sede em Carazinho. Este prêmio é de dez mil cruzeiros em dinheiro e uma visita às instalações da CO-

TRIUI. O terceiro lugar foi conquistado por Rejane Baetta e Ricardo Chaves, que assinaram na revista "Transporte Moderno" do Grupo Abril, uma reportagem sobre transportes e o "pool" da FECOTRIGO.

66 ANOS DO "DIE SERRA POST"

De propriedade da Empresa Jornalística Ulrich Low, a mesma organização que edita o "Correio Serrano", completou 66 anos de circulação ininterrupta a 12 de maio último,

o "Die Serra Post", impresso em língua alemã. Ele circulou pela primeira vez a 12 de maio de 1911 como órgão independente, passando a circular em 1917 como suplemento do "Cor-

reio Serrano".

Foi fundado pelo imigrante alemão Roberto Low, já desaparecido, sendo dirigido atualmente por seu filho, jornalista Ulrich Low.



RELAÇÕES PÚBLICAS

Luís Fernando VERÍSSIMO

Desconfio que os historiadores — ou arqueólogos — do futuro (se houver um futuro) falarão de nós como a Era das Relações Públicas. Esta terá sido a época em que o que importava não era você, era a sua imagem. O sucesso não era uma vitória do talento, da virtude ou da perseverança mas um triunfo de "marketing" (pronunciava-se marquetchim) e de bons contatos. E nenhum crime — salvo, talvez, a matança de pombos — era tão hediondo que não pudesse ser recuperado com uma boa campanha proporcional.

Relações Públicas é uma especialização recente. Não existia, por exemplo, na época de Herodes. E por uma questão de justiça histórica um vilão como Herodes deveria se beneficiar das modernas técnicas de Relações Públicas, numa espécie de limpeza retroativa da sua barra. Posso imaginar o "briefing" que circularia no escritório da RP encarregado da conta Herodes.

"De: Departamento de Pesquisa e Planejamento.

Para: todos os departamentos.

Assunto: Operação Rei das Creches.

Imagem negativa do Cliente se deve a boatos, nunca documentados, de que teria ordenado o massacre de todas as crianças do sexo masculino nascidas na Judeia em determinada época. Os boatos se sacramentaram pelo uso repetido. Descendentes do Cliente querem reabilitar seu nome e, se possível, acionar, por calúnia e difamação, aos editores da Bíblia. Nossa estratégia deve ser cautelosa, pois o assunto tem conotações religiosas delicadas. Devemos atacar em uma destas três frentes, ou nas três simultaneamente, quando possível:

1) — Questionando a veracidade do relato bíblico. A Bíblia como se sabe, tem sido muito criticada ultimamente pela sua imprecisão histórica e lapsos jornalísticos. Ninguém duvida, por exemplo, que as águas do Mar Vermelho se abriram mas a Bíblia não revela como as tribos de Israel passaram pelo fundo do mar sem atolar na lama. Podemos encomendar alguns artigos sobre incongruências na Bíblia. "Se só os animais que estavam na Arca de Noé não morreram no Dilúvio, como foi que os peixes sobreviveram?" Coisas assim. Prepararíamos o terreno para a revelação de que Herodes apenas mandara fazer uma circuncisão em massa dos recém nascidos e não tinha culpa se a faca escapara.

2) — Aceitar o massacre mas insinuar que ele não fora, necessariamente, uma coisa ruim. Artigo no "Readers Digest": "Genocídio: pros e contras". Ressaltar que Herodes só mandara matar meninos e procurar a simpatia de grupos feministas.

3) — Vender a ideia de que Herodes mandara matar, sim, mas se arrependera logo depois e adotara várias crianças da região. Todas meninas, claro. Propor a criação de uma rede internacional de Creches Herodes".

Ou então:

"De: Departamento de Pesquisa e Planejamento.

Para: todos os departamentos.

Assunto: reabilitação de Adolf Hitler.

Nossa tarefa é difícil mas não impossível. Eis algumas sugestões a serem desenvolvidas: Hitler queria mesmo era ser um simples pintor de paredes. Mas os tempos eram difíceis, a profissão pouco rendosa e ele se viu obrigado a tentar outras coisas, como dominar o mundo.

— Foi tudo para impressionar uma namorada. Ele pretendia devolver o mundo, no fim.

— Poucos sabem que Hitler era, na verdade, um agressivo vendedor dos armamentos Krupp que só se excedeu um pouco na conquista de novos mercados porque o fixo era muito baixo e ele dependia das comissões. Uma vítima do sistema.

— Está bem, está bem. Ele fez tudo o que dizem, mas era limpo, respeitoso com os mais velhos e um anti-comunista ferrenho. Vamos nos concentrar no que interessa!"

Uma boa campanha de RP faria maravilhas com a imagem de vilões famosos como Barba Azul ("Se lá existisse o divórcio, nada disto teria acontecido"), Jack o Etripador ("Todos falavam contra a prostituição mas ninguém fazia nada a respeito"), Átila o Huno (inventor do aristocrático esporte do polo a cavalo; mais tarde substituíram as pessoas por uma bola) Etc. etc.

ZORRILHINHA! VOCÊ DARIA ESSE NOME À SUA FILHA?

Raul QUEVEDO

Pafúncio, Praxedes, Cunegundes, Esbório, Aristóbulo, Santo Anjo de Jesus Amém, Um Dois Três de Oliveira Quatro; ou os femininos: Arcanja Benvenida, Santa Santíssima, Bela Belavinda, Ursulina, Metódica da Silva, são prenomes comuns em determinadas regiões do interior brasileiro. É evidente que tais apelidos, ao serem registrados com o nome herdado da família, passam a expor seus portadores ao ridículo, influenciando quase sempre no comportamento social e profissional da pessoa, em forma negativa.

Essa realidade influenciou a adoção de legislação a respeito, com vistas à preservar o indivíduo, já do berço ou do ventre materno, garantindo-lhe um prenome que não o exponha a situações vexatorias. Agiu bem o legislador. E pode dizer-se que agiu tarde. Basta compulsar almanaques e até mesmo as listas telefônicas para constatar-se o esdrúxulo de nomes sabidamente desrespeitosos a seus portadores. Haja visto o que os jornais publicaram há dias sobre o pretendido prenome que um pai de Alegrete quis dar à sua filha: Zorrilhina. O argumento do pai ante o incrédulo escrivão, foi de que a criança urinava na cama.

Vejam só os dois azares dessa pobre crian-

ça. Se urinava além do normal, é evidente que necessitava de cuidados médicos. Mas o pai sequer pensou nisso. Limitado pela ignorância, pretendeu eternizar na menina a identificação com o fétido animal. Argumentando em termos legais, o escrivão barrou a intenção boçalíde do pai. Muito bem. A Lei existe e foi aplicada no sentido mais amplo da justiça.

MÁ INTERPRETAÇÃO

Quando o legislador aplicou o diploma quis evitar os Pafúncios, Praxedes, Cunegundes e as Santas Santíssimas, Benvidas e Metódicas. Foi esse, apenas esse, o espírito da Lei. No entanto, interpretando a Lei a seu modo, alguns titulares de cartórios de registro estão exigindo dos pais que aportuguesem nomes que a tradição resguardou e a história registra com respeito e admiração pois os mesmos quando pronunciados evocam respeitáveis vultos da humanidade.

De nossa parte, esperamos que os titulares de cartórios não permitam, de forma alguma, registros como o de Zorrilha, Ursulina, Aristolina e Santa Santíssima. Apenas isso, pois é a Lei.

Talvez tenhamos de voltar ao assunto.

O DIVÓRCIO

O. ILGENFRITZ

O incansável lutador, senador Nelson Carneiro, reiniciou sua nobre ofensiva visando moralizar os costumes no Brasil. Quem combate o divórcio, permitindo a existência do desquite, ou é inconsciente ou é mal intencionado.

O catolicismo romano ainda não evoluiu frente aos avanços da técnica e da ciência. Até na Itália, onde está situado o QG da religião católica, apesar de terem assustado os eleitores com os fogos eternos do inferno, o povo votou pelo divórcio. E tem mais: Com que autoridade podem celibatários falar sobre casamento e divórcio? — Nenhuma.

Nós sempre fomos partidários de que os pais casem, para sentirem na prática o que é a responsabilidade de um lar. Conservando-se em celibato, estão eles contrariando a própria lei divina.

Desde menino, sentimos sempre uma profunda angústia quando se nos depara o tristíssimo quadro da dissolução de um lar. Sempre que nos foi possível, envidamos todos os esforços para reconciliar casais em atrito. Muitas vezes é uma coisinha simples que, com habilidade, torna-se possível reajustar o casal.

Na própria Rússia, onde certos fanáticos religiosos afirmavam que não existia casamento, que viviam como animais, existe divórcio, e, para conseguir este, não é coisa fácil. Lemos vários casos em que as juízas — pois lá tem muita mulher togada — mandaram fazer até eletroencefalogramas e outros exames eletrônicos, para verificar se os desajustados não estavam com algum "parafuso frouxo". . . muitíssimos casos foram solucionados, harmonizando casais.

Para um casal se desquitarem aqui no Brasil, a coisa é tão fácil que causa revolta ao indivíduo

que deseja ver os casais unidos e felizes. Por insistir no tabu do vínculo indissolúvel, se na realidade o dissolvem da forma mais ridícula possível.

Dissolvido o casamento pelo desquite, homem e mulher ficam no ar, sem poder legalmente organizar nova vida. O homem, revoltado por terem reduzido seu lar em frangalhos, pouco importa-se em destruir o lar dos outros. A mulher, quando a cultura é pequena, revoltada ingressa na prostituição, tornando-se vítima de uma corja imunda de indivíduos sem a mínima dignidade.

Nada existe na face da terra mais digno e mais nobre do que um homem e uma mulher unirem-se por amor. O fardo da vida torna-se suave, maravilhoso mesmo quando um homem e uma mulher se querem mutuamente.

A mulher é a obra-prima do Criador. Certos indivíduos ignorantes entendem que o homem é o tal, esquecendo que ele saiu de uma mulher e que para continuar a vida com dignidade, necessita de uma mulher também. Nos dias em que vivemos, existe uma legião de desajustados, viciados no álcool, no fumo e nos estupefacientes, que seria um crime fazer uma mulher suportá-los sob o fundamento dogmático do "vínculo indissolúvel!"

Só o amor e a mútua compreensão entre os membros de um casal é que poderá tornar o vínculo indissolúvel, só a morte os separando. Um dogma fossilizado, não pode entrar o Brasil, entre os países evoluídos e progressistas.

O divórcio é uma necessidade imperiosa, moralizadora, e o nobre senador Nelson Carneiro merece os aplausos de todos os brasileiros que não estão encerrados no "círculo de giz", capaz de "aprisionar" o nosso tradicional peru. (Transcrito do Diário Serrano de Cruz Alta, 3/4/77).

JUBILEU DE PRATA EM IJUI

No dia 28 de maio foi comemorada festivamente a passagem do Jubileu de Prata do Rotary Club de Ijuí, com uma série de acontecimentos alusivos e que sempre reúne o que há de mais representativo na família rotária.

As solenidades tiveram começo no dia 27, quando comissão de companheiros rotarianos fez visitas de cortesia aos órgãos de comunicação da cidade. No dia 28, às 8,00 hs recepção e inscrição dos visitantes, tendo por local a Sociedade Ginástica. Às 9,00 hs, homenagens póstumas ao fundador do Rotary Club de Ijuí, Carlos Guilherme Erig, extensivas aos demais companheiros desaparecidos e à sra. Olinda Enriconi, fundadora da Casa da Amizade, tendo por local o cemitério local.

Às 10 horas foram solenemente inauguradas as ruas Carlos Guilherme Erig e Olinda Enriconi, que significou uma homenagem da municipalidade aqueles ilustres nomes da história de Ijuí.

Às 15 horas foram feitas visitas de cortesia aos sócios honorários, companheiros José Francisco Sabo e Jorge A. Joaquim Queruz e às 16 horas retreta na praça da República executada

pela Banda Municipal "Carlos Gomes", um oferecimento da Secretaria Municipal de Turismo, levando música ao vivo para o povo em homenagem ao Jubileu rotário.

O ponto alto da festa aconteceu à noite, com jantar festivo na Sociedade Ginástica seguido de baile na boite Las Vegas.

Personalidades rotárias do Estado prestigiaram o acontecimento festivo de Ijuí, tendo-se destacado o sr. João Galant Júnior, governador do Distrito à época da fundação do Ijuí; Lúcio Mascarenhas, que como presidente do Rotary Club de Cruz Alta na época, foi o padrinho do Rotary Club de Ijuí, entre outros.

Na parte local, presentes as autoridades civis e militares e representantes de todas as tendências religiosas e representantes da imprensa, prestigiaram os atos festivos do Jubileu de Prata do Rotary Club de Ijuí.

Na fotografia aparece o presidente do Rotary Club de Ijuí do ano do Jubileu de Prata, Hilton Guilherme Corrêa Leite, quando dava por encerrada a reunião festiva de 28 de maio.



A FUNDAÇÃO DO CLUBE EM 1952

Na noite de 26 de março de 1952 reuniram-se no Clube dos Comerciantes (extinto há vários anos), em sessão preliminar para fundar o Rotary de Ijuí, os srs. Aristeu L. S. Hoenisch, Arno Glitz, Alberto Sabo, Antonio Cardoso, Bruno Fuchs, Carlos G. Erig, Eugênio Michaelson, Erno Fritz, Gustavo A. Geiss, Henrique R. Gressler, José F. Sabo, João Ewaldo Kirst, Jorge A. Joaquim Queruz, Pedro Dupuy Neto, Oscar A. Hoerlle, Rodolfo Schneider e Siegfried B. Costa.

Fundado o Rotary Club de Ijuí, foi eleita uma diretoria provisória integrada por Carlos Guilherme Erig, presidente; Pedro Dupuy Neto, secretário e Aristeu Luiz Sabo Hoenisch, como tesoureiro.

Na reunião seguinte, a 9 de abril, foi eleito o primeiro conselho diretor do clube, com

a seguinte constituição:

Presidente, Carlos Guilherme Erig; 1º secretário, Pedro Dupuy Neto; 2º secretário, João Ewaldo Kirst; 1º tesoureiro, Aristeu L. S. Hoenisch; 2º tesoureiro, Arno Glitz; diretor de protocolo, Pelópidas Glasherster. Diretores de admissão — José F. Sabo, Eugênio Michaelson e Bruno Matte. Diretores de classificação — Jorge A. J. Queruz, Bruno Fuchs e

Oscar A. Hoerlle. A instalação do clube ocorreu a 14 de abril sob a presidência do governador João Galant Júnior (Distrito 124) e com a presença de Júlio Gaspar Renner, de Montenegro.

Conforme se constata, a fundação aconteceu a 14 de abril, mas a Carta de fundação de Rotary Internacional é posterior, somente vindo a acontecer em maio.

O conselho diretor de 1976-1977 (Ano do Jubileu de Prata) é presidido por Hilton G. Corrêa Leite, tendo como secretário Hugo Von Eye e tesoureiro Devanil Fagundes Barbosa.

O conselho diretor para a gestão 1977-1978, já eleito, é encabeçado por Devanil Fagundes Barbosa; tendo como secretário Celso Lucchese e 1º tesoureiro, Ivo Wayhs.

SINTESE HISTÓRICA DO ROTARY

No dia 23 de fevereiro de 1905, em Chicago, no estado de Illinois, Estados Unidos, um jovem advogado chamado Paul Harris, fundava o primeiro clube rotativo para executivos e profissionais com o objetivo, de um lado, de ampliar o relacionamento entre esses profissionais e de outro, aproveitar a troca de experiências entre as diferentes atividades congregadas no clube.

Era o nascimento dos Rotary Clubes.

Hoje há Rotary clubes praticamente em todo o mundo, somando 16 mil entidades que congregam mais de 800 mil membros. Há Rotary em Aden, no Iêmen do Sul e na Austrália; em Ceilão, nas ilhas Fiji e na Finlândia; na Suécia, na Suíça e nas três Américas. Para ser mais exato, há Rotary clubes em mais de 150 países e regiões

geográficas diferentes.

E tudo isso começou muito modestamente pelo ideal de um único homem, conforme o relatado linhas atrás. Durante alguns anos o ideal rotário ficou restrito aos Estados Unidos Chicago, Boston, Nova Iorque, São Francisco, Memphis. Em agosto do ano de 1910 havia 16 clubes no País. Aliás, foi nesse ano que se realizou a primeira convenção rotária. O en-

contro aconteceu em Chicago, reunindo cerca de 1.500 sócios. Dois anos depois, em 1912, nova convenção, em Duluth, estado de Minnesota, quando estiveram representados 50 clubes e com um fato de excepcional significação para a vida futura do clube: o internacionalismo. Duas delegações, uma de Winnipeg e outra de Manitoba, Canadá, tornaram a organização internacional. Após esse aconte-

tecimento de grande repercussão na época, o Rotary passou a crescer vertical e horizontalmente. Vertical porque aumentou sensivelmente o número das classificações profissionais e horizontalmente porque passou a alastrar-se pelo mundo inteiro.

No Brasil, o primeiro Rotary Clube foi fundado no Rio de Janeiro, no ano de 1922.

DADOS BIOGRÁFICOS DO FUNDADOR

O fundador do Rotary International, Paul Percy Harris, nasceu em Racine, pequena cidade do estado de Wisconsin, a 29 de abril de 1868. Foi o segundo de uma prole de seis irmãos. Filho de Georg H. Harris e Cornélia Harris.

Formado em Direito, demonstrou inclinação a princi-

pio para viajar, pois desejava ardentemente conhecer o mundo. E como não era rico, enfrentou necessidades e até mesmo submeteu-se a riscos, mas percorreu em princípio o seu próprio País de ponta a ponta e depois passou a percorrer os países estrangeiros. Inglaterra, França, Suíça, Holanda, Bélgica, Irlanda,

Itália e Áustria, na Europa. Depois retornou ao continente de origem, percorrendo as ilhas Bahamas e todo o território cubano.

Ao longo de todo esse itinerário trabalhou em tudo o que foi atividade ou profissão. Desde jornalista, escrevendo para jornais do Illinois e Minne-

sota, professor e por vezes submeteu-se a desempenhar as atividades mais modestas como empacotador, caixeiro viajante, cortador de feno, enfardador de cereais e até vaqueiro. Passou necessidades e até fome, conforme atestam seus biografos; mas cumpriu a missão que se traçara para si mesmo; co-

nhecer o máximo de mundo possível.

No futuro, já rico e famoso, voltou a viajar em benefício da causa rotária. Paul Harris esteve no Brasil juntamente com sua mulher, Jean, em abril de 1936. Faleceu a 27 de janeiro de 1947, com a idade de 79 anos.

BOLEANDO EMA

Segundo JOÃO DO SUL

Pois esta eu lhe conto com a paz de espírito de um padre bem almoçado. E digo mais: não gosto de empulhação. Só de ouvir balaquerice, desconheço até irmão.

Sucedeu pras bandas da fronteira, nos tempos da meninice do avião . . . bolear ema era a nossa diversão. Nossa sim. Minha e do mano Laurindo; taura valente e ladino, dos mais campeiros que já vi.

Bem montados e aperados — eu de zaino ele de picaço — cruzávamos esses varzedos — em terra firme ou a nado — até com china na garupa. E lhe digo "mui modesto", era zaz traz e num upa, se parava qualquer rodeio: um leve toque no freio e os pingos, só não falavam . . .

Bueno! Mas deixe lhe contá o causo, pois não sou de muita zarzuela e já estou agindo com a guela, mais do que costume fazer. Já lhe disse no princípio, foi na meninice do avião. Eram aeroplanos menores, com motor a gasolina e corta-vento na frente. E dava gosto correr ema à rédea solta no campo, para o pealo e o tombo. O bicho na boleadeira, subia e num mesmo impulso, cata-plum! Lavrava o campo . . .

Quando apareceu o tal de avião, a coisa ficou mais divertida. Era a máquina roncar naquela margem do campo e o bicharedo levantava na base do "por aqui não tem espinho . . .". E eu e o primo, cada qual no seu tobiano atrás, e dele pealo.

Depois, o avião nos poupou o trabalho. Nós, eu e o pai, que Deus o tenha.

Era a máquina roncar lá em cima, e eu de tordilho, por aqui. Ema em pé, ema deitada; ema em pé, ema deitada na maneira do pealo.

Naqueles tempos dava gosto de se ver. Esses campos eram povoados de caça. Emas, cotovias, perdigão, patos selvagens. Era dá um grito à beira desses banhadais e o voejar das aves encobria o sol em pleno meio dia. Não é como hoje que só se vê alguma perdiz ressabiada, enfraquecida pelos venenos das lavouras.

Num dia que estava disposto (e meu baio mais ainda), resolvi aproveitar a caçada com a ajuda do avião. E enquanto a máquina voava, levantando a bicharada, eu por baixo, no pealo. Era o avião por cima: vrrrooommm, e eu por baixo, no tostado: prá cá tá, prá cá tá, prá cá tá. E nos mandamos, campo a fora, por esse mundo de Deus. Corta campo, cruza rio; sobe e desce, corre e vòa. Era o avião por cima e nós por baixo: vrrrooommm e prá cá tá, prá cá tá, prá cá tá. Derrubei quinhentas emas, atropeliei touro bravo, pisoteei em porco-espinho e até um leão baio, que passava distraído, pealei pelo focinho . . .

E para encurtar o causo (pois não sou de zarzuela), quando me dei por conta, estava do outro lado . . . Tinha atravessado o meu Rio Grande e estava em Montevideú, disputando carreirada com os autos na Agraciada. O meu erro foi seguir o danado do avião, esquecendo que montava o mais veloz alazão . . .



FANTASMAS DO RIO ANTIGO NO LARGO DO BOTICÁRIO

O Rio de Janeiro culto, festivo e poético, que reviverá eternamente na memória de seus escritores, poetas e compositores, chora à saudade de seus pontos pitorescos mais expressivos. O Rio da Lapa, de Mangueira, Praça Onze; do largo do Machado, do Catete, da Urca e da estação Primeira, tudo isso é hoje — e no máximo — letra de samba, crônica sentida e, largo do Boticário. Sim, o largo do Boticário é o que resta do Rio Antigo. Ali, no centro do largo, tendo por pano de fundo sobrados do século XVIII, casarões,

ameias e paredões enfeitados com azulejos portugueses, respira-se um ar de quase Idade Média.

Pode se dizer que na orgia dos espigões, das avenidas expressas e do modernismo que avassalou o Rio em todos os quadrantes, o largo do Boticário é a estampa da saudade, de quando as ruas cariocas viam tráfegar o bonde puxado a burro, das modinhas e serenatas, das damas de anquinhas e sombrinhas coloridas; dos versos declamados ao vivo por Bilac e das tiradas pitorescas de Emílio



de Menezes. É pena que a foto que estampamos, que tomamos a liberdade de tirar do Jornal da Telerj, tenha a presença de automóveis modernos a desfigurar a poesia arquitetônica do conjunto.

CONJUNTO COTRIJUI

Também no que se refere às tradições, a COTRIJUI manifesta preocupação e empenho no interesse que este seja preservado e cultuado. Criado o Conjunto Folclórico Cotrijui, sob a direção artística e orientação de pesquisas de Pedro Darcy Oliveira, o mesmo tem-se apresentado em todas as festas da Associação dos Funcionários bem como tem recepcionado caravanas de visitantes e turistas que tem vindo na COTRIJUI. A foto mostra o Conjunto, fotografado no salão da Sociedade Ginástica, quando do jantar ao diretor-presidente Ruben Ilgen-



fritz da Silva, em homenagem a cooperativista de Destaques distinção recebida pelo líder RBS em 1976.

UM MUSEU À CARROÇA

A carroça ou o carro de boi, qual dos dois foi mais importante no passado brasileiro? Não vem ao caso. Cada um ou ambos, desempenharam seu papel a contento. Aliás, em extensas parcelas do território nacional, continuam ainda a prestar excelentes serviços. Quem já lembrou de construir um museu ou, no mínimo, erguer um monumento à carroça? Vamos gravar no bronze o símbolo do transporte de nossos antepassados?



TROVAS

(Do Cancioneiro Guasca)

João Simões Lopes Neto

Vi o teu rastro na areia
E pus-me a considerar:

Que mimo será teu corpo
Se o teu rastro faz chorar?

Coração que ama a dois
Também pode amar a três
Vai amando de um a um . . .
E deixa todos de vez! . . .

Ei! se a saudade matasse
— Como tem de obrigação —
Muita gente morreria
De pura imaginação!

Não botes lencinho branco
Para o lado donde eu ando,
Dá-lhe o vento . . . abana o lenço . . .
Penso que estás chamando.

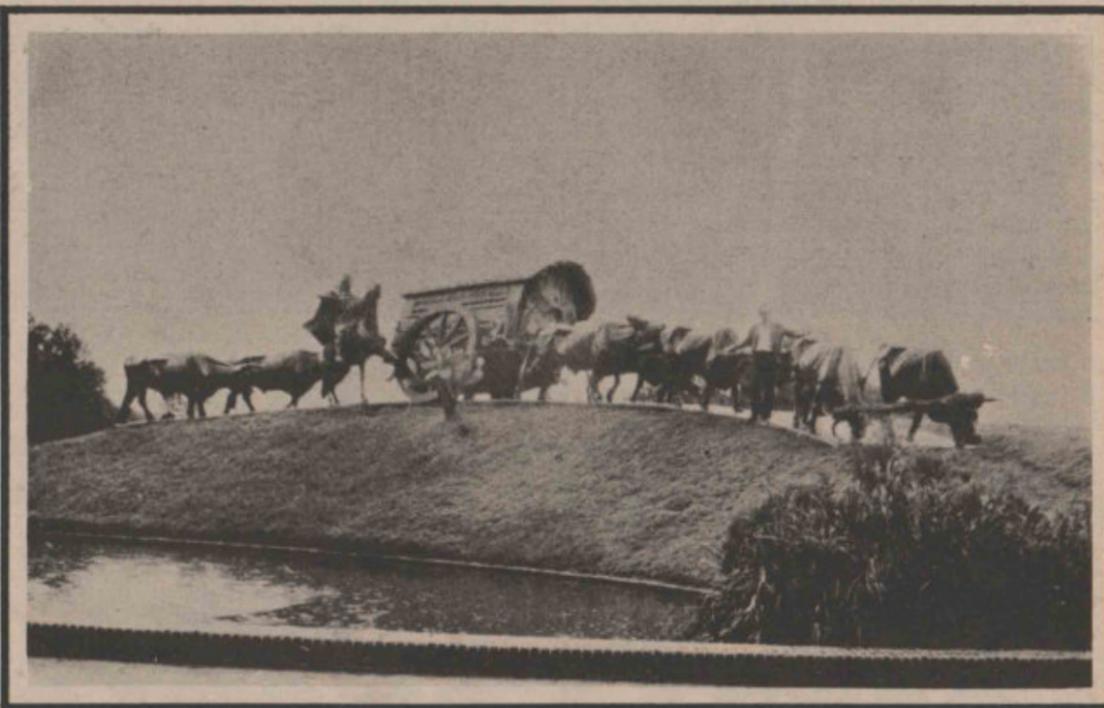
Amar e saber amar,
São dois pontos delicados:
Os que amam, são sem conta;
Os que sabem, são contados.

ESPIRITO DE GRANDEZA

É bastante conhecida a anedota do brasileiro na América, pretendendo "botar banca" ante a inflexível irredutibilidade do americano para o grande, para o majestoso, para o "sem igual". Era o brasileiro falar no paulistano Martinelli (na época era o que tínhamos de maior) e o estadunidense respondia com o "Empire State Building", dando ainda de inhapa o "Rockefeller Center", o "Trade Center" e outros absurdos da engenharia vertical que enjaulam os indivíduos nas cidades grandes. Naturalmente que o brasileiro perdeu todas. Sua vingança (bem ao jeito brasileiro) aconteceu quando o gringo veio ao Brasil. O anfitrião agarrou a maior tartaruga que encontrou e zaz, colocou entre os lençóis da cama do visitante. Foi o gringo deitar e saltou fora gritando: "tem um fera no meu cama! . . ." O brasileiro, com a cara mais deslavada deste mundo disse que era uma pulguinha brasileira . . . Ai sim o americano concordou que "no América os pulga ser menor que o brasileira".

Essa anedota nos veio a memória quando recebemos do Serviço de Imprensa da Embaixada dos Estados Unidos a foto que ilustra este comentário. Num atestado do espírito de grandeza dos americanos eles construíram na cidade de Chicago esse "bastozinho" de beisebol, como símbolo do esporte mais popular no País. Realmente, ante essa grandeza toda, não há pulga, ou quer dizer, não há tartaruga que resista . . .

"LA CARRETA", UM SÍMBOLO



Os uruguaios, orgulhosos do seu passado e ciosos de suas tradições, plasmaram no bronze e ergueram numa das praças mais centrais de Montevideú, o verdadeiro símbolo de um passado bem próximo de nós, a carreta. Na página de Folclore desta edição levantamos a idéia de erguermos um monumento à carreta. A idéia, conforme se vê, não é original, pois desde o princípio do século que o povo do país vizinho reverencia o moroso transporte, na arte magistral do escultor Beloni. No Brasil, temos monumentos ao avião, ao automóvel. Mas praticamente não temos nada que

identifique culturalmente as gerações de hoje em relação ao passado.

Já se disse que o Brasil é um País destituído de memória visual. Isso é exato e é grave. Quem viaja através da Europa praticamente não precisa encerrar-se num museu para estudar o passado daqueles países. Nas ruas e avenidas, nos logradouros, nos edifícios públicos e mesmo nas residências particulares, o observador tem como uma espécie de livro aberto, todo um catálogo de história. Cremos que está na hora de pensarmos em reedificar nosso passado através da única forma possível: o monumento.

OS AMERICANOS E A MAGIA PELAS ARMAS

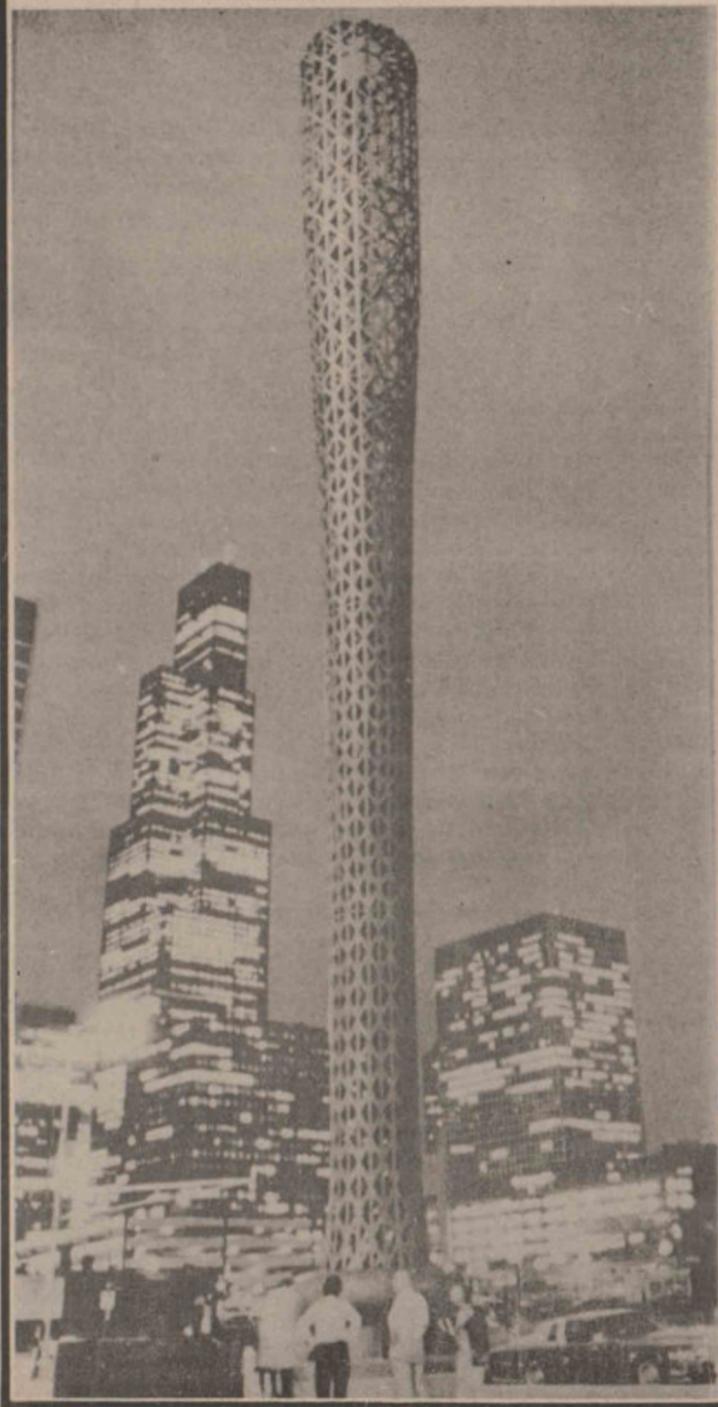
As estatísticas provam: a América do Norte é habitada por um povo armado. A facilidade de aquisição de armas aliada à insegurança pública, impôs a necessidade da arma quase que tanto quanto outras necessidades e hábitos, usos ou costumes. É claro que uma série de motivos determinaram e influenciaram as pessoas para culminar com o "espírito das armas" vigente hoje em todo o País.

Primeiro foram os pioneiros da época da colonização armados para abater os índios, os pistoleiros profissionais e até os búfalos. Depois, quando os índios estavam todos mortos ou circunscritos às reservas e os búfalos abatidos, restaram os pistoleiros — profissionais ou não. Então, o povo continuou armado.

E o espírito das armas está tão arraigado no consenso

geral que aparece com insistência até nas mensagens mais pacíficas e inocentes. A ilustração deste breve comentário atesta essa realidade. O pistoleiro deixa cair a dextra com agilidade e vigor até a altura do cin-

to e encontra no coldre, ao em vez do 38 longo mortífero, uma substanciosa espiga de milho. A mensagem quer dizer: acerte no alvo sempre plantando com sementes de milho tal . . .





BALANÇO DA COOPERATIVA COM SOBRES DE QUASE 13 MILHÕES

As sobras líquidas do exercício, somando exatamente 12 milhões, 970 mil e 484 cruzeiros e a eleição do novo conselho fiscal e respectivos suplentes para o exercício 1977/78, foram os destaques da assembleia geral ordinária da COTRIJUI, realizada na tarde de 24 de maio que passou, tendo por local os salões da Sociedade Ginástica de Ijuí.

Os trabalhos foram instalados às 14 horas pelo diretor-presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, demais diretores e totalidade dos conselheiros, ainda com a presença do diretor da empresa de auditoria que assessora a contabilidade da cooperativa.

Constituída a mesa principal dos trabalhos de assembleia e com as amplas dependências da SOGI lotadas de associados, o presidente procedeu a leitura do relatório da diretoria, minucioso em seu conteúdo, onde foi apresentado o esboço físico e social da COTRIJUI no ano fiscal encerrado a 28 de fevereiro.

Disse o presidente no início da leitura do relatório: "Já no limiar de uma data que é muito grata para todos nós, quando nos preparamos para comemorar o 20º aniversário da COTRIJUI, voltamos os nossos olhos para o passado e, revendo os passos iniciais de nossa coope-

rativa na busca de soluções para seus associados, comparando-as com o estágio atual da cooperativa, chegamos a conclusão que a união em torno do cooperativismo é a solução mais lógica e sensata.

Conscientizados das reais possibilidades da COTRIJUI e impulsionados pela coesão e trabalho de seu valoroso quadro social, procuramos no decorrer do exercício instrumentalizar e dinamizar os diversos setores da cooperativa para, através de uma infra-estrutura empresarial, torná-la capaz de competir de igual para igual até mesmo com as grandes empresas multinacionais".

Finalizando a parte introdutória do relatório, disse Ruben Ilgenfritz da Silva: "Fiéis aos ideais cooperativistas e cumprindo o objetivo estatutário de promover mais ampla defesa dos interesses de seus associados, temos procurado equacionar racionalmente todos aqueles problemas que ainda afligem os associados".

Finda a leitura do relatório, cujo texto estamos dando na íntegra, no Caderno de Balanço que acompanha esta edição, o presidente passou a palavra para o diretor financeiro, Oswaldo Olmiro Meotti, que fez a leitura do balanço (ativo e passivo) do exercício, demons-

trativo de sobras e perdas; pareceres do conselho fiscal e dos auditores e as notas explicativas da conta de financiamentos a longo prazo do conselho de administração.

Os assuntos apresentados, após submetidos à apreciação da assembleia, foram aprovados por unanimidade.

As sobras do exercício, no total de 12 milhões, 970 mil, 484 cruzeiros e 78 centavos, por proposição da diretoria e acatamento da assembleia, serão distribuídos aos associados proporcionalmente ao volume de soja entregue à cooperativa para comercialização na safra de 1976.

CONSELHO FISCAL

Finalmente, foi procedida a eleição do novo conselho fiscal e respectivos suplentes, cuja composição ficou sendo a seguinte: conselheiros efetivos — José Claudio Kohler (reeleito), Edelmar Friedrich e Bruno Eisele. Conselheiros suplentes — Harry Reisdorfer (reeleito), Arnaldo Hermann e Abu Souto Bicca.

LEIA COM ESTA EDIÇÃO O CADERNO ESPECIAL DE BALANÇO, ONDE CONSTA, INCLUSIVE, O TEXTO DO RELATÓRIO DA DIRETORIA, NA ÍNTEGRA.



COTRIJUI JÁ ESTÁ NA AMAZÔNIA



Um povo que vive ainda à margem do conforto da civilização, mas que anseia pelo progresso.

Através de Gerência Operacional, a COTRIJUI já está instalada na área corresponden-

te ao Projeto Amazônia, a 80 quilômetros da cidade de Altamira, no estado do Pará. Me-

dante contrato de comodato assinado com o Instituto Nacional de Colonização e Refor-

ma Agrária - INCRA - a cooperativa tomou posse de hotel e serraria na agrópole Brasil Novo, que se localiza a cerca de 45 quilômetros de Altamira.

A serraria tem capacidade para trabalhar 70 metros cúbicos de madeira por dia, sendo acionada por dois locomóveis movidos a lenha. Possui serras fita e serras circulares e todo o mecanismo destinado à produção de móveis, dependendo apenas de uma revisão.

Está prevista a assinatura de convênios entre a COTRIJUI e as Universidades Federal de Brasília e do Paraná, através de seus institutos de tecnologia madeireira para, com o apoio do BNH, promover projeto de pesquisa em madeiras destinadas à construção civil. É pensamento da própria COTRIJUI criar junto ao núcleo industrial madeireiro, em futuro próximo, um setor de pesquisa florestal.

Conforme é sabido, as espécies florestais comercializáveis naquela região hoje é de apenas 15 essências, embora o inventário florestal feito por instituto tecnológico vinculado à Universidade Federal do Paraná tenha identificado 276 espécies diferentes de madeira de lei naquela região. Vê-se, por-

tanto, que no mínimo 260 espécies de madeira de lei não são aproveitadas comercialmente.

O passo seguinte na área do Projeto será a locação de estradas, uma vez que a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia, SUDAM, já liberou a verba necessária à execução dos trabalhos de infraestrutura.

No decorrer deste mês de junho, com a paralisação das chuvas, será aberta a estrada principal de acesso à área. A obra será construída pela COPAGRO (Companhia Estadual do Governo do Pará).

A assinatura do contrato de comodato pela qual a COTRIJUI tomou posse do motel e serraria na agrópole Brasil Novo aconteceu em fins de abril, estando presentes o presidente do INCRA, Lourenço Vieira da Silva; Hélio Palma Arruda, diretor do Departamento de Projetos; Elias Sefer, coordenador regional do INCRA no estado do Pará e Cesar Cals, diretor da ELETROBRAS, acompanhados de assessores. Pela COTRIJUI assinaram seu diretor-vice-presidente, Arnaldo Oscar Drews e o coordenador do Projeto Cotrijui-Amazônia, Edgar Irio Simm.

ALTAMIRA: CAPITAL DA TRANSA MAZÔNICA



Altamira esparrama-se com seu casario baixo pela planície esquerda do rio Xingu. É a terceira cidade do Pará.

Altamira é a terceira cidade do Pará, vindo após Belém, que é a capital, e Santarém. Altamira, uma cidade antiga erguida à margem esquerda do rio Xingu, viveu seu período áureo durante a época da borracha, aliás conforme aconteceu com todo o Norte.

Sua população citadina quando do último recenseamento em 1970 era de 5.000 habitantes. Hoje, supõe-se que essa população esteja triplicada. O fato determinante para esse crescimento demográfico foi sem dúvida a abertura da Transamazônica e a política de colonização implantada pelo INCRA naquela região.

A cidade esteve durante muitos anos adormecida, vendo passar em silêncio à sua direita o cau-

daloso Xingu em direção ao seu próprio delta. Mas a partir de 1968, despertada pelos tratores e poderosos "moto-Scrapers" que passaram a rasgar o traçado da estrada, a cidade está se recuperando do marasmo do passado. Daí o crescimento vertiginoso de sua população.

É importante ressaltar que o crescimento não ocorre apenas em Altamira. Nas agrovilas, agrópoles e rurópolis que o INCRA instalou ao longo da estrada, o progresso também é observado. De sorte que ao serem deslocadas para a área do Projeto Cotrijui-Amazônia as primeiras famílias de colonos gaúchos, sem dúvida essas famílias encontrarão núcleos em franca expansão, quando não verdadeiras cidades em miniatura.

Presidente do BNCC: "BANCO DEVE SER DAS COOPERATIVAS"

A revista "Agricultura & Cooperativismo", órgão editado pela FECOTRIGO, ouviu em Brasília o presidente do Banco Nacional de Crédito Cooperativo, sr. Marcos Pessoa Duarte. O assunto, que foi focalizado na edição de maio da excelente revista, versou sobre o tema financiamento agrícola e o próprio banco. Damos, na íntegra, com a permissão da "Agricultura & Cooperativismo", a entrevista:

A & C — Com a importância que assumiram as cooperativas de produção no Rio Grande do Sul, como se explica que o volume de negócios entre elas e o BNCC seja tão modesto?

Pessoa Duarte — É inadmissível considerar modesto um crescimento de 1.500%. E foi isto que crescemos de dezembro de 1973 a dezembro de 1976, no Rio Grande do Sul, aliás o estado onde o Banco mais aplica recursos financeiros. Na verdade, o BNCC ainda é um banco limitado, porque ainda não existe um crédito cooperativo onde os recursos do sistema girem em torno do próprio sistema. Em 73, havia uma acentuada diferença entre as aplicações do Banco e as necessidades das cooperativas. Hoje, essa distância está sendo reduzida. E no período de cinco anos, mantido o atual ritmo de crescimento, o BNCC deverá atender à totalidade da demanda de crédito às cooperativas.

A & C — Da mesma forma, como se explica que só existam duas agências em todo o estado gaúcho — uma em Porto Alegre e a outra na região de produção?

Pessoa Duarte — Reconhecemos que esse número é insuficiente para atender com mais comodidade às cooperativas. Por isso, estamos conseguindo mais duas cartas patentes para instalar agências no Rio Grande do Sul. Eu gostaria de advertir, porém, sobre um aspecto operacional: o BNCC assemelha-se a um banco de desenvolvimento, cujos recursos maciços realizam-se através de operações por atacado: basicamente crédito para investimentos, modernização e fortalecimento cooperativista. A presença física da nossa agência nas regiões onde estão as cooperativas não tem dificultado o acesso das cooperativas ao crédito. Dificulta sim, a contrapartida. Pois nossas agências na capital e na região de produção não permitem que as cooperativas tenham um comportamento recíproco, façam seus depósitos os quais devolvemos em forma de financiamentos. Acreditamos que com quatro agências melhoraremos o nosso atendimento ao Rio Grande do Sul.

A & C — No recente IV Seminário Gaúcho de Cooperativismo, foram feitas críticas bastante duras à operacionalidade do BNCC. Alguns sugeriram, inclusive, que ele fosse desvinculado do Ministério da Agricultura, para que pusesse ser dinamizado. A solução final encontrada foi, entretanto, a de que as cooperativas exigissem mais do Banco para que ele tivesse mais condições de se desenvolver num processo normal. O que o senhor acha disso e o que aconselharia às cooperativas, para um relacionamento mais ativo?

Pessoa Duarte — Quem patrocinou esta tese não está bem informado sobre a situação do BNCC. Eu não considero que um banco que cresceu 1500% no Rio Grande do Sul, repito, e 1.000% no País, em três anos, esteja pouco dinamizado. De qualquer forma continuamos estudando fórmulas para melhorar nosso atendimento. Quanto à desvinculação do BNCC do Ministério da Agricultura, não traz vantagens. Pois se o Ministério da Agricultura conduz a política agrícola do País e se o Banco opera prioritariamente na agricultura, ele tem, "a priori", todo o conhecimento dessa política e, em consequência, tempo suficiente para implementá-la. É oportuno enfatizar que o Ministério e particularmente o Exmo. sr. Ministro da Agricultura vem proporcionando integral apoio ao BNCC. Por exemplo, dos Cr\$ 920 milhões dos nossos depósitos hoje, as cooperativas participam somente com Cr\$ 220 milhões. Essa grande diferença é coberta justamente pelo apoio do MA através de todos os seus órgãos que acreditam no fortalecimento do cooperativismo brasileiro e por isso o prestigiam. Por outro lado, faz-se necessário maior atenção das cooperativas para com seu Banco, não somente solicitando-lhe financiamentos mas também integralizando capital e depositando seus recursos. Do capital do BNCC as cooperativas têm 46% e o Governo Federal 54%, mas na realidade o Governo tem integralizado 72% ficando apenas com 28% as cooperativas. As reiteradas ati-

tudes de apoio do Governo ao BNCC devem ser acompanhadas pelas cooperativas, elegendo-o como o seu Banco, transformando-o de banco para as cooperativas em banco das cooperativas.

A & C — Há falta de agências e, além disso, não há carteira de câmbio; há insuficiência nas operações de repasse, pré-comercialização, etc. Quais são as metas futuras do BNCC a curto prazo?

Pessoa Duarte — A falta de agências é um problema que está sendo corrigido. Brevemente instalaremos mais 12 e ficaremos com 30, enquanto a meta é atingirmos 50 agências até 1979. Em relação à carteira de câmbio não conseguimos o sinal verde do Banco Central para instalá-la. Mas o BNCC não deixará de atuar no mercado exterior. Estamos criando um departamento internacional para suprir a ausência da carteira de câmbio, sem, contudo, desistirmos de sua implantação. Para isso, inclusive, contamos com o apoio das cooperativas no sentido de nos proporcionar o embasamento político necessário.

No que diz respeito à insuficiência nas operações de repasse e pré-comercialização, estamos aumentando os recursos ano a ano. Desafiamos até outro agente financeiro que realize esse tipo de operação com a mesma elasticidade do BNCC. O próprio EGF não concorre com as nossas linhas de crédito de pré-comercialização, pois tem um custo de 18% a.a. e o nosso é de 15% a.a. Ocorre que é difícil diante de tão grandes safras atendermos integralmente às necessidades das cooperativas. Dentro das nossas possibilidades temos procurado atendê-las, especialmente as que não têm acesso às linhas tradicionais de outros agentes. É uma participação supletiva. Outro assunto que reputamos importante: o BNCC não concede apenas crédito. Prestamos assistência técnica, auditoria, preparamos as cooperativas a receberem o crédito, realizamos treinamentos, intercâmbios para melhorar o relacionamento entre as entidades cooperativas. Enfim, o BNCC é muito mais uma agência de desenvolvimento de cooperativas do que uma agência bancária. Vamos aplicar até 1979 Cr\$ 7 bilhões no cooperativismo, e dentre outras metas bastante definidas ampliaremos a participação no financiamento às cooperativas, que hoje representa 25%.

A & C — Que financiamentos estão dando atualmente?

Pessoa Duarte — Temos linhas próprias identificadas com as necessidades das cooperativas. Além da pré-comercialização, dispomos da "pré-pré-comercialização" — uma antecipação de recursos contra o produto a ser entregue. Ou seja, o primeiro impulso que o BNCC dá à comercialização. Há também, o investimento fixo e semi-fixo, que inclusive tem financiado várias agroindústrias no Rio Grande do Sul, inclusive de esmagamento, armazéns graneleiros e convencionais, laticínios, fábricas de rações, frigoríficos, abatedouros etc. Existe uma linha de grande importância: a de comercialização das cooperativas. Se as nossas atuais linhas de crédito não estiverem atendendo às necessidades, temos condições de criar outras e sanar qualquer emergência, desde que não contrarie a legislação vigente.

A & C — Como o BNCC poderia auxiliar as cooperativas que estão se preparando para operar em Chicago, no que se refere à cobertura das margens de garantia e manutenção?

Pessoa Duarte — Sem a carteira de câmbio reconhecemos que temos alguma limitação. Com o Departamento Internacional, porém, iremos identificar os tipos de necessidades dessas cooperativas e promover uma atuação mais efetiva do Banco. Atualmente estamos em contato com os principais bancos cooperativistas do exterior, principalmente da Europa, procurando aproximar mais consumidores e vendedores, e principalmente sobre o aspecto de garantia conforme foi mencionado. Até o final do ano o Departamento estará funcionando. Enfrentaremos alguns problemas, sabemos, mas desde já contamos com a compreensão.

ASSEMBLÉIA DA CCGTEL ELEGEU CONSELHEIROS



Aspecto da assembléia, quando todos acompanhavam a apresentação do relatório, pelo diretor presidente da CCGTEL.

Sete das dez cooperativas associadas a Cooperativa Central Gaúcha de Telecomunicações Rurais Ltda-CCGTEL, tomaram parte da assembléia geral extraordinária realizada dia 9 de maio último, em Ijuí.

O diretor presidente da CCGTEL, Arnaldo Drews, em cumprimento a ordem do dia, apresentou o relatório das atividades da central, desde a sua fundação em 7 de julho de 1976. Disse que a cooperativa já estava legalizada junto ao INCRA e Junta Comercial. Na fase de instalação burocrática e já com vistas a implantação dos primeiros projetos, a CCGTEL tem contado com os serviços do engenheiro Luiz Lúcio Costabile Izzo, diretor da Divisão de Telefonia Rural do Departamento de Águas e Energia Elétrica de São Paulo. A nível da área de ação, para contatos com as associadas e futuros possuidores de telefones, vem atuando o técnico Erno Arno Schweickerdt.

Dois projetos de telefonia rural — Carazinho e Panambi — estão concluídos e aguardam tão somente a aprovação para que se dê início a implantação. Além destes, diversos outros estão sendo elaborados. Os recursos financeiros a CCGTEL tem buscado junto ao BADESUL e BNCC. Pela falta de tradi-

ção em financiamentos dessa espécie, é que a liberação de recursos tem sido demorada, muito embora o empenho dos estabelecimentos e da própria central.

Juntamente com o relatório da diretoria, foi aprovado o demonstrativo de sobras e perdas, balanço do exercício encerrado em 31 de dezembro de 1976, com parecer do Conselho Fiscal. Em cumprimento ao terceiro e último item da ordem do dia, se procedeu a eleição do Conselho Fiscal, para renovação dos 2/3 estatutários. Foram escolhidos Amândio de Alcântara (Cotrisoja), João Carlos Fleck (Cotribá) e Karl Adolf Walter Tang (Cotripal), todos efetivos, e Cyro Dias da Costa (Cotricruz), Ruben I. da Silva (Cotrijui) e Edgar Adalberto da Veiga Fuchs (Cotap), como membros suplentes.

A CCGTEL prestes a completar seu primeiro ano de atividades, possui um capital subscrito na ordem de Cr\$ 1.222.942,10, do qual 50% integralizado. A sede da central está situada à Avenida Alberto Bins, 490, em Porto Alegre, junto ao escritório da COTRIEXPORT. O departamento técnico e almoxarifado central foram montados em Ijuí, em prédio próprio da CCGTEL, à rua Tiradentes, 449.

MONITORES DO BNCC PARA COOPERATIVA

A partir deste mês as cooperativas agrícolas vão receber assessoramento técnico para diagnosticarem suas estruturas financeiras e definirem uma política de administração dos recursos, de inversões e de capital de giro. Visando este objetivo o Banco Nacional de Crédito Cooperativo (BNCC) está preparando 27 monitores através de seminário dirigido pelo professor Alfred Wullens Hart, consultor em economia e finanças do Centro Brasileiro de Assistência à Pequena e Média Empresa — CEBRAE.

Adotado em 86 países e experimentado com êxito na região sudoeste do Paraná, o método simplificado de análise financeira demonstra a aplicação racional dos recursos, aumentando-lhes os índices de eficiência. Afirmando que os recursos financeiros são escassos e cada dia precisa-se conhecer a melhor forma de utilizá-los, o presidente do BNCC, Marcos Pessoa Duarte, disse que esta instituição "não se limita a conceder créditos, mas tem especial interesse em proporcionar completa assistência às cooperativas, visando dotá-las de condições inerentes à empresa moderna, nesta fase em que as entidades cooperativistas ampliam e diversificam as suas atividades".

Após o seminário, que será encerrado sexta-feira, dia 20, os monitores irão transmitir os conhecimentos a dirigentes de cooperativas, obedecendo posteriormente um cronograma de avaliação.

COOPERATIVISMO PRECISA REUNIR CONSUMIDORES

A Revista "Mercados" é um órgão de comunicação da Associação dos Dirigentes de Vendas do Brasil, editada em Porto Alegre sob a responsabilidade editorial do jornalista Affonso Ritter. Em sua edição nº 20, que circulou no bimestre março-abril, a revista publicou extensa matéria (das páginas 3 a 14) com o diretor-presidente da COTRIJUI, dr. Ruben Ilgenfritz da Silva, versando sobre as críticas feitas ao cooperativismo pelo comércio do Rio Grande do Sul. A matéria da Revista "Mercados" é extremamente importante e deve ser lida por todos quantos (autoridades, empresários e estudiosos em geral) tenham interesse em conhecer detalhes do sistema que na verdade se agiganta no concerto da economia nacional. Limitados pelo espaço, somos forçados a condensar a matéria para o espaço de uma página do COTRIJORNAL. Eis o resumo, onde, conforme fez a revista, damos a pergunta formulada por "Mercados" e a respectiva resposta (sintetizada) do líder cooperativista:

Mercados - Como encara as críticas da Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul ao cooperativismo, acusando-o de entrar indevidamente na área de ação do comércio?

Silva - Todos nós, que estamos vinculados ao cooperativismo, temos interrogações sobre o que pode ou não pode fazer uma cooperativa, em que áreas deve atuar, se já exerceu a plenitude da sua ação ou se está simplesmente em busca dela. Acho que o cooperativismo feito no Rio Grande do Sul, principalmente na área da produção primária, não deve apenas preocupar o consumidor, porque, em última instância, o que o cooperativismo busca são linhas mais diretas, para evitar o processo de intermediação. É produtividade com menores custos, visando acima de tudo ao consumidor.

Mercados - Comenta-se que nos bastidores do recente seminário do cooperativismo, em Gramado, alguém teria sugerido que o setor levantasse uma estátua ao Presidente da Federação das Associações Comerciais do RGS, porque conseguiu fazer com que as cooperativas se unissem mais e refletissem mais sobre a sua importância na economia gaúcha e brasileira...

Silva - Não posso testemunhar ou afirmar se houve ou não essa sugestão, porque só participei de parte do seminário, em consequência de compromissos assumidos em Brasília. Mas, creio que o tema, embora polêmico, deve continuar sendo discutido, com vistas a se buscar um aprimoramento do sistema e uma definição, inclusive de tudo o mais que o sistema ainda pode fazer. Agora, quem vai definir isso? Certamente os seus participantes, porque, se existe algo que tem as características dos princípios democráticos é o cooperativismo. Nele se entra e se sai com a maior facilidade. Nele a decisão é pessoal. Não é do capital. É do homem, da pessoa. Pessoalmente, creio que ainda se pode caminhar muito no cooperativismo. E um dos primeiros passos é, certamente, aproximar as cooperativas de produção das cooperativas de consumo, buscando, com isso, estender diretamente ao consumidor todo o desenvolvimento obtido no setor.

Mercados - Quem iniciou todo esse debate, aqui, segundo consta, foi a Associação Comercial de Ijuí, a propósito da atuação da COTRIJUI... Que tipo de distorção a COTRIJUI pretendeu sanar, com sua entrada em áreas antes ocupadas pelo comércio varejista? É porque a faixa de ganho da intermediação estava (e está) sendo muito grande?

Silva - Não. O que está ocorrendo nesta área são simplesmente etapas de um processo. Existem etapas já admitidas e etapas ainda não admitidas. Talvez nós estejamos ingressando em etapas ainda não admitidas como válidas no processo e que podem ser entendidas como concorrência ou qualquer coisa desta ordem. Mas, se é válida a concorrência, nos parece que estamos exatamente dentro do princípio de vida que escolhemos, que é de competição, onde, evidentemente, prevalecem os que são mais capazes. Na medida em que as cooperativas cresceram e criaram economia de escala, elas passaram a ter um potencial significativo não só de produção, mas também de consumo, levando os produtores a se preocuparem com a produção e o consumo. A partir desse momento, as cooperati-

vas sentiram a necessidade de se estruturarem em outras áreas: supermercados, lojas e atacados. Por isso volto a insistir, nós estamos vivendo, na minha opinião, simplesmente uma etapa que não é admitida, ainda, de momento, mas que cedo ou tarde terá que ser admitida, porque os fatos determinam que isso ocorra. No momento em que um grupo de pessoas, principalmente no nosso caso, predominado por pequenos produtores, sente que é possível buscar soluções através da soma, muitas vezes, de suas misérias, ele passa a tomar uma posição de grupo, de classe, não apenas como produtor, mas também como consumidor. Se ele entendeu que era válido somar forças para produzir, começa admitir também que é válido somar forças para consumir.

O que faz uma cooperativa dentro desse processo? Caminha por etapas. E foi o que aconteceu. Inicialmente, ela começou a fornecer insumos para a lavoura. Depois, sucessivamente, passou a atender outras necessidades, inclusive domésticas, como televisores, fogões a gás, ferramentas de trabalho. Se ela progrediu neste setor, se sobreviveu, foi porque havia alguma distorção anterior. Se o produtor, como consumidor, estivesse sendo atendido satisfatoriamente, em suas necessidades de consumo, a cooperativa, não teria tido êxito. Sempre que se cria uma cooperativa, ou ela estende a sua ação a um novo setor, é porque há distorção dentro do processo. Se formos analisar a origem do cooperativismo, vamos verificar que foi exatamente com esse objetivo: o de defender os interesses de uma classe - dos tecelões. Por isso, acho que a ação das cooperativas não se esgotou ainda. Uma delas se dará, certamente, quando pudermos trazer para dentro do cooperativismo também o consumidor. Outra quando pudermos partir para a agroindústria, não só voltada para o mercado externo, mas também interno. Então, ao mesmo tempo estaremos gerando maiores riquezas, proporcionando maior distribuição da renda e oportunizando a integração de um processo global. Sempre com o objetivo maior de minimizar custos.

Mercados - A COTRIJUI não está grande demais?

Silva - Quando se deseja realizar algo e principalmente quando se somam forças, parece que o céu é o limite... Com toda a franqueza, entendo que não há qualquer diferença, na ambição de realizar, entre uma sociedade de pessoas e uma sociedade de capital. Como também entendo que não haja qualquer diferença, dentro do conceito de iniciativa privada, entre uma sociedade de pessoas e uma sociedade de capital. Seguindo esta linha de raciocínio, a COTRIJUI tem procurado, ao longo de seu desenvolvimento, um grau de comunicação muito grande com seus associados, incentivando-os a se atualizarem em relação ao que está ocorrendo: não só no mercado, como na infra-estrutura de transportes e nos problemas de produção. Ou seja, tem procurado tornar o produtor consciente do momento em que está vivendo, dando-lhe condições de passar a decidir. E se a COTRIJUI cresceu, foi a partir deste grau de consciência do produtor. Em função disso, não existe, na COTRIJUI, qualquer restrição no quadro social, quanto aos investimentos por ela feitos.

Recentemente, ainda incorporamos a Cooperativa de Dom Pedrito, uma iniciativa que nasceu em Dom Pedrito, de seus dirigentes e produtores. A primeira colocação feita por nós é que, antes de darmos a palavra final precisaríamos consultar nosso corpo social: não simplesmente para cumprir os requisitos determinados pela lei, que manda fazer assembleia geral, ou coisa desta ordem, mas para que o passo fosse resultado da consciência dos nossos associados. Por isso, antes de fazer a assembleia geral, procuramos atingir, de forma direta, através de reuniões, mais de 4 mil agricultores, participantes da COTRIJUI. O assunto, então, foi discutido com tal grau de consciência que permitiu houvesse uma decisão objetiva, sem qualquer expectativa de que Dom Pedrito pudesse um dia resolver os problemas de infra-estrutura agrária, ou coisa desta ordem, que nós temos em nossa região, onde predomina o minifúndio. Mais ainda. Antes de decidir, nós levamos os nossos produtores àquele município, para visitarem a região e conhecerem as suas potencialidades e dificuldades. Nós crescemos com as cartas em cima da mesa.

Mercados - A absorção da cooperativa de carnes por uma cooperativa de trigo e soja não representa também, por outro lado, um fenômeno mais amplo: o declínio da pecuária e a ascensão da lavoura, provocada inclusive pela situação conjuntural do mercado internacional?

Silva - Eu entendo que o mérito é dos produtores de Dom Pedrito, que tomaram uma atitude muito corajosa, rompendo, sob certos aspectos, um ciclo tradicional existente em nosso estado. Eles entenderam que a pecuária tem que casar com a lavoura e que o arado não entra na fazenda para destruí-la e sim para melhorá-la. Se alguém se der ao trabalho de ir a Dom Pedrito, terá condições de ver as experiências de lavoura que lá existem, antes mesmo da chegada da COTRIJUI. O que está ocorrendo em Dom Pedrito é um processo de integração, já aceito hoje conscientemente por muitos, que não aceitavam, e que ao invés de diminuir o rebanho vai ampliá-lo, além de multiplicar a produção agrícola. Creio que é através de uma integração de cooperativas inclusive que nós podemos buscar novas alternativas de produção e de viabilização de atividades.

Mercados - Nós estamos assistindo, no Brasil, ao boom das cooperativas de soja e trigo. E se amanhã a soja perder os bons preços e a importância que tem atualmente na economia mundial? Como ficam as cooperativas? Ou elas tendem a declinar como estão declinando hoje as cooperativas de carne?

Silva - Nós temos hoje uma grande preocupação: a diversificação das atividades. Mas esperamos que não haja simplesmente um ciclo de soja. Além disso, não se mede o que se ganha só pelo valor unitário de um produto - quanto se ganha pela saca de soja... O que vale é quanto eu ganho pelo volume que produzi dentro de uma unidade de área. Bom, então, dentro disso, há a preocupação pela diversificação. Mas uma diversificação que se adapte à realidade da própria situação fundiária e de outras características da região. É evidente que nós não vamos pretender desenvolver, numa região de grandes propriedades, a suinocultura, uma atividade mais apropriada ao minifúndio. Por isso, estamos dando atualmente uma atenção especial ao milho, para através dele, partirmos para uma atividade mais técnica em termos de suinocultura. Se o pequeno produtor se dedicar mais à cultura do milho e à suinocultura, ele terá a sua indústria dentro de casa, vai transformar a proteína vegetal em proteína animal dentro da sua própria propriedade. Paralelamente estamos buscando ainda outras alternativas.

Creio, então, que a sobrevivência das cooperativas de produtores depende da sua capacidade de adaptação. Se o produtor diversificar sua atividade e a cooperativa acompanhar esta diversificação, ou se, por outro lado, a cooperativa for um agente indutor dessa diversificação, é evidente que ela vai continuar sua atividade, vai crescer e frutificar. Agora, se simplesmente nos preocuparmos com a soja, se não cuidarmos de outra coisa e se por acaso desaparecer o ciclo da soja, talvez a cooperativa não subsista. Mas, a questão também não deve ser colocada desta forma. O problema não é a sobrevivência ou não das cooperativas e sim do produtor. A cooperativa é uma consequência do produtor.

Mas eu gostaria de chamar a atenção para um exemplo recente aqui no estado, que reputo de um valor inestimável, e que deveria ser observado inclusive pelos críticos do cooperativismo: o setor do leite. E pediria que se fizesse uma análise do que existe neste setor hoje, no Rio Grande do Sul, que se estudasse inclusive a situação do produtor e industrial, para que não se jogue amanhã em cima do cooperativismo a culpa do desaparecimento ou da alteração do processo de produção. A entrada das cooperativas neste setor demonstra um amadurecimento do movimento. Ao invés de se lançarem de forma isolada para resolver o problema, elas resolveram se unir e chamar ainda as cooperativas de leite para esta união, criando a Cooperativa Central de Leite no estado. As cooperativas vão cuidar do setor primário, deixando à Central a industrialização. E no setor primário nós vamos cuidar principalmente de produtividade. Com isso, garanto que o Rio Grande do Sul vai ser em breve o grande produtor nacional de leite. Não pelo processo de industrialização, mas de produção primária, pelo esquema de produtividade, pela seleção dos rebanhos sob o ponto de vista zootécnico, pelo cuidado com a alimentação. A Central de Leite está recém dando seus primeiros passos, está recém iniciando. Mas tenho a certeza de que ela vai modificar a fisionomia do leite. Nós passaremos a ter excedentes de leite, para atender parte da demanda do país que, este ano, deve importar, parece mentira, talvez 100 mil toneladas de leite em pó, que é mais do que todo o consumo do Rio Grande do Sul num ano todo. A Central de Leite é uma demonstração da possibilidade de diversificação do processo.

VISITANTES

EMPRESÁRIOS FRANCESES

Em maio último a COTRIJUI recebeu a visita de dirigentes da BRAUD, organização francesa fabricante de máquinas agrícolas e industriais. Como é sabido, a COTRIJUI adquiriu automotrizes dessa marca, maquinário que vem sendo repassado aos produtores.

Além de tomar conhecimento da boa aceitação que as máquinas BRAUD vem tendo na região, os empresários realizaram visitas aos diversos setores do complexo COTRIJUI sede, sempre acompanhados do diretor vice-presidente da cooperativa, Arnaldo Drews.

Saliente-se que a BRAUD manteve um engenheiro mecânico na COTRIJUI, que deu toda a assistência necessária para operação e manutenção das automotrizes na época da colheita. Trata-se do sr. Jacky Pouzet, que há poucos dias retornou a França, devendo voltar a Ijuí quando da colheita do trigo.

Na foto, da esquerda para a direita, vemos: Pierre Gey, diretor de exportação da BRAUD; Arnaldo Drews, diretor vice-presidente da COTRIJUI; Rene Frion, diretor geral da BRAUD, mais os senhores Pierre Menez e Jacky Pouzet, este último bastante conhecido da família COTRIJUI, pelo convívio de alguns meses.



COOPERATIVISTAS BAIANOS

Dentro do programa de intercâmbio cooperativista que vem sendo patrocinado e estimulado pelo INCRA, uma turma de 23 pessoas entre cooperativistas, técnicos e especialistas do setor financeiro, vindos da Bahia, estiveram por dois dias na COTRIJUI, em visita ocorrida a 28 de abril. Por dois dias eles puderam observar os diversos departamentos da sede da cooperativa, acompanhados por nossos assessores de comunicação e educação, como aparecem na fotografia, juntamente com o sr. Euclides Casagrande, diretor de operações e Rui Polidoro Pinto, assessor.

É a seguinte a relação dos visitantes: Nilo Moraes Coelho, presidente da cooperativa de Guanambi; Juvêncio Nunes Teixeira, José Maria Lessa, Secretaria da Agricultura da Bahia; Constantino Ferreira Filho, de Guanambi; Luiz Augusto Gordiano de Moraes, de Guanambi; Aurílio Souza, César Araújo Gordiano, de Guanambi; Silvio Roberto de Moraes Coelho, do Banco do Nordeste S/A; Josenito Nunes Rosa, de Guanambi; Waldemir Humberto de Castro, de Guanambi; Deonísio Ferreira de Assis, do Banco do Nordeste de Guanambi; Jomar Santos de Assis, do Banco do Brasil de Guanambi; Roque José de Brito, do Banco do Brasil de Irecê; Enoch Fernandes Cotrim, de Guanambi; Eujácio Vieira Prates, de Guanambi; Almir Francisco de Moraes, de Guanambi; Josino Nunes Teixeira, de Guanambi; João Antônio Leite, do Banco do Brasil (CTRIN) de Porto Alegre; Daltro Bombassaro, do Banco do Brasil (CTRIN) de Porto Alegre; José Silveira, do Banco do Brasil (CTRIN) de Porto Alegre; Antonio Prates Araújo, de Porto Alegre; Wilson de Souza Baliza, gerente da cooperativa de Guanambi e Osvaldo Coelho, de Guanambi.

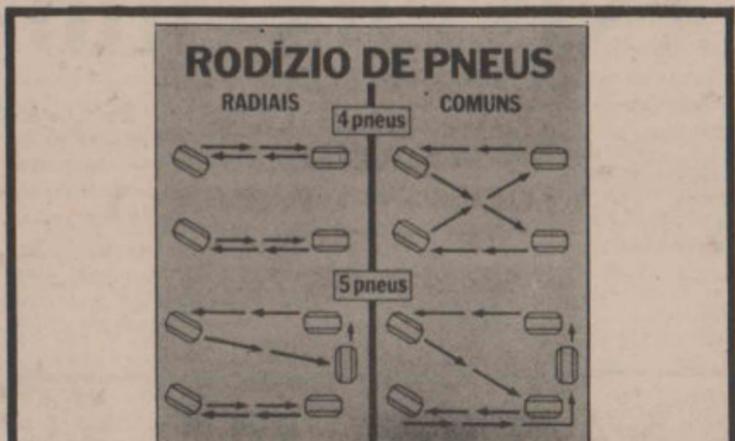


VICE-GOVERNADOR DO ESTADO

O vice-governador do Estado, sr. José Augusto Amaral de Souza, esteve em Ijuí no dia 12 último, para uma visita de contatos políticos, tendo aproveitado a oportunidade para fazer uma visita à COTRIJUI. Durante sua permanência na cidade, o vice-governador ouviu muitas reclamações das autoridades, dentre elas o prefeito municipal Wilson Maximino Mânica, das classes produtoras e dos jornalistas em relação a RS-155. Fazendo questão de ressaltar que ouvia as reclamações com a maior atenção, pois "estou aqui como membro da Arena", acabou prometendo que "assim que as verbas do ICM do trigo forem liberadas pelo governo federal, as empreiteiras serão pagas e a obra terá continuidade".

Durante sua visita à COTRIJUI, onde foi recepcionado pelo diretor-presidente, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva e demais diretores, o vice-governador ouviu uma exposição sobre a infraestrutura da cooperativa. Na foto um registro da visita, aparecendo o sr. Amaral de Souza ladeado por Ruben Ilgenfritz da Silva e Arnaldo Drews.





As cinco fábricas brasileiras de pneumáticos realizaram pesquisa em conjunto, segundo acaba de noticiar o jornal "Bandeirante", da EMBRAER, e constataram que no mínimo 84% dos motoristas não fazem rodízio dos pneus de seus veículos ou fazem-no com imperfeições. Essa falha coletiva — asseveram os especialistas — acarreta desgaste prematuro dos pneumáticos, desequilíbrio nas manobras, tração irregular das rodas e consequente perda de segurança no dirigir. E além de todos esses problemas eminentemente de segurança, há a acrescentar outro também de fundamental significação, que é o econômico.

Uma equipe técnica da Good Year estudou o problema em profundidade e chegou à conclusão de que para se atingir a totalidade da vida útil dos pneus, o rodízio torna-se necessário a cada intervalo de 10.000 a 13.000 quilômetros rodados. O primeiro rodízio é certamente o mais importante, uma vez que prepara o terreno para um desgaste uniforme e prolongado dos pneus. Se o desgaste se faz irregularmente por muito tempo, devido à falta do rodízio, a solução desse problema se torna problemática, se não impossível, comprometendo o bom desempenho dos pneus e, em consequência, reduzindo o índice de segurança do veículo.

O plano do rodízio adequado depende, fundamentalmente, do tipo de construção do pneu. Já sabemos que estão à venda, para os diversos tipos de carros nacionais, 2 tipos de pneus: comuns e radiais. Cada um deles exige um tipo de rodízio diferente. Os pneus comuns devem ser cruzados no rodízio, enquanto os radiais devem ser mantidos no mesmo lado do veículo. Importante é saber-se quando o "estepe" entra no rodízio e quando não. Assim, tanto os pneus radiais como os comuns têm um esquema próprio de rodízio para ser feito com 4 ou 5 pneus, e isto, que à primeira vista pode parecer inexpressivo, tem uma importância vital para a vida dos pneus. Nunca se esqueça que tanto o rodízio, como a boa calibragem dos pneus são importantes para a vida útil dos mesmos. Os pneus calibrados abaixo das especificações da fábrica apresentam um desgaste maior nas bordas de rodagem (pneus comuns) e um desgaste acentuado em uma das bordas (pneus radiais). Os pneus com a calibragem acima das especificações têm um desgaste maior nas "linhas de pista", produzindo frequentemente os "estouros".

Veja o gráfico abaixo. Ele foi preparado pelo Instituto de Pesquisas da Good Year, um dos maiores fabricantes mundiais de pneus. Siga à risca o que os gráficos indicam e não queira "inventar" um rodízio particular.

CIGARRO PROVOCA INCÊNDIO SERVENTE MORRE QUEIMADO

Manchetes como essa são comuns nos jornais do mundo inteiro. No Brasil, infelizmente, onde as técnicas e medidas de prevenção e segurança ainda não são exemplarmente adotadas, é exatamente onde as notícias desse gênero ocorrem com maior intensidade. É uma bagana lançada inadvertidamente sobre material de fácil combustão, um fósforo ou isqueiro aceso próximo a material inflamável, é pronto, originam-se as tragédias.

Assim como em passado próximo os trens movidos a força de carvão promoviam trágicas queimadas de campo ou de mato pelo fato de sol-

tares minúsculas fagulhas, um cigarro aceso com muito maior facilidade pode destruir quarteirões inteiros nas cidades e grandes armazens. Por consequência do cigarro e da inadvertência dos fumantes, muitos prejuízos tem-se lamentado e muitas vidas choradas, conforme essa que dá título a este pequeno comentário, que recolhemos de um jornal porto-alegrense.

Você que é responsável, não fume em locais onde haja presença de elementos possíveis de combustão; não fume em recintos fechados, pois a fumaça exala elementos químicos altamente venenosos; não fume



na proximidade de pessoas não fumantes, saiba respeitar a incolumidade destes, pois eles não têm culpa de você ser um viciado e, portanto, portador de um mal que a médio prazo chega a ser letal.

COBRAS: COMO CONHECÊ-LAS

Entre os animais peçonhentos, que inoculam no organismo animal substâncias tóxicas de efeitos mortais, quando não acudidos em tempo, estão as cobras; o homem é muito sujeito às suas picadas. As cobras se dividem em três grupos. As corais, que são as mais venenosas e que podem ser facilmente identificadas pelos anéis circulares brancos ou amarelos e pretos, separados por anéis maiores vermelhos. O outro grupo é constituído pelas crotalus, nome que significa chocalho, comum em todas as espécies de cascavel, que foram consideradas como as mais venenosas, por muito tempo. Finalmente, há o grupo botrópico, composto pela urutu, jararaca de barriga preta, jararaca, jararacuçu, caçara e boca de sapo ou jararaca pintada.

As cobras venenosas destes 2 grupos se caracterizam pela presença de fossetas ou pequenos buracos, um de cada lado da cabeça, entre os olhos e as narinas; as corais não têm esses orifícios, mas sua ausência não significa que sejam inofensivas; de qualquer maneira, as picadas de coral devem ser consideradas como de muita gravidade.

Todas as cobras venenosas possuem presas ou dentes providos de pequenos canais fechados ou semi-abertos, ao longo das mesmas, por onde escoam a peçonha. A cauda longa considerada como característica não venenosa, pode levar a erros de consequências fatais. Todas as cobras são venenosas, umas mais porque têm as presas na porção inicial da boca e outras menos perigosas as têm no fundo da boca, o que dificulta a inoculação da peçonha.

Os sintomas dos acidentes também são típicos; as picadas das corais não são muito dolorosas; há adormecimento rápido da área atingida que se difunde pelo corpo; a sali-

vação é grossa e há dificuldade de deglutir e de falar. As picadas das cascavéis são doídas e geralmente não deixam sinais das presas; as pálpebras caem ante a paralização dos músculos motores da face, o que provoca a perturbação da vista com imagens turvas e duplas o que surge entre 30 minutos a uma hora após o acidente. A urina torna-se de cor castanho avermelhada e há grande redução do volume. Finalmente, as jararacas, urutus etc. provocam muita dor, há inchaços e coloração vermelha na área, com elevação da temperatura e presença de bolhas. A quantidade de urina é normal, mas a cor é vermelha e turva.

As picadas podem ser de vários graus, tendo em vista a quantidade do veneno inoculado e o local do acidente que pode provocar a morte dos tecidos.

Para qualquer tipo de acidente, o atendimento da vítima precisa ser tão rápido quanto possível; daí a necessidade de um pequeno estoque dos soros específicos, que se dividem em dois: o das corais, as mais venenosas e o dos outros dois grupos que podem ser aplicados concomitantemente. Não se deve fazer o garrote, ou seja, o envolvimento da área visando a paralização do movimento do sangue; são aconselhados ferimentos locais, para estravasitar o sangue, o que pode ser facilitado pela sucção feita pela boca ou ventosas; tem-se em vista com isso a eliminação do veneno e impedir a sua difusão pelo corpo. Em qualquer dos casos, com soro anti-ofídico ou sem ele, a vítima precisa ser imediatamente levada para um centro de saúde, farmácia ou hospital, a fim de se submeter aos tratamentos adequados. (Síntese do artigo publicado no Suplemento Agrícola do jornal Estado de São Paulo, de 12/09/76).

CRUZ ALTA

PREFEITO QUER MAIS RETORNO DE ICM

O prefeito municipal, sr. Carlos Pompilio Schmidt, elaborou extenso memorial contendo dados da produção de soja e trigo de seu município, para entregar ao secretário da Fazenda do Estado, Jorge Babot Miranda, mostrando que não está havendo justiça nos critérios de fixação dos índices de retornos do ICM, especialmente aos municípios da chamada zona da produção.

Referido memorial foi entregue pelo prefeito de Cruz Alta, dia 13 último, ao Secretário da Fazenda e ao Presidente da Assembléia Legislativa do Estado, em audiências especiais da qual participaram ainda o deputado Algr Lorenzon e os vereadores Catalino Ajalla e Vilson Nunes, secretário de Divulgação do aludido município.

A imprensa da capital cobriu

intensamente a iniciativa do prefeito de Cruz Alta, por entender a importância da reivindicação, tendo o presidente em exercício da Assembléia do Estado, deputado Jorge Bandarra, sugerido um amplo movimento, em termos estaduais, para encontrar-se uma solução para o problema.

No seu extenso memorial, o

prefeito Carlos Schmidt demonstrou, através de dados numéricos, que a produção do município é uma das maiores do Estado, e o que o Estado e a Nação arrecadam em razão desta produção, é uma soma muito elevada em comparação com o que retorna ao município, considerada uma importância diminuta, em razão dos critérios de fixação

dos índices de retorno do Imposto sobre Circulação de Mercadorias.

Ao final do memorial, o prefeito cruzaltense requer um restudo destes critérios, esperando-se pela importância do tema levantado, que outros prefeitos se manifestem e também ingressem no movimento, considerado de extrema valia para os municípios da área produtora.

AUGUSTO PESTANA

ESPORTE E CIVISMO NO ANIVERSÁRIO

É comum programar atividades festivas para assinalar aniversário de um município. Augusto Pestana, ao completar 11 anos de emancipação político-administrativa a 14 de maio último, teve como pontos altos nas comemorações o juramento a bandeira por 240 jovens das classes de 1957/58, dispensados do serviço militar; inauguração do estádio municipal, primeira

etapa do projeto que dotará a cidade de um Centro Esportivo; introdução de um quadro com a fotografia do ex-prefeito Ary Hintz, no gabinete do executivo, além de festejos populares e jogos de futebol, encerrando a programação com um baile de kerb, no salão de festas da Sociedade Cantora e Ginástica.

Uma retrospectiva ligeira da história do hoje município de Au-

gusto Pestana nos leva ao início deste século (1901), quando efetivamente iniciou a colonização. Os Azambuja, os Müller e o próprio engenheiro Augusto Pestana criaram as raízes da mais tarde Cadeado, Liga Colonial do 2º Distrito de Ijuí (Vila Dr. Pestana). Fruto das idéias emancipacionistas, o município foi criado pela Lei Estadual número 5030, de 17 de setembro de 1965.

e instalado a 14 de maio do ano seguinte.

Como interventores, responderam pelo executivo do novel município o Dr. Orlando Dias de Athayde e o Coronel Victor Hugo Martins.

Com a realização das primeiras eleições, em novembro de 1968, assumiu o primeiro prefeito Alfredo Schmidt. Lhe sucedeu na

chefia do executivo augustopestanense Ary Hintz. Desde 31 de janeiro deste ano, Alfredo Schmidt é novamente prefeito, tendo sido eleito para um segundo mandato.

Augusto Pestana é município da região COTRIJUI, e desde 1975 conta com moderno graneleiro com capacidade de armazenagem de 30 mil toneladas de grãos.

TENENTE PORTELA

DESCENTRALIZAÇÃO DO SERVIÇO DENTÁRIO

Em edição passada, o COTRIJORNAL deu destaque aos serviços que o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tenente Portela presta, principalmente na área da saúde, aos seus mais de cinco mil associados. Desta vez registramos a

instalação e funcionamento de mais um gabinete dentário daquela entidade de classe, na localidade de Derrubadas. Com isso, os ruralistas do local e vizinhanças não precisarão mais deslocar-se até a cidade para tratamento odontológico. O

novo gabinete, que funciona das 8 às 11 horas diariamente, é atendido pelo cirurgião dentista Luiz Felipe Barcelos Mechereffe. Com a instalação deste gabinete, o STR de Tenente Portela possui quatro unidades para tratamento.

MELHORA ENSINO NO INTERIOR

Muitas vezes a distância tem contribuído para que ocorra o êxodo escolar. A criança, tão logo aprende a ler e escrever e tendo em vista a necessidade de mão-de-obra em regime familiar e a distância da escola, desiste dos estudos. Fazendo frente a problemas dessa ordem, a

direção da Escola Municipal Uruguai, da Barra do Guarita, localidade no interior de Tenente Portela, reivindicou há tempos que fosse autorizado o funcionamento de uma sétima série, o que efetivamente ocorreu no final do mês de abril. Com o crescimento natural da Bar-

ra do Guarita, em futuro breve a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Tenente Portela terá de providenciar na instalação da oitava série, proporcionando aos estudantes concluir o primeiro grau sem ir muito longe.

IJUI

CARTÓRIO ELEITORAL RENOVA TÍTULOS

Pessoas que tenham seus títulos já preenchidos, estão sendo chamadas ao Cartório Eleitoral de Ijuí para providenciarem na renovação desses documentos. O chamamento já iniciou, e até o dia 13 do corrente deverão comparecer aquele cartório (Ed. Nelson

Lucchese, 2º andar), os eleitores cujos sobrenomes iniciem pelas letras A e B, de Abdalah até Buzineto. Para renovação, é necessário apresentar o título de eleitor antigo e três fotografias 3 por 4. A exemplo do que ocorre em Ijuí, também em Ajuricaba a renovação dos títu-

los eleitorais já começou, e em Augusto Pestana esta atividade terá início dia 1º de julho, quando encerrará a licença do funcionário responsável. As emissoras de rádio de Ijuí diariamente dão divulgação aos chamados do cartório eleitoral, a propósito de renovação de títulos.

Use Adubos Trevo.
Quem lida com fertilizantes há 46 anos,
sabe muito bem
como dar a você a terra prometida.

Pudera, todo esse tempo em que os Adubos Trevo vêm fertilizando terras pelo Brasil afora, sempre se soube que Trevo é marca de fé. Garantia de colheitas fartas. Certeza do pão na mesa.

Afinal, toda a tecnologia desenvolvida em suas fábricas está voltada inteiramente para o aperfeiçoamento de fertilizantes e calcários adequados às terras brasileiras, de maneira a suprir suas deficiências.

Inclusive agora, o complexo industrial da Trevo, no Superporto de Rio Grande, lança no mercado, também, Super Trevo, o NPK Granulado,

numa composição única de Nitrogênio, Fósforo e Potássio. Sem contar a constante produção de outras formulações NPK, para os mais diversos tipos de culturas.

Por isso, quando chegar a hora de adubar, acredite nos Adubos Trevo, antes de tudo.

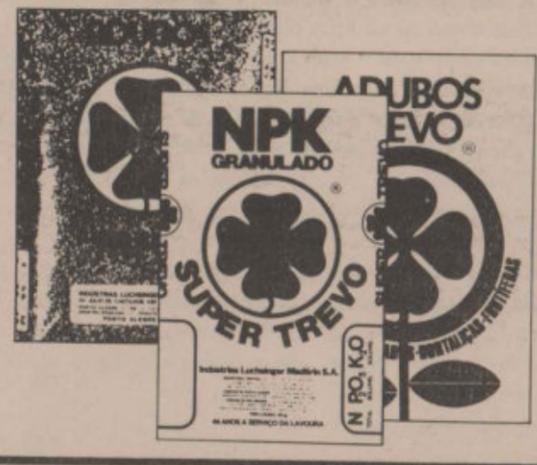
Prá deixar sua terra santa.

ADUBOS TREVO

Indústrias Luchsinger Madörin S.A.

Av. Júlio de Castilhos, 435

Fone 25-5455 - Porto Alegre - RS



DOM PEDRITO

GOVERNADOR NA INAUGURAÇÃO DO DDD

Na tarde do dia 11 de maio, Dom Pedrito passou a integrar a comunidade nacional do DDD (Disca-gem Direta à Distância) em solenidade que contou com a presença do governador Sinval Guazzelli, secretários Walter Jobim Filho e Romeu Ramos, diretores da CRT e deputados federais e estaduais.

A inauguração foi marcada por um telefonema dado pelo Governador ao ministro Euclides Quandt, de Oliveira, das Comunicações, que se encontrava em gabinete, no Distrito Federal. Falaram também com o Ministro, o Secretário das Minas e Energia e o prefeito municipal. Em seguida ao ato inaugural, o Governador e o Secretário das Comunicações dirigiram a palavra aos presentes, ambos salientando a importância do sistema de discagem direta à distância para Dom Pedrito, e conseqüentemente para a região.

Dom Pedrito recebeu o código DDD 0532. Para se chamar a unidade COTRIJUI de Dom Pedrito, para exemplificar, deve ser discado o seguinte: 0532 43 10 74.

FEIRA HEREFORD

Dando seqüência a programação que o levou a Dom Pedrito, o Governador inaugurou a 6ª Feira de Gado Hereford, promovida pelo Sindicato Rural local, sob o patrocínio da Associação Brasileira de Criadores de Hereford. Ao saudar o Governador, o Dr. Bernardo de Miranda Munhoz, deu enfoque a crise que enfrenta a nossa pecuária, em decorrência principalmente da falta de crédito e baixa comercialização. Em seguida, Guazzelli declarou que estava recolhendo dados sobre o problema do crédito ao pecuarista, visando encaminhá-los às autoridades fazendárias. Sobre a crise do setor, salientou ser também pecuarista e que tinha confiança, daí porque anunciava excelentes perspectivas num futuro que não está muito distante. O repórter João Roberto Vasconcelos, que deu cobertura a estes acontecimentos, constatou que o número de animais inscritos na Feira deste ano foi inferior ao de anos anteriores, valendo salientar contudo, o bom nível zootécnico dos animais apresentados.



Momento em que o prefeito de Dom Pedrito, José Caminha Coelho Leal, falava com o Ministro das Comunicações, na inauguração do novo sistema.

SANTO AUGUSTO

FESTIVAL MUSICAL NO ANIVERSÁRIO

Dois fatos são marcantes na história de Santo Augusto. A comemoração do aniversário do município e a realização do Festival da Canção Popular. Sendo ambos acontecimentos que ocorrem no mês de maio, a cada ano a movimentação popular se sucede, como aconteceu há poucos dias. E nesse 1977 com maior entusiasmo, pois Santo Augusto completou 18 anos de vida político-administrativa.

Este ano a promoção do Colégio Comercial Padre An-

chieta - 5º Festival da Canção Popular de Santo Augusto - reuniu participantes de 12 municípios, totalizando 37 calouros. O salão paroquial, durante as noites de realização do festival, ficou sempre lotado.

Nesse mesmo ritmo popular e festivo, é que Santo Augusto comemorou no final do mês que findou, seu décimo oitavo aniversário, com destaque para a inauguração de uma placa de bronze em homenagem à comissão emancipacionista, in-

tegrada na época pelos senhores Rui Marosó, Caetano Sperotto, Cláudio Czarnobai, Arnaldo Macagnan, Egberto Sant'Anna de Moraes, Amílcar Estanislau de Souza, Lino Berlezi, Edmundo Miguel Simczak, Egmar Sant'Anna de Moraes e Clodomiro Silva. Além de outros atos, fez parte da programação comemorativa também a inauguração da galeria dos ex-prefeitos e dos ex-presidentes da Câmara Municipal de Santo Augusto.

MIRAGUAI

ONZE ANOS DE TRABALHO E PRODUÇÃO

O município de Miraguai foi conseqüência do desmembramento de áreas antes pertencentes a Campo Novo e Tenente Portela. Emancipando-se Braga, os distritos de Miraguai e Irapuá se constituíram em núcleos com objetivos definidos deste município, não tardando a organização de uma comissão pró-emancipação. Isto se deu a 15 de dezembro de 1965, através da lei nº 5.152, mas a instalação oficial do

município de Miraguai viria ocorrer a 8 de maio de 1966.

A maior parte da população de Miraguai é de origem luso-brasileira. Município integrante da região COTRIJUI, tem na agricultura a base de sua economia (trigo, soja e milho), vindo a seguir a criação de gado.

Nos primeiros anos o município de Miraguai foi administrado pelo sr. Waldomiro Arbo, nomeado

interventor. Sucederam-lhe, então como prefeitos, Noedy Rodrigues de Almeida, Alcides Szulczewski, e novamente Noedy R. de Almeida, o atual chefe do executivo.

Preocupado com a cultura dos seus filhos, possui o município, ao completar 11 anos, além de diversos estabelecimentos de primeiro grau (municipais, do Estado e particular), um curso de segundo grau em funcionamento.

CONTINUE ARANDO E GRADEANDO SUA TERRA ANTES DE PLANTAR SOJA E TRIGO, CONTINUE. DEPOIS, NÃO VENHA RECLAMAR DA EROSIÃO.



PLANTIO DIRETO COM GRAMOXONE É A SOLUÇÃO.

Continue tendo que replantar sua cultura. Continue desperdiçando sementes, fertilizante, adubo, tempo e mão-de-obra. Continue usando plantio convencional. O dia que você estiver cansado de ver seu lucro indo por água abaixo, comece a usar Plantio Direto com Gramoxone.

Plantio Direto com Gramoxone é a solução. Mais do que isso: permite plantio de mais hectares na época certa, economizando tempo, combustível e mão-de-obra. A plantação germina melhor e se desenvolve com mais vigor porque Plantio Direto com Gramoxone favorece a conservação da umidade e a fertilidade natural do solo.

É só querer. Nada mais. O resto deixa por conta dos agrônomos da Imperial. Eles estão à sua disposição para prestar a mais perfeita assistência técnica já oferecida em todo da sua terra e do seu bolso. Chame-os.  plantio direto com Gramoxone

 Departamento Agrícola

CIA. IMPERIAL DE INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO BRASIL
Av. Eschilo Mattos, 891 - 2º andar - Tel.: (011) 212-1955
Caixa Postal, 30377 - 01000, São Paulo, SP
CENTROS DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO SOBRE PLANTIO DIRETO:
Roldia, PR - Fazenda Venerola, C.P. 408.
Passo Fundo, RS - Av. Gal. Neto, 407, 2º, 6212, C.P. 206

VAMOS ALEGRAR A NOSSA CASA?

O verde que relaxa e tranquiliza poderá estar dentro de nossa casa por mais modesta que seja. Pois existem folhagens que não precisam receber diretamente a luz solar. Elas só querem ar puro e terra boa. O ideal é levá-la a cada 15 dias para descansar ao ar livre. Porém devemos ter o cuidado com esta exposição à luz e ao vento. Estando muito tempo dentro de casa, a planta deve ser colocada à sombra e em local abrigado do vento, nunca expô-la ao sol no horário das 11 às 15 horas.

Para o bom desenvolvimento das folhagens o tamanho dos vasos deverá ser de acordo com o tamanho das plantas. À medida que as plantas forem crescendo, aconselha-se mudá-las para vasos de diâmetro sempre maior. O fundo dos vasos deve apresentar um furo para escoamento do excesso de água.

É muito importante que se utilize para cada planta terra que a satisfaça plenamente. Os tipos de terra mais recomendados para se obter uma boa mistura para o cultivo de folhagens são as seguintes: terra argilo-silicosa; terra de folhagem; terra vegetal; composto (obtem-se amon-

toando detritos, esterco, etc. intercalando com terra boa, deixando de 1 ano para outro); esterco bem curtido. Os diversos tipos de terra citados acima são misturados entre si. A combinação varia conforme a planta. Para a maioria das folhagens conhecidas em nosso meio indica-se como muito boa a seguinte mistura: 1/3 de argila ou terra de mato; 1/3 de areia; 1/3 de estrume de curral bem curtido.

Alguns dias depois de feita a mistura pode-se iniciar o enchimento dos potes.

Plantas originárias de lugares sombrios, como por exemplo, avencas, samambaias, begônias e quase todas as palmeiras, dão-se melhor em lugares de luz não direta, como varandas, salas de entrada, corredores, áreas. Durante o tempo de floração qualquer planta pode ser levada para dentro de casa. Para o bom desenvolvimento das plantas em geral, é importante manter-se um certo grau de umidade no ambiente que se encontra, mas não em demasia, para evitar a formação de mofo. Um outro dado importante que devemos observar são as correntes de ar, pois estas podem significar a morte das plantas.



LARANJA: FONTE DE VITAMINA NATURAL

De alto valor nutritivo, a laranja pode ser consumida sob várias formas, como: sucos, compotas, geléias ou ao natural, sendo esta uma grande fonte de vitamina C, e outros sais minerais como cálcio, fósforo e ferro (que não se perdem mesmo em geléias e compotas). E por possuir hidratos de carbono, que lhe confere propriedades energéticas, a laranja é muito recomendada aos doentes em recuperação.

A laranja tem como elemento nutritivo mais importante a vitamina C; esta se oxida e se perde com facilidade. Para que isso não aconteça e se pos-

sa aproveitar melhor suas qualidades nutritivas, deve-se observar alguns cuidados, entre eles os seguintes: a laranja perde um pouco dessa vitamina quando muito madura. Por isso a fruta deve ser consumida no ponto certo de maturação. A vitamina C também se perde quando a fruta fica em contato com o ar. Assim a laranja só deve ser descascada se for consumida imediatamente. Pela mesma razão, o suco de laranja não deve ser guardado, mesmo na geladeira.

Se a laranja fizer parte da merenda das crianças, o melhor é retirar a casca amarela, deixando sua parte branca (que atua como proteção) para que

a criança a remova só na hora de comer a fruta. Para cortar a laranja só se deve usar faca com lâmina de aço inoxidável. Outros metais atuam sobre a vitamina C, oxidando-a. O suco de laranja deve ser servido fresco ou gelado, aquecido ele perde a vitamina C. Por isso as receitas culinárias não podem ser consideradas fonte de vitamina C. Essa vitamina se apresenta em maior quantidade nas laranjas mais ácidas. Quando em bom estado de amadurecimento, duas laranjas ácidas podem fornecer a taxa de vitamina C necessária ao organismo para um dia. Na cozinha a laranja pode ser aproveitada como acompanhante de carnes gordas

de aves e porco, feijoadas. Pernil, presunto e pato podem ser assados com o suco da laranja, ganhando com isso maciez e sabor especial. A casca de laranja seca ao sol ou no forno perfuma vários pratos como suflés e omeletas. A casca fresca de laranja pode ser usada em pratos doces à base de leite, arroz

doce, cremes e crepes. A laranja deve ser guardada em lugar fresco e ventilado, pois seu suco e sabor são mais apreciados quando a fruta não estiver gelada mas apenas fresca.

Use em suas refeições suco de laranja natural puro, com apenas um pouco de açúcar e uns cubos de gelo.

CREME DE LARANJA

Ingredientes: 1/2 lata de figos em calda ou figos secos, 3 ovos, 7 colheres de açúcar, 2 colheres de fécula de batata ou maizena, 1 colher de suco de limão, suco de 3 laranjas grandes.

Modo de fazer: Bata as gemas com 4 colheres de açúcar até obter um creme leve e esbranquiçado; junte a fécula de batata e vá acrescentando aos poucos o suco de limão e laranja, mexendo levemente apenas para misturar; leve ao fogo baixo, mexendo sempre até engrossar. Não

deixe ferver, retire e deixe esfriar. Bata as claras em neve e adicione aos poucos 3 colheres de açúcar ou mais; bata até ficar firme. Misture ao creme sem bater. Forre uma travessa com figos partidos ao meio. Cubra os figos com o creme e leve ao refrigerador por 1 hora.

Nota: Pode-se levar o creme para engrossar em banho-maria, mexendo levemente.

LARANJADA, A SAUDÁVEL

Ingredientes: 15 laranjas grandes, 350 gramas de açúcar, 2 litros de água. Modo de fazer: Prepare uma infusão com a parte superficial (amarela) de 8 laranjas; com açúcar e meio litro de água ferva em calor moderado durante 20 minutos. De-

pois de frio coe este xarope e junte-o ao suco de laranja obtido e o restante da água. Para o xarope esfriar mais depressa pode-se juntar alguns cubinhos de gelo, quando este já estiver mais ou menos frio.

A nova safra de máquinas Singer está na Cotrijuí.

Apesar de serem as máquinas de costura mais maduras que você pode encontrar, elas não estão na Cotrijuí só para encher os seus olhos.

Elas estão lá para que você escolha uma e leve para sua mulher.

E dentro da sua casa, e nas mãos da sua mulher, as máquinas de costura Singer vão começar uma outra safra: de vestidos, calças, camisas.

E fácil costurar numa Singer, e ela faz de tudo: chuleia, caseia, prega botões, borda e até costura.

Para facilitar a sua escolha, a Cotrijuí estabeleceu preços mínimos sempre dentro da sua política de servir melhor ao associado. As máquinas Singer estão esperando para serem colhidas por você.

SINGER

Costurar é um ato de amor e poupança.

O PRESIDENTE DA COTRIJUI DÁ AULA INAUGURAL NA UFSM



A Coordenadoria de Cursos da Universidade de Santa Maria convidou o diretor-presidente da COTRIJUI, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva para ministrar a aula inaugural de 1977 do Curso Superior de Tecnólogos em Cooperativismo daquela universidade. A aula aconteceu na noite de 18 de abril, tendo por local o Centro de Ciências Rurais, localizado na Cidade Universitária, para um plenário lotado de estudantes altamente interessados em tomar conhecimento dos avanços sociais do cooperativismo e de sua realidade econômica no mundo atual. Autoridades, corpo docente da universidade, técnicos e estudiosos do cooperativismo estiveram presentes à aula.

Identificando com as cooperativas de produção a necessidade de ressurgirem e se fortalecerem as co-irmãs de consumo, no interesse da coletividade consumidora em geral, e não somente os respectivos associados, disse o especialista que talvez seja Santa Maria uma cidade onde se encontra um dos maiores exemplos da força que representa o cooperativismo, que a Cooperativa de Consumo dos Empregados da antiga Viação Férrea, que hoje reestruturada, volta a prestar relevantes serviços à comunidade que congrega.

Na foto, tendo à sua esquerda o reitor Elios H. Bernardi, da Universidade Federal de Santa Maria, o conferencista quando pronunciava a palestra.

TREINAMENTO EM CONTABILIDADE AGRÍCOLA PARA OS ASSOCIADOS

Com o patrocínio da COTRIJUI, a FIDENE elaborou e vai implantar um projeto de Treinamento em Contabilidade Agrícola, em Técnicas de Análise e Planejamento da Empresa Rural (propriedade rural), para os associados da cooperativa. A responsabilidade do planejamento coube a FIDENE, através do seu Centro de Ciências Agrárias, a quem ficará afeta igualmente a implantação, em conjunto com o setor de Contabilidade Agrícola do Departamento Técnico da COTRIJUI.

OS OBJETIVOS

Em primeiro lugar, — e isso por meio de cursos em núcleos previamente organizados, — se buscará treinar, orientar e acompanhar os associados da COTRIJUI para que organizem seus sistemas de registros agrícolas, assumindo por si próprios o controle das operações contábeis diárias de suas propriedades. Os passos seguintes — Técnicas de Análise e Planejamento da Empresa Rural — serão dimensionados com maiores detalhes aos agricultores, quando do início da implantação do projeto. Com base nas experiências obtidas em cursos rápidos de contabilidade agrícola ministrados pelo Convênio COTRIJUI/FIDENE, em 1976, se depreende que lucrará em primeiro lugar com a realização do projeto em questão, o próprio associado, que passará a tomar decisões com maior segurança e racionalidade. E a cooperativa, por sua vez,

terá com frequência informações completas dos associados no sentido de ajudar-lhes a programar suas atividades com maior eficiência, reivindicar preços justos junto aos órgãos oficiais, etc. O que reforça estas justificativas em torno da validade do projeto, é o fato de que muitos associados solicitaram a implantação de contabilidade agrícola em suas propriedades, baseados na experiência já citada do ano passado.

Os custos com a implantação do projeto, como já foi dito, caberá a COTRIJUI cobrir. São da ordem de Cr\$ 616.340,00, cobrindo gastos com os recursos materiais, humanos e financeiros. Trabalharão diretamente no projeto, dois técnicos em contabilidade, um coordenador, um agrônomo cedido pela COTRIJUI, um economista-administrador rural, e mais quatro monitores de tempo integral.

Em edições futuras, COTRIJORNAL enfocará detalhes de interesse dos associados, que digam respeito a implantação paulatina das diferentes etapas do projeto de contabilidade agrícola.

Ao fazer referência ao projeto, o professor Adelar Baggio, diretor do Centro de Ciências Agrárias da FIDENE, destacou o espírito pioneiro da COTRIJUI em criar esquema para surgimento das técnicas necessárias ao desenvolvimento das propriedades agrícolas, a nível de empresas rurais. O projeto já iniciou nos municípios de Ijuí e Ajuricaba.

AGRONOMANDOS DA UFPEL HOMENAGEIAM A COTRIJUI

Em atitude inédita no estudantado brasileiro, os agronomandos da quase centenária Faculdade "Eliseu Maciel", da Universidade Federal de Pelotas, escolheram como Homenageada de Honra uma pessoa jurídica ao invés de pessoa física, conforme é tradicional. A decisão, tomada em assembléia geral pela Associação de Turma de Agronomandos Julho/77, distinguiu a Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda. COTRIJUI.

A solenidade ocorrerá a 23 de julho próximo, quando estará em Pelotas para receber a homenagem em nome da COTRIJUI seu diretor-presidente, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva.

Ofício endereçado ao presidente da COTRIJUI pelo presidente da Associação de Alunos Formandos, Reinaldo Coser, datado de 31 de março, tem a seguinte redação:

"Senhor Presidente:

Temos a honra de levar ao conhecimento de V. Sª que a Associação da Turma de Agronomandos Julho — 77, da

Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, da Universidade Federal de Pelotas, reunida em assembléia, deliberou distinguir a Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda — COTRIJUI, como Homenageada de Honra nas solenidades de sua formatura dia 23 de julho do corrente ano.

Acreditamos, Sr. Presidente, ser inédita a escolha de Entidade ou Instituição ao invés de pessoas.

A justificativa de nossa decisão repousa nos relevantes serviços prestados por esta Cooperativa em prol do desenvolvimento agrícola de nosso país, consolidando, através de sua atuação, o movimento cooperativista, vitorioso em nosso Estado, sem perder sua autenticidade e sem se desvincular de sua origem representada pelos legítimos interesses de seus associados, na sua maioria absoluta, pequenos produtores rurais.

Ficariamos gratos, por isso, Sr. Presidente, se essa Cooperativa acolhesse a nossa homenagem e a transferisse a todos os associados".

Quando você pensar em plantar não comece sem ter MANAH.

MANAH é lucro certo. É seu aberto para quem plantar. Maior qualidade. Maior produtividade. Você só vai ganhar com MANAH.

Com MANAH adubando da



CAÇADORES DE ESMERALDAS: OS FATOS E AS LENDAS QUE A HISTÓRIA GUARDOU

Estamos no século XVII. Local? A vila de São Paulo. O Brasil, na época, era, além de São Paulo, São Vicente, São Sebastião, São Salvador da Bahia e Pernambuco.

Desde que as caravelas de Cabral desembarcaram nas terras do Pau Brasil, em 1500, os primeiros donatários da nova terra, que as concentrações se fizeram ao longo de extensa faixa litorânea. Mas nossa narrativa tem origem em São Paulo, como dissemos.

É agosto do ano de 1628. Quase todos os cidadãos adultos da vila estão preparados, o que quer dizer, armados até os dentes para seguir para o sertão. São em torno de 4.000 homens; 1.000 brancos e 3.000 mestiços (cafuzos, pardos e mamelucos). A missão a ser empreendida é destruir as reduções de Guaira, controladas pelos jesuítas e escravizar os índios, os quais eram necessários para os cacauais da Bahia e canaviais de Pernambuco.

A Bandeira, a maior que se conseguira reunir até então, vai dividida em quatro seções, sob os comandos de Antonio Raposo Tavares, Pedro Vaz de Barros, Brás Lemes e André Fernandes.

Passam-se semanas, passam-se meses. A mata virgem é um "nunca ter fim". Cruzam-se rios, montes, planícies e montanhas. Os invasores adoecem, desentendem-se, brigam, morrem; mas os sobreviventes avançam. Fanatizados pela aventura, uns, com o espírito da cobiça, a maioria, enfrentam todos os perigos imagináveis da selva bruta. São os Bandeirantes. Primitivos, sanguinários, sem princípios éticos e sem moral, pois eram motivados pelas promessas de riqueza. Mas prestaram um inestimável serviço ao Brasil, pois alargaram nossas fronteiras até aos limites do humanamente possível. Não vamos falar aqui dos bandeirantes em geral, mas de um deles: Antonio Raposo Tavares.

Vencedor em Guaira (Paraná) por volta de 1628, já em maio de 1636 marchava no comando de nova Bandeira. Desta vez seu destino era o sul, em missão de aprisionamento de

índios para vender aos escravocratas do cacau e cana-de-açúcar. Em dezembro do mesmo ano, Raposo Tavares mantém os primeiros confrontos com os indígenas entre os rios Taquari e Jacui. Era a redução missionária de Jesus Maria, nas proximidades de onde está localizada hoje a cidade de Estrela.

Bem armados e orientados pelos jesuítas, os índios resistem a luta por duas semanas, com estragos materiais e centenas de mortes de ambos os lados. Por fim, vence o bandeirante, que de vitória em vitória, na direção de Rio Pardo, onde há grandes aldeias Tapes, destrói os redutos missionários de San Cristobál e Sant'Ana.

No início de 1638, Raposo voltou a São Paulo. Para seus compatriotas, compradores de escravos, ele era um herói. Para os espanhóis, um diabólico chefe militar e para os índios, a própria personificação da morte e o retrato da traição.

Mas, independentemente dos reais motivos que os incentivava, que era o ouro, a prata, as esmeraldas e os próprios índios que escravizavam ganhando bom dinheiro, há de se reconhecer que os bandeirantes fizeram do Brasil um verdadeiro continente. O Brasil litorâneo, apertado entre as montanhas da costa e o mar do princípio do século XVII, já nos cinquenta anos seguintes foi alargado até a zona planáltina a passos largos para as Minas Gerais e o planalto goiano. E Raposo foi dos mais persistentes bandeirantes.

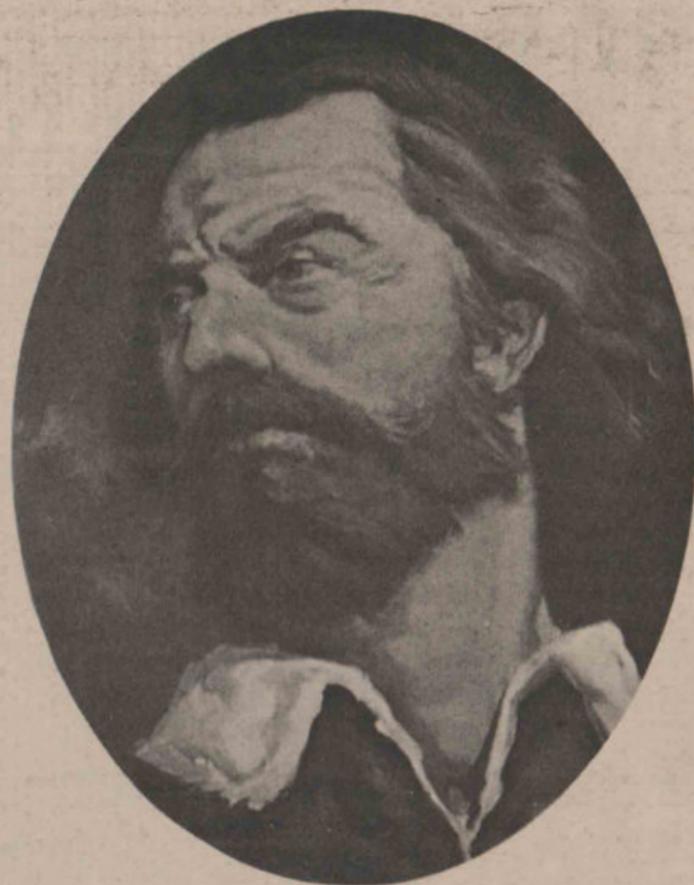
Em 1648, contando já 50 anos, aparece no comando de mais uma Bandeira de 200 paulistas e

mil índios. Marcha para Itatim, a sudoeste do atual estado do Mato Grosso, entre o rio Paraguai e a serra de Amambai, zona ainda sob jurisdição do governo paraguaio. Nessa altura, a fama de Raposo Tavares já se tornara lendária. Quando os jesuítas souberam da presença do bandeirante, puseram-se em fuga.

Em abril de 1649 a Bandeira de Raposo Tavares, sempre com a preocupação do ouro e das esmeraldas, embrenha-se nas matas do Paraguai e vai sair na Bolívia, rumando sempre para o norte até se aproximar de Potosi. Mas em vez de ouro e esmeraldas, surgem os ataques dos índios — que se defendem dos invasores escravocratas como podem — as doenças e até as tempestades. Sempre na busca de minas de prata, Raposo atinge o rio Guaporé e depois se embrenha na floresta amazônica. Está em plena selva equatorial, o ar é úmido, o calor é estafante. Marcha por caminhos pantanosos infestados de cobras e insetos. A selva é densa e fechada. Grossos cipós, árvores gigantescas, vegetação intrincada, enfim, um emaranhado infernal.

Em 1651 Raposo entra finalmente em Santo Antonio do Gurupá, proximidades da atual Belém do Pará, a frente de apenas 58 homens. É tudo o que resta da Bandeira. Os restantes foram mortos pelos índios ou dizimados pelas feras ou mistérios da selva durante a longa travessia. O bandeirante chegou a São Paulo magro e completamente desfigurado. Ninguém pôde sequer reconhecer o sertanista, depois desta última viagem, nem mesmo seus familiares, que já o davam como morto.

Do Atlântico à Bolívia e desta ao Amazonas, passando pelo trópico do Capricórnio ao Equador, Raposo Tavares realizara a primeira viagem de reconhecimento geográfico do espaço continental da América do Sul e uma das maiores expedições explo-



radoras de que se tem notícia.

Raposo Tavares vencera a geografia, dominara as distâncias; mas igualmente fora também batido. O homem forte e destemido que saíra do planalto se gastara na floresta imensa.

A história não registra seus últimos anos na vila de São Paulo. Mas ao redator imaginoso não é difi-

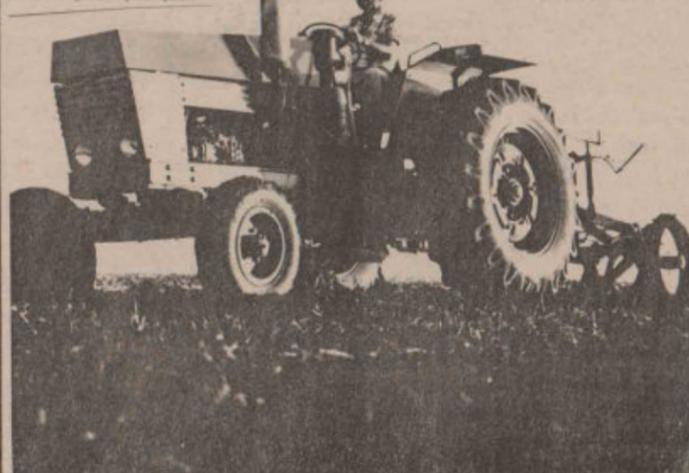
cil mentalizar um velho alto, desprovido de carnes, barba branca num rosto encarquilhado e austero, vagar pelas ruelas do povo murmurando histórias desconexas de índios e jesuítas, enquanto insiste em vislumbrar, através de olhos já apagados de brilho, fantásticas minas de prata, ouro e esmeraldas, que não conseguiu encontrar quando moço.

Depois que depositei os lucros da minha lavoura na Caderneta Apesul de Poupança, deu até prá comprar um trator novo.

Olha só ele aí.

Dinheiro depositado na Apesul é lucro certo. Seu Faustino que o diga: com os lucros já deu pra comprar um trator novo. A cada ano que passa, a lavoura dá mais lucro e seu Faustino não deixa por menos: vai até a Apesul fazer o seu depósito. Deposite na Apesul. Lá seu dinheiro está garantido pelo Governo Federal e rende muito mais: praxe de 10% em 12% ao ano, com dividendos, correção monetária e a gente pode retirar quando e quanto quiser.

Caderneta APESUL de Poupança
Resolução Complementar 219/1961



Faça como o seu Faustino: deposite os lucros da sua lavoura na Caderneta Apesul de Poupança. É renda certa.



REIS DO MINUETO: GÊNIOS DA GAVOTA

A França da época dos Luíses viveu o fausto do luxo e dos prazeres mundanos. Artistas, filósofos e músicos eram solicitados para satisfazer o deleite da alta aristocracia que se reunia em palácios dignos das mil e uma noites... É evidente que nesse clima de alegria e colorido, a música se fazia pre-

sente adquirindo destaque de extrema necessidade. A Giga, a Badinerie, a Bourrée, a Courantte, a Musette, o Rigaudon, atestavam a variedade de músicas "bailantes" na Corte. A esses ritmos vieram juntar-se o Minueto e a Gavota, que tiveram em Mozart, Beethoven, Boccherini, Thomas, Tuzcek e

Paderewski, seus instrumentistas mais inspirados.

Retratos de uma época clássica, Minueto e Gavota revivem o esplendor sonoro do requinte que marcou a Europa — mas principalmente a França — a partir do século XVI. A medida, a galanteria, as cabeleiras empoadas, os leques trabalhados em madreperla, os punhos de renda, tudo era vivido ao som dos pianos, dos violinos, das trompas, das flautas e fagotes, nos compassos do Minueto.

No dizer do crítico Zito Batista Filho, a origem popular, como aliás a de todas as danças, explica a grande varie-

dade de minueto (lentos, vivos, alegres ou tristes, delicados e até sonoramente robustos, para não dizer grossos). E com a Gavota não é diferente. Criados exclusivamente para a dança, dado o ritmo extremamente agradável e compassos fáceis à figuração e aos trejeitos, em breve passaram a figurar em suites, sinfonias e até em óperas, de que temos o exemplo na "Don Giovanni", de Mozart. O mesmo Mozart levaria ao mundo mais o Minueto em Ré Maior. E quem que tenha educação musical clássica não vibrou de encantamento com a "Graciosa Gavota", de Tuzcek;

"Gavotte Stephanie", de Czibulka; Gavota de Mignon, de Thomas e a adorável O Caminho do Coração, de Paul Lincke? E aqueles que preferem o Minueto, jamais esquecerão o Minueto em Lá, de Boccherini; o Don Giovanni, de Mozart; o Minueto em Sol Maior, de Beethoven ou ainda o Minueto a Antiga, de Paderewski.

Sem dúvida, estes minuetos e gavotas são apenas alguns dos ritmos que há três séculos os gênios do lírico vêm criando. No futuro procuraremos focalizar neste espaço outros autores célebres e suas criações maravilhosas.

POESIA

O NAVIO NEGREIRO (Fragmento)

Castro ALVES

Antonio de Castro Alves nasceu na Bahia em 1847. Estudou direito e ainda como estudante, revelou-se uma dessas vocações poéticas e humanísticas bem próximas da genialidade. Morreu moço,

mal completara 24 anos de idade, deixando publicado apenas um volume de versos, Espumas Flutuantes. O Navio Negreiro e Vozes D'África são seus poemas máximos, dignos de figurar nas melhores antolo-

gias do mundo.

Publicamos no espaço, um fragmento do Navio Negreiro:

Era um sonho dantesco ...
o tombadilho
Que das luzernas avermelha
o brilho,

Em sangue a se banhar ...
Negras mulheres suspendendo as têtas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Regam o sangue das mães...
Outras, moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,

Em ânsia e mágoa vãs!
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos ... o chicote estala.

E voam mais e mais ...
Presas nos elos de uma só cadeia,
A multidão, faminta, cambaleia,

E chora e dança ali!
Um, de raiva, delira; outro enlouquece,
Outro, que de martírios embrutece,

Cantando, geme e ri!
No entanto o capitão manda a manobra.

E após fitando o céu que se desdobra

Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:

"Vibrai rujo o chicote, marinheiros!

Fazei-os mais dançar! ..."
E ri-se a orquestra irônica, estridente ...

E da ronda fantástica a serpente

Faz doudas espirais ...
Qual um sonho dantesco as sombras voam! ...

Gritos, ais, maldições, preces ressoam

E ri-se Satanás! ...

PALMA COXILHANA, O PRÓXIMO LANÇAMENTO DE UM IJUIENSE

Céus! Que Inferno e As Cabanas da Fonte foram, pela ordem, os cartões de apresentação de um ijuiense, industrial de profissão mas intelectual por espírito e vocação. Portanto, ao anunciarmos Palma Coxilhana, seu prometido próximo lançamento, não falamos de um estreante. Referimo-nos a Elard Dahlke, que se não é um nome de projeção a nível estadual ou nacional, é bastante conhecido e acatado na região noroeste do estado.

Ouvindo pela reportagem do COTRIJORNAL, Dahlke confessou não separar-se um dia só de seus personagens, imaginados ou ainda na fase de elocubração mental... Tanto é, que já tem, praticamente concluídas outras seis obras. Estas, porém, ficarão em segredo por enquanto.

LINHA INDEPENDENTE E PERSONAGEM LIVRE

Ao repórter, o autor confessou que realiza-se escrevendo, em suma: criando. Aliás, ao retratar-se, ao definir-se, Elard Dahlke — primeiro a lançar um romance em Ijuí — se diz in-

dependente, livre, ou ainda: "dono de uma linha peculiar movida pelos sentimentos e raízes que marcaram e ainda marcam sua vida".

Sem dúvida, um telúrico; um apaixonado pela terra e pela gente da região que conhece bem "porque a olha com olhos de ver e também de pesquisar". Seu "convívio com os personagens são de todo íntimo. E eles são dóceis. Mais que isso; são submissos. E essa submissão diminui a medida que a idade se vai impondo". O fenômeno, segundo afirma, "obriga o escritor a aceitar esse rumo da sua criatividade".

O PALCO, O ENREDO, O PANORAMA

Mas vejamos no que consiste Palma Coxilhana. O palco onde se desenvolve a trama, o enredo sob o qual transitam os personagens, a panorâmica, a visão pictórica do conjunto do drama.

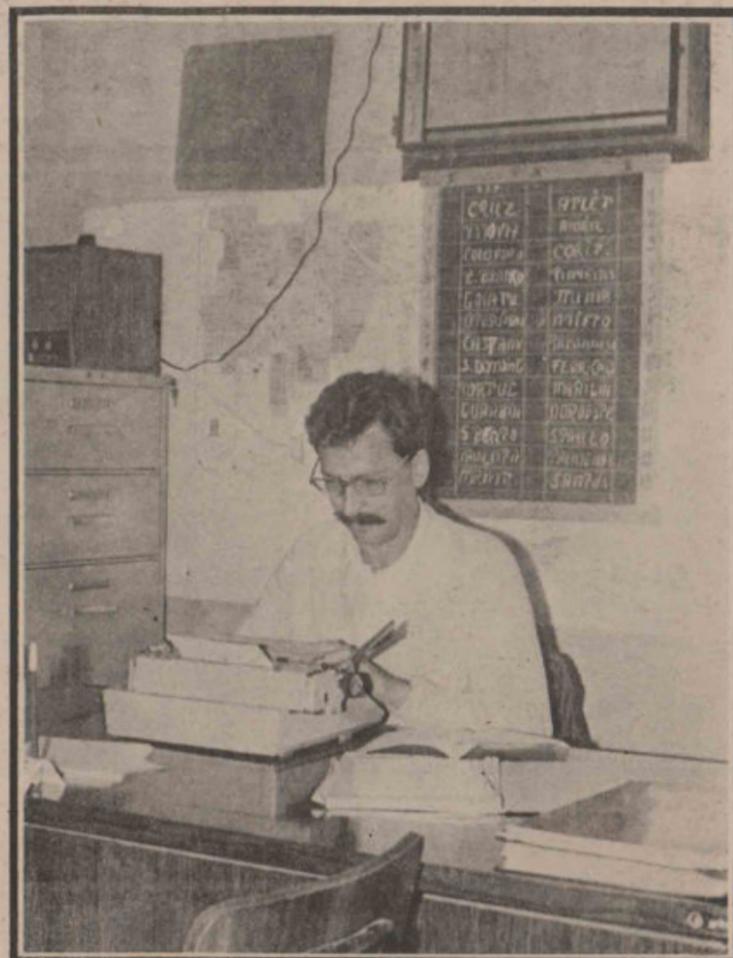
Tendo como parâmetro no tempo o período de 1930, numa região ainda predominantemente selvática, onde despontavam não mais do que nesgas de

campo pobre, cobertos de barba-de-bode, Elard Dahlke colocou seus personagens e fê-los viver ali mesmo, a dura vida da época, no dia-a-dia da existência.

Apoiado na tradição oral e histórica dos imigrantes (russos, alemães, teuto-russos, etc) que colonizaram a região de Mambuca (Ajuricaba) e também Macieira, narra o drama de um casal, economicamente incapacitado de enfrentar a vida, porque suas terras estavam tomadas do capim barba-de-bode. Os originais deste romance estão aguardando apenas a revisão final. A título de prólogo da obra, Elard Dahlke escreveu os seguintes versos:

Para ser lido
em noite azul,
sob a luz de três luas,
sob um céu de muitas estrelas,
quando aqui, no Sul, valsam os trigais.
E que outros verdes mares mais!
E que volúpia de ondas!
E que promessas de pão!
Valsam...
Livres ao Vento.
presos no chão.

Para ser amado



ao sopro das auras crepusculares,
tangendo viveres,
quando aqui, no Sul, se arreliam
os pendões da Palma Coxilhana que,
ébrios de libações libertárias,
entreciclam segredos idos

em ritmo de porvir.

Paralelamente a "Palma Coxilhana", do mesmo autor deverão ser lançados "Cruza Primeira", "Garantã", "Aunar — o verbo sendo ser" e "Rincão do Salchã". Mas seus enredos, por ora, o autor mantém em segredo.

LITERATURA TÉCNICA

Recebemos da Livraria Veras Ltda. de São Paulo, uma seleção de livros técnicos, cuja relação passamos a enumerar:

MANUAL PRÁTICO E TÉCNICO DE AGRICULTURA, Livro de autoria do engenheiro agrônomo Ody Silva, que fez curso de extensão nos Estados Unidos em plantações cítricas, é um repositório de informações atualizadas sobre o importantíssimo assunto.

ANIMAIS ALIENÍGENAS, GADO TROPICAL, ÁREAS NATURAIS

E OUTROS ASSUNTOS.

Autor, Paulo Nogueira-Neto, professor assistente do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. O livro aborda duas viagens feitas pelo autor à América do Norte, em 1968 e 1969. Do mesmo autor: Criação de Animais Indígenas Invertebrados (peixes, anfíbios, répteis, aves, mamíferos) e Criação de Abelhas Indígenas Sem Ferrão.

BOTÂNICA — ELEMENTOS DE MORFOLOGIA — de autoria de João Rodrigues Mattos, engenheiro-agrônomo.

EXPLORAÇÃO LEITEIRA, da Editora dos Criadores, de São Paulo, é de vários autores coordenados por Luiz M. M. de Freitas.

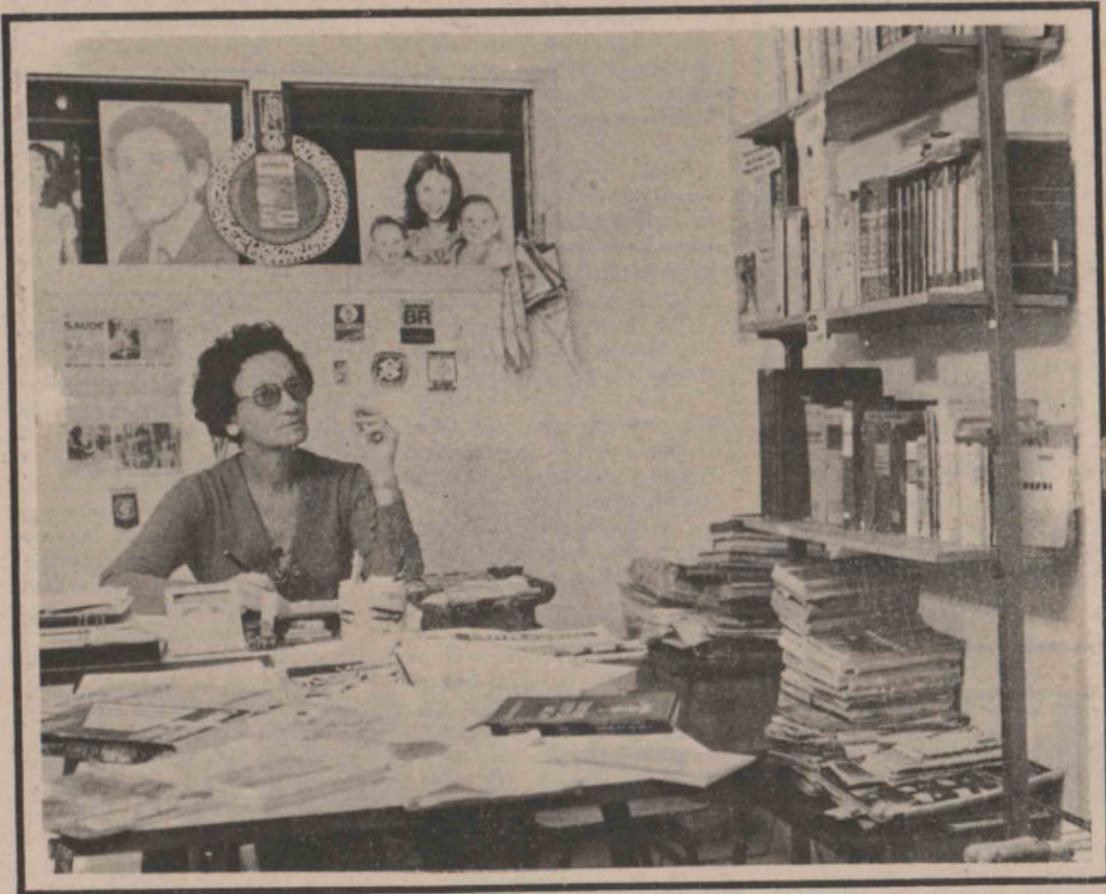
TEORIA E PRÁTICA DE CRÉDITO RURAL
Autor: Felipe Meira Aguiar, bacharel em direito e especialista em crédito rural.

Os interessados podem dirigir-se diretamente à Livraria Veras Ltda., à rua Silveira Martins, 70 — 1º andar, ou Caixa Postal, 4407, CEP 01000 — São Paulo.



**FLORESTA É VIDA
FLORESTA É SAÚDE
AJUDE À PRESERVÁ-LA**

BRASILEIRA EM ISRAEL COM SAUDADES DO BRASIL



Sara Corrogosky, num recanto de sua biblioteca, com certeza pensando no Brasil distante

A poetisa brasileira Sara Corrogosky (já temos falado dela nesta seção) está criando uma grande biblioteca brasileira em Israel. Recebemos correspondência sua enriquecida com uma fotografia, onde inclusive aparece (na extremidade direita da mesa) um exemplar do "Cotrijornal". Outras características de sua brasilidade e o atestado da saudade da pátria são as flâmulas e símbolos do Brasil que forram as paredes da sala-biblioteca. Publicamos uma síntese da sua amável correspondência:

"A biblioteca (que será a maior em língua portuguesa em Israel) já está funcionando. No entanto, suas condições são precárias ainda. Tenho recebido poucos, pouquíssimos livros do Brasil. Isso me entristece.

Ultimamente não tenho recebido o "Cotrijornal". Soube que ele é enviado regularmente. Suponho que o mesmo deva ser remetido com porte registrado, caso contrário, não o receberei. Não creio em extravio. Creio, isso sim, que algum brasileiro saudoso os recolha para si. Se for possível enviar-me com porte registrado os exemplares das últimas edições ficarei eternamente agradecida".

CONFISCO DA SOJA

De nosso associado Orestes Didoné, residente em Ijuí, recebemos correspondência acompanhada de recorte do jornal "Correio Agro-Pecuário" de São Paulo, no qual o jornalista paulista verbera contra o confisco da soja. Também concordamos seu Orestes que a medida tem efeito negativo.

COOPERATIVA DE UMA VACA

Prezado Redator: Em fins de dezembro, quando em palestra com o funcionário Santo Dezordi na COTRIJUI, o mesmo contou-me uma que por sua originalidade é digna de aparecer em jornal.

Disse o mesmo que quando de suas viagens de estudo através do Brasil, conheceu em São Luis, no Maranhão, a cooperativa mais curiosa e mesmo pitoresca de quantas devem existir ou possam ter existido em todo o mundo. Essa cooperativa era nada mais, nada menos do que uma vaca. A vacinha — uma barrosa, cruza de jersey com zebu — tinha sido comprada por 20 famílias da localidade, tendo seu leite distribuído em partes iguais para cada associado.

Quanto à existência da cooperativa, segundo Santo Dezordi, esta era juridicamente legal, com instrumento de contrato assinado em cartório e tudo o mais. No entanto, a peculiar cooperativa teve vida curta, pois consta que a barrosa ficava solta no piquete o que estimulou a alguns associados menos escrupulosos avançar no úbere do animal a revelia do contrato social. O Santo, sem saber dizer que fim foi dado à barrosa, arrematou a estória dizendo que foi uma pena a curta duração da "cooperativa", pois enquanto ela existiu, os filhos dos associados tiveram um rico alimento, apesar de racionado. Assinado, Umberto Lucca, Setor de Comunicação e Educação da COTRISA. Santo Ângelo, 30 de abril de 1977.

N. da R. — Seu Umberto. O senhor há de convir conosco, que registramos sua correspondência com uma certa reserva. O senhor nos perdoe e o Santo, amém... Mas, de qualquer forma, dessa história — ou será estória... — fica a eterna certeza de que principalmente nas frágeis e pequenas coisas é que se faz mais necessária a união de todos. Isso é cooperativismo.

PEDIDOS DE COTRIJORNAL

Eng. agr. Antonio Carlos Pricoli, rua Julio Tamer, 38, Tatuapé — 03073 — São Paulo; Paulo Vinicius Cardoso, rua 15 de Novembro, 839 — 16900 — Andradina, São Paulo; Jacky Pouzet, 148, rue Lareylliare — 4900 — Angers — França; Braud, Matériel de Récolt — Cidex 01 — Z.I. D'écouffant — 4900, Angers, França e Odacir Vitor Balbinot, rua 7 de Setembro, 46 — 89.920 — Guaraciaba, Santa Catarina. Todos estão relacionados em nosso fichário de remessas. Quanto ao sr. Francisco Garcia Bastos Filho, diretor-geral para a América Latina da Curtiss Agropecuária (Searle do Brasil), anotamos seu novo endereço, rua Dona Germaine Burchard, 264 — bairro Água Branca — São Paulo.

CONTRATO DA CORSAN

O assessor de relações públicas da Companhia Riograndense de Saneamento — Corsan — jornalista Barbosa Lessa, comunicando a assinatura do contrato para a realização

das obras de ampliação do sistema de abastecimento de água de Ijuí. O ato, realizado em Porto Alegre, contou com a presença do secretário Octávio Germano, do Interior, Desenvolvimento Regional e Obras Públicas, prefeito de Ijuí, Wilson Maximino Mânica e diretores da Corsan.

AGRADECIMENTO DA ASSOCENE

O secretário-executivo da Associação de Orientação às Cooperativas do Nordeste — ASSOCENE — de Recife, Pernambuco, sr. Jorge Roberto Tavares de Lima, agradecendo a atenção dispensada aos funcionários Marconi Oliveira da Silva e Malaquias Ancelmo de Oliveira, do Departamento de Comunicação da Assocene, quando de visita feita a Cotrijui.

DO DIRETOR DA FAMECOS

O diretor da Faculdade de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, professor Antonio Gonzales, agradecendo a remessa do COTRIJORNAL e cobrando visita do redator àquela grande unidade de ensino.

TERRAS ou APLICAÇÃO EM LETRAS DE CÂMBIO CREFISUL? VOCÊ SABE POR QUE APLICAR EM LETRAS DE CÂMBIO CREFISUL É O MELHOR NEGÓCIO?

CREFISUL



- 1 - Porque as LETRAS DE CÂMBIO CREFISUL, rendem juros e correção monetária PRÉ-FIXADA a partir do primeiro dia de sua aplicação.
- 2 - Porque as LETRAS DE CÂMBIO CREFISUL podem ser resgatadas em qualquer época, sem prejuízo dos juros e da correção monetária pré-fixada.
- 3 - Para aplicar em LETRAS DE CÂMBIO CREFISUL, você não precisa esperar por datas ou por trimestres, nem para aplicar e nem tão pouco para resgatar seu investimento.
- 4 - Porque as LETRAS DE CÂMBIO CREFISUL, lhe proporcionam uma renda espetacular, são extremamente seguras, e o que é muito importante, você resgata na hora em que quiser.

ISSO NÃO É UMA BOA?

Então, enquanto você espera para comprar a terra de seus sonhos, não permita que o seu dinheiro diminua, aplique-o logo, em LETRAS DE CÂMBIO CREFISUL e viva despreocupado.

CREFISUL S/A. Crédito, Financiamento e Investimentos — Rua XV de Novembro, 481, na sobre-loja, junto ao escritório de contabilidade de WALDEMO NOLL — IJUÍ — RS, Fones: 2604 e 2879

FUNGICIDAS EM TRIGO

A safra tritícola em 1977 está sendo iniciada neste mês no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e centro sul do Paraná. Pretendemos neste ano obter uma sensível elevação dos rendimentos, através do controle integrado das pragas e doenças que atacam a cultura do trigo.

Com base nos resultados de pesquisas de vários anos acreditamos ser possível elevar os rendimentos do trigo para 1.500 kg/ha, com a adoção da tecnologia de aplicação de fungicida no controle de doenças.

Aliado aos resultados de pesquisa, muitos produtores que usaram esta tecnologia a nível de lavoura obtiveram bons resultados, reafirmando a confiança de que é possível elevar os rendimentos com esta tecnologia. Em um levantamento realizado por técnicos do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo em 55 lavouras do Rio Grande do Sul e Paraná, ficou evidenciado em 34 destas lavouras, as quais haviam aplicado a tecnologia recomendada, perfazendo uma área cultivada de aproximadamente 3.000 hectares, que o rendimento médio obtido alcançou 1.670 kg/ha. O investimento médio nessas 34 lavouras com aplicação de fungicida e inseticida foi de Cr\$ 554,70.

No entanto, alertamos ao agricultor que somente a aplicação de fungicida não é suficiente para a obtenção de melhores produções. É necessário executar muito bem todos os outros trabalhos que a cultura exige. Desde um bom preparo do solo, plantio na melhor época, escolha de melhores variedades, correta fertilidade e outras técnicas tradicionalmente empregadas na lavoura de trigo.

Para que o agricultor possa obter uma boa produtividade com a aplicação de fungicida, deverá observar alguns pontos sobre os vários fatores que irão influir na produção.

Escolha da variedade - O agricultor deverá plantar aquelas variedades que são recomendadas pela Comissão Sul Brasileira de Trigo. Realizando um bom programa de controle de doenças, com qualquer das variedades recomendadas é possível obter bons rendimentos.

Preparo do solo - Um bom preparo do solo deve: a) preparar o solo a fim de que a sementeira possa ser feita adequadamente; b) eliminar parte das invasoras; c) melhorar as condições físicas do solo.

De um modo geral os solos do Planalto Riograndense apresentam baixa capacidade de armazenamento de água disponível, sendo necessário observar prática de manejo do solo que possibilite aumentar a infiltração de água.

Uma das preocupações deve ser no sentido de não queimar a resteva. Muitos agricultores queimam a palha com a alegação de facilitar as operações de preparo do solo. Os benefícios da manutenção da resteva foram estudados por muitos pesquisadores que constataram haver maior infiltração de água e uma maior capacidade armazenadora desta água no solo, devido a redução da enxurrada, erosão e evaporação.

Época de plantio - O Estado do Rio Grande do Sul está dividido em 9 regiões tritícolas. A área de ação da COTRIJUI abrange as regiões 4 e 9. A região 4 abrange a área que vai de Ijuí até Tenente Portela. Nesta área, a melhor época de plantio recomendada pela pesquisa é a seguinte: para variedade precoce

o período ideal de semeadura vai de 20/5 a 20/6; para as variedades tardias se recomenda o plantio de 15/5 a 15/6.

A região 9 compreende a área de Dom Pedrito e municípios vizinhos. Nesta região as variedades precoces deverão ser plantadas de 10/6 a 10/7, enquanto que a melhor época para o plantio das variedades tardias é de 20/5 a 15/6.

Adubação e calagem - O trigo tem apresentado resposta positiva à calagem em doses até a metade da recomendação para a soja. A aplicação de calcário deve ser feita uma vez em cada 3 ou 4 anos. Aplicações excessivas de calcário, distribuição ou incorporação mal feitas, têm determinado reduções de rendimento pelo agravamento de problemas de doenças, principalmente mosaico e mal do pé (ophiobulos). Estas duas doenças não são controladas pelos fungicidas recomendados.

A pesquisa recomenda que a incorporação do calcário seja feita com arado e grade, para evitar a concentração na superfície do solo, o que dará condições para o aparecimento do ophiobulos ou mal do pé. Nas áreas onde já ocorre esta doença é recomendado fazer uma lavração a mais profunda possível, rotação de culturas, onde deverá ser cultivada aveia, por apresentar resistência a doença.

Controle de pulgões - A obtenção de altos rendimentos em trigo somente pode ser conseguida se o agricultor fizer bom controle desses insetos. A Comissão Sul Brasileira de Pesquisa de Trigo recomenda iniciar o combate aos pulgões quando 10% das plantas estiverem infestadas. Terminado o efeito residual do inseticida, e caso houver reinfestação da praga, efetuar reaplicação até o emborrachamento. A partir do espigamento o controle deverá ser efetuado sempre que ocorrerem de 10 a 20 pulgões por espiga.

É importante considerar os tipos de pulgão encontrados na lavoura antes de reaplicar o inseticida, pois a presença de apenas pulgões com asas pode indicar que eles chegaram de outras lavouras e que o inseticida ainda está protegendo. Quando o trigo estiver com o grão

bem formado e com aspecto de massa firme, se dispensa o uso de inseticida.

Alertamos também que a aplicação de inseticida em pó não apresenta a mesma eficiência e período de proteção que os produtos aplicados na forma líquida. Esses produtos em pó são lavados e deixam de proteger as plantas a cada chuva que ocorrer. Todos os inseticidas e herbicidas recomendados podem ser aplicados juntamente com os fungicidas.

Controle de doenças - Muitos agricultores nesta safra vão aplicar fungicida. Nas safras anteriores alguns já utilizaram fungicida, sem obter os resultados esperados. A eficiência do tratamento é conseguida sempre que o controle for bem realizado. Podemos dizer que a eficiência de tratamento depende cerca de 50% dos fungicidas e 50% da eficiência da aplicação.

Em virtude de se ter maiores informações das aplicações terrestres recomendamos a aplicação do fungicida com pulverizador de barra, com bicos cônicos vazios tipos H-X4; D2-13 ou D2-25; espaçados de 25 cm e com vazão não inferior a 200 litros por hectare.

Com o objetivo de dar uma efetiva assistência técnica, o Departamento Técnico montou um esquema para atendimento dos associados interessados na aplicação de fungicidas em trigo. Na área da COTRIJUI o trabalho está sendo realizado da seguinte maneira:

Preparação de pessoal técnico - Em diversas ocasiões o pessoal técnico realizou visitas aos Centros de Pesquisa da EMBRAPA, em Passo Fundo e da FECOTRIGO em Cruz Alta, visando obter informações a respeito dos trabalhos ali realizados. Também participaram de dias de campo e de cursos realizados por aqueles centros nos 3 últimos anos.

Preparação de agricultores - Nesse período o Departamento Técnico levou a Passo Fundo e Cruz Alta cerca de 300 agricultores, a maioria deles produtores de semente, a fim de conhecerem o trabalho de pesquisa daqueles centros na área de trigo.

Após a decisão do Banco do Brasil de financiar produtos fungicidas empregados no controle das moléstias do trigo, foram realizadas reuniões, atingindo agricultores distribuídos na área de ação da COTRIJUI.

Recebimento de propostas - Após contatos e entrosamento com os gerentes das agências do Banco do Brasil S/A que operam na área de atuação de COTRIJUI, foi iniciado em 28/03 o recebimento das propostas de financiamento. Em 11 de maio foi encerrado o recebimento com 71 propostas destinadas a aplicação de fungicidas numa área de 35.793 hectares. A distribuição de verbas nas áreas com fungicidas ficou a critério da assistência técnica, exigência fundamental para a concessão do financiamento.

Equipe técnica - O trabalho será conduzido por uma equipe constituída de 10 engenheiros-agrônomo e 35 técnicos agrícolas, devidamente preparados.

Equipamentos e fungicidas - Todo o programa obedece a orientação dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos pelo Centro Nacional de Pesquisas do Trigo de Passo Fundo, da EMBRAPA. O Dpto. Técnico estará prestando assistência somente aos associados que já foram programados e que utilizarão produtos distribuídos pela COTRIJUI.

Controle integral - Junto com o fungicida será também usado em cada aplicação um inseticida sistêmico para controle do pulgão. Havendo necessidade poderá ser usado também na primeira aplicação um herbicida para controle do nabo.

Trabalho de campo - Estão programados pelo mínimo quatro visitas a cada agricultor nas seguintes épocas:

1a. visita - De 15 de maio a 30 de junho para adaptação e regulação dos pulverizadores. Serão usados somente pulverizadores de barra a fim de realizar a melhor cobertura possível da superfície foliar. Os pulverizadores tipo atomizador ou canhão não poderão ser usados.

2a. visita - Para realizar a primeira aplicação de fungicidas no controle de oídio, mofo ou cinza. Esta moléstia normalmente ocorre dos 30 a 60 dias após a germinação e com mais intensidade nas variedades IAS- 54 e IAS - 55. A época correta para a aplicação do fungicida é quando 20 por cento da superfície foliar estiver atacada. Nessa aplicação deverá ser associado o inseticida sistêmico para o controle do pulgão verde do trigo. Se houver necessidade, também poderá ser associado o herbicida para controle do nabo e mostarda.

3a. visita - Para realizar a 2a. aplicação de fungicida e inseticida no controle de ferrugens, septória e pulgão de espiga. Deve ser feita a aplicação quando a lavoura estiver em pleno emborrachamento e aproximadamente 15 por cento das plantas soltando espigas.

5a. visita - Para realizar a 3a. aplicação de fungicida e inseticida com um intervalo de 10 a 15 dias da aplicação anterior, dependendo das condições climáticas. Essa aplicação visa o controle das ferrugens, septória, giberela e helmintosporiose, além dos pulgões.

Contato produtor/técnico - Independente das visitas já programadas é necessário que cada produtor se mantenha em contato com a equipe técnica em qualquer eventualidade, para que se possa superar todos os problemas existentes a fim de atingir o objetivo desejado, ou seja, maior rentabilidade e segurança na lavoura de trigo.

O mais importante de um seguro é a certeza de que ele nunca vai falhar. A União faz um seguro tranquilo. Pergunte ao seu corretor.

Quando você faz um seguro, quer, em primeiro lugar, ter a certeza de que este seguro nunca vai falhar. A Companhia União de Seguros Gerais lhe proporciona isto, pelo mesmo motivo que tem cumprido seus compromissos durante 85 anos: solidez.

Deixe a União cuidar de sua segurança e fique realmente tranquilo. Chame a Corretora de sua Cooperativa. Ela estudará a fórmula perfeita para sua necessidade.



Cia. UNIÃO de Seguros Gerais

85 anos de Segurança
Matriz: Porto Alegre
Empresa do Grupo Banrisul



SUB-CENTRO DE PESQUISAS VETERINARIAS

À partir de março deste ano, quem transita pela BR-285, quilômetro 335, avista um prédio de linhas modernas. É a sede do Sub-Centro de Pesquisas Veterinárias de Ijuí, já em atividade depois de certa demora para sua construção e instalação da aparelhagem. Sobre as pesquisas e serviços que o sub-centro vem prestando, falou à reportagem do COTRIJORNAL o médico veterinário Howell A. Williams. Ele já está no Brasil há três anos, e começou seus trabalhos como clínico na Inglaterra. Depois foi para a África do Sul a serviço do Ministério de Desenvolvimento Exterior da Inglaterra e em seguida veio para o Brasil.

O sub-centro de Ijuí é fruto de convênio existente entre o nosso país e o governo in-

glês. Em maior escala, esta cooperação a nível técnico, disse o Dr. Williams, se observa no Instituto de Pesquisas Veterinárias "Desidério Finamor", de Guaiaba, com o qual o de Ijuí tem estreita ligação.

Implantado para dar cobertura a uma grande região, o sub-centro de Ijuí é o primeiro de uma série que a Secretaria da Agricultura, dentro do atual convênio, pretende instalar em diferentes regiões do Estado.

Desde março 65 casos já foram tratados no laboratório, a maioria deles (60 por cento), diagnosticados em suínos e os restantes 40 por cento em bovinos. O sub-centro, segundo seu coordenador, oferece suporte às atividades de todos os médicos veterinários, sejam eles da

Secretaria da Agricultura, profissionais liberais, de cooperativas e outros, inclusive possuindo à disposição alguns livros técnicos que poderão ser solicitados. Estas condições possibilitam evidenciar sinais de moléstias que o acuramento clínico às vezes não chega a mostrar. O laboratório está em condições de realizar diagnósticos e pesquisas nas áreas de hematologia, histopatologia, bacteriologia, parasitologia, e futuramente em toxicologia.

O dr. William tem interesse inclusive de usar a estrutura do sub-centro para promover pesquisa, tomando por base as estatísticas dos diagnósticos, desvendando problemas que viriam interessar de perto veterinários e criadores da região.

Conhecedor do programa



de incrementação da bacia leiteira que a COTRIJUI está desenvolvendo, o chefe do sub-centro disse à reportagem que o laboratório prestará bons serviços no controle da mastite,

verminose, etc. Além do dr. Williams, o sub-centro conta com os serviços do médico veterinário Luiz Cesar Bello Falavina, da Secretaria da Agricultura.

PRODUTOR DE SEMENTE DEVE ASSISTIR A CLASSIFICAÇÃO

Importantes resoluções foram tomadas em recente reunião do Conselho de Produtores de Semente, que contou com a participação de associados das áreas atendidas pelas unidades de Ijuí, Vila Jóia, Santo Augusto, além dos engenheiros agrônomos responsáveis por estas instalações. As informações foram fornecidas pelo Eng. Agr. Sidnei Gervini de Souza.

A propósito dos padrões de classificação de semente de soja, os conselheiros após debate, aprovaram os seguintes quatro: Padrão Um — nada de feijão miúdo, amoroso ou mistura varietal; Padrão Dois — um grão de feijão miúdo ou de amoroso para cada 15 sacos do

lote, ou no caso de pouca mistura varietal, desde que do mesmo ciclo; Padrão Três — pouca mistura varietal do mesmo ciclo, e número de grãos de feijão miúdo e/ou amoroso, entre 21 e 30; Padrão Quatro — pouca mistura varietal do mesmo ciclo, com 31 a 45 grãos de feijão miúdo e/ou amoroso.

Serão condenados no momento da classificação, todos os lotes que apresentarem mais de 45 grãos de feijão miúdo ou amoroso, e que acusarem mistura varietal acentuada de um mesmo ciclo ou qualquer mistura varietal de ciclos diferentes.

Decidiram os conselheiros que aquele produtor que

tiver interesse em reservar para si a semente que produziu, após devidamente classificada, deverá se inscrever o quanto antes, junto às unidades, permitindo ao Departamento Técnico da COTRIJUI prestar atendimento ao maior número possível de interessados.

Considerando que mais uma vez foi enfatizada a importância da presença do produtor no momento da classificação, ficou acertado que o chamamento dos produtores de semente continuará a ser feito através das rádios, irradiando-se a lista de nomes um dia antes da classificação e com repetição na manhã do dia marcado. É importante que os produtores tragam consigo as notas

fiscais para conferência dos lotes. Nos armazéns de classificação, haverá um livro para assinaturas e outra inovação é a caixinha de sugestões, onde os

produtores poderão depositar suas sugestões, dúvidas ou reclamações a respeito de todos os serviços que a cooperativa presta através das instalações.

HIPERGRAM APRESENTA A SUA SUPERPRODUÇÃO

Aqui, a verdade provada: HIPERGRAM é superprodução na soja. É menor custo de adubação por hectare. É mais dinheiro por safra. É lucro certo na mão. Fale com quem usa HIPERGRAM e compare o dinheiro gasto na adubação, com o resultado na boca da colheitadeira. Converse com o representante CRA de sua região e veja os argumentos dele, provados e comprovados. Seja um campeão na produção de Soja.

COM HIPERGRAM A TERRA É BOA. HIPERGRAM É CRA.



companhia riograndense de adubos



OTILISMAR E ODIR DOS SANTOS — Catupe — Área total - 320 ha - 25 ha de soja, variedade Prata Adubação - 220 kg/ha de HIPERGRAM 3-23-15*
Produção - 39 tca/ha (2340 kg/ha) Safra 76/77
* HIPERGRAM 3-23-15 corresponde ao produto Hipergram 33015
Reg. Ministério de Agricultura RS-1307
Garantias - N - 3%; P₂O₅ sol. ácido c/ácido 2% 1:100, 23% K₂O sol. em água- 15% e P₂O₅ sol. em água- 16%

O CUSTEIO DA LAVOURA SÓ COM SEMENTE FISCALIZADA

A carta-circular nº 215 do Brasil, datada de 17 de fevereiro deste ano, endereçada às instituições financeiras do Sistema Nacional de Crédito Rural, estabeleceu que a partir da safra de soja de 1977/78 (próxima safra), só serão financiados os produtores que plantarem com sementes fiscalizadas. A determinação é para ser

obedecida nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

A carta-circular recomenda ainda as instituições financeiras a manterem contato com as Comissões Estaduais de Sementes e Mudanças a fim de obterem informações quanto aos produtores de sementes fiscalizadas.

DEFENSIVOS AGRÍCOLAS: CULPADOS OU INOCENTES?

Eng. Agr. Luiz Volney Mattos VIAU

Muitos comentários têm surgido constantemente na imprensa com relação aos pesticidas usados na agricultura. A utilização dos defensivos na agricultura teve seu incremento à medida que se procurou obter maiores colheitas. Sabemos que os modernos pesticidas têm sido auxiliares preciosos no desenvolvimento da agricultura, permitindo que colheitas mais abundantes sejam sempre obtidas, sem a incerteza anterior da possível ocorrência de pragas e doenças que tornavam, com frequência, escassos os rendimentos agrícolas.

Levantamentos realizados demonstram que 40% das culturas agrícolas no país ainda são destruídas pelas pragas por falta de controle. Relatório divulgado pelo Ministério da Agricultura demonstra com números elevados o que o Brasil perde anualmente nas suas lavouras pela ação dessas pragas: 40% das plantações de milho; 33% das de feijão; 42% das de café; 44% das plantações de cana-de-açúcar; 27% das de trigo; 30% das de soja. Isto devido a inexistência de uma estrutura adequada de defesa sanitária vegetal (Fonte: Atualidade Agrícola, agosto/76).

Outra participação desses defensivos tem sido em campanhas de saúde pública, como por exemplo, no combate aos mosquitos pertencentes ao gênero Cluex, Aedes e Anopheles, transmissores de doenças graves, como a malária e febre amarela, além de combater outros agentes transmissores da enfermidade de chagas, peste bubônica e tifo.

É decorrência da adoção de melhor tecnologia o aumento no consumo de pesticidas na agricultura. No Brasil, ano após ano aumenta o consumo de defensivos.

A produção nacional de defensivos era de 10 mil toneladas em 1971. De 70 a 74 o consumo aumentou em 150%, passando de 40 mil toneladas para 101 mil toneladas, registrando-se uma elevação significativa nas importações.

Este fato demonstra que o agricultor brasileiro passou a utilizar maiores quantidades de defensivos, dando maior atenção ao tratamento científico da sua lavoura. Enquanto que a nossa indústria não acompanhou este processo de crescimento. Assim, as importações, em 1970 representaram 62% do volume dos defensivos consumidos; em 1974 representaram 77,8%.

Diante deste panorama foi criado o Programa Nacional de Defensivos Agrícolas, com o objetivo de estimular a implantação de novas indústrias e corrigir o desequilíbrio existente na relação entre importações e produção nacional de defensivos. Este programa prevê que até o final desta década o país terá um consumo de defensivos agrícolas estimado em 230 mil toneladas. Face a isto, é uma realidade a necessidade e utilização de defensivos na agricultura.

Entretanto, no grupo das pesticidas há substâncias de baixa toxicidade, mas existem também substâncias extremamente tóxicas para o homem, para outros mamíferos, para aves, para peixes e para insetos úteis. Existem ainda produtos considerados poluidores ambientais, que sob o ponto de vista toxicológico são considerados persistentes na natureza, na cadeia alimentar e no homem. Muitos desses produtos são ainda considerados cancerígenos por causarem tumores malignos no fígado de roedores utilizados como cobaias.

Devemos ter em mente que todos os defensivos são tóxicos e que o inseticida ideal deveria ser aquele que entre as suas várias qualidades es-

taria a ausência de toxicidade para o homem e animais de sangue quente. Sabemos que é difícil para o produtor conhecer todas as implicações desses produtos em vista do seu grande número. Frequentemente aparecem novos pesticidas, tanto para uso agrícola, pecuário, como para uso doméstico. Cerca de 400 compostos químicos diferentes, que dão origem a mais de 8.000 formulações estão licenciados no Brasil.

Esta verdadeira avalanche, onde são lançados no mercado inseticidas de diferentes graus de toxicidade, deve preocupar o agricultor no momento da escolha do defensivo a ser empregado na lavoura. A não observância disso tem provocado grande número de intoxicações, que em função do seu grau tem levado muitos indivíduos à morte.

Os inseticidas podem produzir envenenamentos das seguintes maneiras: a) por ingestão (via oral); b) por absorção pela pele; c) por inalação (pelas vias respiratórias). O envenenamento é mais rápido quando o tóxico penetra no organismo por via oral. Via de regra, o maior perigo para quem manipula e aplica inseticidas está na absorção através da pele, pois muitas pessoas não acreditam que isso se realize.

Tem-se constatado que as intoxicações são menos comuns nos meios rurais mais adiantados, quando os agricultores já têm conhecimento dos perigos a que se expõem quando aplicam defensivos. Este fato nos indica que deverão ser realizadas muitas campanhas de uso correto de defensivos. Somente com a educação do produtor é que conseguiremos eliminar os efeitos danosos dos pesticidas utilizados na agricultura e pecuária. Estas campanhas devem mobilizar todos os indivíduos, entidades públicas e privadas de uma comunidade para poderem transmitir aos agricultores os ensinamentos necessários.

Mesmo aqueles órgãos, que não estão diretamente ligados à agricultura devem também se preocupar, porque acreditamos que este problema deve ser encarado por todos. Acredito que, em função das necessidades da utilização de defensivos, neste momento de nada ou pouco adiantará a condenação do uso de defensivos. A classe agrônoma está mobilizada e consciente dos problemas que podem causar os pesticidas quando mal utilizados. No entanto vem encontrando grande dificuldade, pois os produtos altamente venenosos são de venda livre, podendo ser adquiridos por qualquer pessoa sem qualquer controle, sem mesmo saber se o indivíduo que está adquirindo o produto justifique o seu uso. Estes produtos deveriam ter sua venda controlada e somente comercializados quando recomendados pelo técnico através de receituário. Os técnicos vem também alertando o produtor do mau uso, como também procura conduzir as recomendações dos produtos menos tóxicos, que já se encontram no mercado.

Tenho certeza que esta educação é um processo lento, como qualquer outro tipo de educação. Nós levamos anos para apreender a ler e escrever e tenho certeza que o produtor levará ainda muitos anos para aprender a utilizar corretamente os defensivos agrícolas. Preocupa-me, então, o trabalho de educação e treinamento da classe rural, e esta preocupação deverá ser de toda uma comunidade, de todo aquele indivíduo que está direta ou indiretamente ligado à agricultura. Somente assim poderemos, a curto prazo, evitar que muitos agricultores sejam levados à morte, tendo como causa o inseticida.



PEDIDOS DE RESERVA DE SEMENTE DE SOJA

O Departamento Técnico da COTRIJUI avisa seus associados que a partir do dia 15 de junho estará recebendo pedidos de reserva de semente de soja para a próxima safra, em todas as suas unidades.

MULTIPLANTA IMASA



Já está no mercado nacional e com grande sucesso a MULTIPLANTA IMASA. MULTIPLANTA IMASA, apresenta 3 opções para sulcar o solo, de acordo com as variações do mesmo: DISCOS HORIZONTAIS com menor diâmetro, com revolvimento de terra localizado. Sistema de sulcadores (PÉ-DE-PATO) conforme foto, para abertura de sulco em maior profundidade e DISCOS VERTICAIS, para terrenos com incidência de raízes e pedregulhos. E com a MULTIPLANTA IMASA os agricultores terão maior nº de linhas de plantio na semeadura de trigo e arroz. MULTIPLANTA IMASA, além do plantio convencional, faz também o PLANTIO DIRETO, em resteva de trigo.

A SITUAÇÃO DO ALHO

FEIJÃO É AINDA DUVIDOSO

Eng. Agr. Ivo Marcos Q. PALMA

O feijão, vulgarmente conhecido como a "proteína do pobre", apelido que nasceu no seio do próprio povo brasileiro, cujo hábito alimentar formou-se no decorrer do tempo, hoje passa a fazer parte da cultura de nossa gente.

Foi utilizado inicialmente como comida de escravos nos engenhos de cana e algum tempo depois nas grandes fazendas de café e daí para diante, como alimento básico na dieta alimentar de todo brasileiro, desde o mais humilde até o mais abastado.

Preparado sob as mais diversas formas — virado, acarejé, tropeiro, feijoada com linguiça, dobradinha e lombinho, sopa de feijão, baião-de-dois, etc — constitui um dos pratos mais apreciados e de alto requinte na cozinha de nosso povo. Dispondo de proteína altamente digestível, substitui até certo ponto os qualificativos da carne. Entretanto, em relação aos produtos de origem animal há insuficiência no teor de proteínas, que pode ser complementado com valores dietéticos de certos cereais como o milho, arroz e trigo ou com pequenas quantidades de subprodutos do leite e ovos.

Segundo alguns especialistas, esses produtos são cada vez mais insuficientes para atender a demanda do consumo mundial, mas que podem perfeitamente ser supridos na alimentação humana com muitas vantagens pelos feijões e outras leguminosas similares. Normalmente as espécies mais comuns em nosso meio são cultivadas em duas épocas distintas: a das águas, nos meses de novembro e dezembro e a das secas, a partir de março até maio. O plantio principal ocorre na época das águas, cujo ciclo é favorecido pelas chuvas, enquanto que nas secas o rendimento é inferior. Entretanto, continua aí também o risco cultural, uma vez que na época das águas podem ocorrer chuvas com plantas ainda na plena fase de maturação, o que decorre de uma total frustração da safra. Por tal fato, muitas vezes, parece ser melhor o plantio no período das secas, que também não está livre das prolongadas estiagens.

Esses, porém, são apenas alguns fatores que põem em risco a cultura do feijão. A suscetibilidade do feijoeiro às variações climáticas, os possíveis ataques de pragas e moléstias, também são fatores determinantes da queda da produção e, em consequência, há grande alta dos preços no mercado. É importante lembrar o tamanho das lavouras formada por numerosos produtores, porém em pequena escala, fazendo com que a cultura do feijão seja marginalizada e de pouca expressão econômica.

Excetuando-se apenas algumas regiões tradicionais, cujas lavouras são formadas em grandes extensões, visando a comercialização em grande escala, o feijão é cultivado somente para o consumo local, considerada como cultura secundária e apenas de subsistência para os próprios plantadores. Com este triste quadro, a produtividade por unidade de área vai decrescendo cada vez mais e os motivos são vários: há problemas de ordem técnica — falta de multiplicação e distribuição de variedades melhoradas, ausência do uso de sementes selecionadas e de um zoneamento edafoclimático da produção, problemas de colheita, sistemas inadequados de plantio e outras práticas culturais, além do sério problema no sistema de comercialização, que é muito deficiente em nosso meio.

Por estes motivos, acreditamos que há necessidade urgente de uma tomada de posição através dos órgãos competentes, relativo à cultura do feijão, caso contrário a "proteína do pobre" passará inevitavelmente a ser chamada de "sobremesa de rico".

O consumidor tem-se surpreendido pelo alto preço que o alho vem apresentando ultimamente nos mercados; apesar de que já em anos anteriores o seu preço não ter sido baixo e frequentemente serem comentadas as importações necessárias para garantir o abastecimento do produto. A média brasileira de produtividade de alho está em torno de 2.300 Kg/ha, com o maior volume de produção concentrado no Estado de Minas Gerais. No Rio Grande do Sul a média de produtividade supera 3.500 kg/ha, sendo possível obter em lavouras bem conduzidas até 10.000 kg/ha, por estar em situação climática favorável à sua melhor produção.

Deve ser semeado no outono para passar por uma estação fria e iniciar a bulbificação em período com dias de luminosidade crescente (primavera). A 2a. quinzena de abril é preferencial para sua semeadura, a qual sendo retardada pode favorecer o surgimento de ferrugem nas folhas, que reduz bastante a sua produção. O melhor espaçamento é de 0,30 x 0,10m resultando em 30 plantas por metro quadrado e se os "dentes" pesarem em média 1,5 g teremos 45 g/m² ou 450

Eng. Agr. Hélio Ito POHLMANN

kg/ha de sementes. Cultura que responde bem a solo corrigido e aplicação de adubo conforme análise de solo. Para pequenas áreas onde não existe análise recomenda-se aplicar por metro quadrado: 40 g de Superfosfato Triplo, 15 g de Cloreto de Potássio, 30 g de Sulfato de Amônio.

A metade do Sulfato de Amônio pode ser aplicado 30

dias após o plantio, em cobertura.

A aplicação de 1,5 g/m² de borax comercial tem revelado bons resultados, diminuindo o "chochamento" dos bulbos. Durante o ciclo vegetativo são necessárias 2 a 4 capinas, que podem ser dispensadas se for usado herbicida. Neste caso recomendam-se: Afalon 2-3 kg/ha; Tenoram 6-8 kg/ha.

Como tratamento fitossanitário recomenda-se:

Moléstias	Defensivos	Dosagem
Queima das folhas	Batasan Brema	7,5 g/10 litros 20 g/10 litros
Ferrugem	Brema	20 g/10 litros
Trips	Malatol 50 E	20 ml/10 litros

A colheita ocorre 4 a 6 meses após o plantio, quando as folhas estiverem totalmente amarelas, mas as hastes ainda estão verdes. São então arrancadas e deixadas no campo 2 a 4 dias, quando são recolhidas, classificadas e armazenadas.

Para diminuir a incidência de moléstias e melhor aproveitar os nutrientes do solo é importante fazer rotação de culturas, ou seja, não repetir

a cultura no mesmo local em anos seguidos.

A comercialização não é difícil, pois o Brasil é importador em consequência da produção não atender ao consumo. Recentemente esta importação foi fechada; pelo que se vê uma relativa escassez do produto, que provavelmente atingirá altos preços a nível de produtor, tornando-se pelo menos temporariamente uma cultura com alta rentabilidade.

TÉCNICO DESPEDE-SE DO RGS

Viajou para o Paraná o geneticista John Gibler, que se encontrava em nosso Estado desde 1960 especialmente contratado pela Massey Ferguson do Brasil para auxiliar a pesquisa tritícola e implantar o Programa Acelerado de Melhoramento de Trigo (PAT), mantido em convênio da Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul.

Amigo e compadre do dr. Norman Borlaug — Prêmio Nobel da Paz/70 — o dr. Gibler foi diretor adjunto do Centro Internacional de Melhoramento de Milho e Trigo (CIMMYT), no México e já manteve atividades de pesquisa em 84 países. Em 1960, quando chegou ao Rio Grande do Sul, o técnico implantou uma nova metodologia da pesquisa, inicialmente na Estação Experimental de Júlio de Castilhos, da Secretaria da Agricultura e posteriormente no Centro de Experimentação e Pesquisas da Fecotrig, em Cruz Alta. Nesse período e graças às suas ligações internacionais, o dr. Gibler proporcionou o estágio, a especialização e o mestrado de técnicos gaúchos nos maiores centros internacionais de pesquisa.

Há dias, por ocasião do lançamento de novas variedades de trigo para o Estado, e na presença do secretário Getúlio Marcantônio, da Agricultura, o trabalho desenvolvido pelo dr. Gibler foi enaltecido pelo presidente da Fecotrig, Ari Dionísio Dalmolin, que salientou a dedicação, o despreendimento e sobretudo o estímulo oferecido pelo dr. John Gibler na formação de uma geração de jovens cientistas.

Pague pra não ver.

Não existe nada mais triste do que um trigo contaminado por fungos. E nada que dê mais prejuízo. Se você ainda não passou por isso, não espere pra ver. Use Manzate D + Benlate e pague para ter sua lavoura protegida contra as doenças do trigo. E pague pouco. Manzate D + Benlate protegem o seu trigo contra todas as doenças. É a mistura que mais aumenta a sua produção e que tem menor custo por hectare. E quem garante isto não é apenas a Du Pont. Os próprios órgãos governamentais pesquisaram e obtiveram índices de produtividade de até 100% a mais com o uso de Manzate D + Benlate. A Du Pont e seus distribuidores fornecem a assistência técnica que você precisa. Siga a orientação de sua cooperativa. Aplique Manzate D + Benlate na sua lavoura de trigo. Na próxima colheita você vai ver como é bonita um trigo sadio. E como é lucrativo.

MANZATE® D + BENLATE® DU PONT

Aumente em até 100% sua colheita de trigo sem plantar nem um palmo a mais.



UMA RUA EM AJURICABA PARA HOMENAGEAR LUIZ FOGLIATTO

Na data que o município comemorava a passagem de seu 11º aniversário de emancipação política e administrativa, o prefeito municipal Zeferino Pretto, acatando proposição do vereador Alberto Wiegert, aprovou lei que denominou artéria urbana com o nome do líder cooperativista desaparecido — Dona Lais Fogliatto descerrou a placa nominativa — Direção da COTRIJUI, tendo a frente o vice-presidente Arnaldo Oscar Drews, presente

A 29 de maio o município de Ajuricaba festejou seu 11º aniversário de vida política e administrativa independente.

Dentre as diversas solenidades programadas para lembrar a significativa data, constou a inauguração da rua Luiz Fogliatto, o líder cooperativista que presidiu a COTRIJUI na

fase do embasamento da sua infra-estrutura, e que desapareceu prematuramente em outubro de 1972. A inauguração da rua ocorreu na manhã de 28, sábado, com a presença do vice-presidente da COTRIJUI, sr. Arnaldo Drews e diversos diretores, que acompanharam dona Lais Fogliatto, viúva do homenageado.



Vista parcial da solenidade, aparecendo o prefeito e vice, Zeferino Pretto e Geraldo Sperotto; o sr. Arnaldo Oscar Drews, as sras. Lais Fogliatto e Marilda Silva, entre outros.

Presentes à solenidade as altas autoridades e lideranças culturais do município, tendo a frente o prefeito Zeferino Pretto. Dona Lais Fogliatto descerrou a placa, tendo falado

a seguir, ressaltando as qualidades do homenageado, o médico Naldo Wiegert, em nome de seu pai, Alberto Wiegert, autor da proposição que culminou com a lei que denominou

a rua; o secretário do governo municipal, bacharel Eduardo Heitor Berbigier, em nome do prefeito e o sr. Arnaldo Oscar Drews, vice-presidente da COTRIJUI.

FUNCIONÁRIOS HOMENAGEARAM O DESTAQUE EM COOPERATIVISMO

Os funcionários da COTRIJUI cotisaram-se para prestar homenagem ao seu diretor-presidente, por ter sido distinguido com o título de Destaque em Cooperativismo no ano de 1976 pela Rede Brasil-Sul de Comunicações. A homenagem, que aconteceu a 7 de maio, tendo por local a sede da Associação dos Funcionários (AFUCOTRI) na Linha 3 Oeste, foi a segunda ao líder cooperativista, pois a 25 de abril na Sociedade Ginástica de Ijuí, o mesmo havia

sido homenageado pelo mesmo motivo pelo Conselho Diretor.

Acompanhado da esposa, Marilda, Ruben Ilgenfritz da Silva foi alvo do carinho dos funcionários, que externaram sua admiração através da oferta de uma placa de prata com dizeres alusivos a homenagem que recebeu da RBS.

A placa de prata e um mimo à dona Marilda, foram entregues, respectivamente, pelo sr. Arno Ketzer e pela jovem Neiva Salette Desordi;

ele o funcionário mais antigo e ela a mais nova a integrar o quadro de funcionários da cooperativa.

Essas demonstrações ocorreram logo após o almoço, tendo falado em alusão ao ato os funcionários Humberto Lucas e Valmir Beck da Rosa, enaltecendo a pessoa do homenageado pelo mérito do destaque. Agradecendo a homenagem, Ruben Ilgenfritz da Silva transferiu o mérito do destaque aos funcionários.

REGIÃO CELEIRO QUER MAIOR RETORNO DE ICM

A convite da direção da Associação dos Municípios da Região Ceileiro, zona produtora do Estado do Rio Grande do Sul, direções de cooperativas participaram da última reunião daquela entidade, realizada dia 3 do corrente na cidade de Campo Novo. Estiveram representadas as cooperativas: Cotrimaio, Cotricampo, Cotripal e Cotrijui, esta última pelo seu diretor vice-presidente, Arnaldo Drews e contador Guaíra Mac Dowal de Castro.

Na pauta da reunião, além de homenagens aos muni-

cípios de Campo Novo e Santo Augusto, que aniversariaram, um assunto que despertou o interesse de quantos participaram dos trabalhos: ICM, recolhimento e retorno.

A convite do presidente da Associação dos Municípios da Região Ceileiro, prefeito Jacy Luciano de Souza, de Coronel Bicaco, o primeiro a falar foi o diretor vice-presidente da COTRIJUI. Discorreu sobre a comercialização dos produtos agrícolas, técnicas de mercado, transferência de produto para fins de armazenamento, etc.

Como os prefeitos ali reunidos administram municípios que tem sua base econômica na agricultura, sugeriu, depois de ouvir muitas perguntas, que contratassem uma firma especializada para realizar estudos, a fim de viabilizar, conforme proposta do prefeito de Santo Augusto, um retorno maior do que é arrecadado de ICM. As palavras do diretor vice-presidente da COTRIJUI foram corroboradas pelos demais líderes cooperativistas, que disseram seguir a mesma linha de ação, voltada sempre ao produtor.



Jacy Luciano de Souza, presidente da AMRE, quando discursava.



COTRIJORNAL

JUNHO DE 1977

CADERNO DE BALANÇO

EXERCÍCIO 1976/1977

SENHORES ASSOCIADOS:

Ao findar o primeiro ano do mandato eletivo pela Magna Assembléia de 12 de maio de 1976, cumprimos o grato dever de submeter a alta apreciação dessa egrégia assembléia as atividades e os resultados oriundos do exercício encerrado em 28 de fevereiro de 1977.

Já no limiar de uma data que é muito grata para todos nós, ou seja, o 20º aniversário da COTRIJUI, voltamos os nossos olhos para o passado e, revendo os passos iniciais de nossa cooperativa na busca de soluções para seus associados, comparando-os com o estágio atual da COTRIJUI, chegamos à conclusão que a união em torno do cooperativismo é a solução mais lógica e sensata.

Conscientizados das reais possibilidades da COTRIJUI e impulsionados pela coesão e trabalho de seu valoroso quadro social, procuramos no decorrer do exercício recém findo, instrumentalizar e dinamizar os diversos setores da cooperativa para, através de uma infra-estrutura empresarial, torná-la capaz de competir de igual

para igual até mesmo com as grandes multinacionais.

Fiéis aos ideais cooperativistas e cumprindo o objetivo estatutário de "promover a mais ampla defesa dos interesses de seus associados", temos procurado equacionar racionalmente todos aqueles problemas que ainda afligem os nossos associados.

A ampliação da capacidade de recebimento e armazenamento, a assinatura do convênio COTRIJUI/UNIMED com a ampliação dos benefícios e seguro de vida em grupo e assinatura de convênio com a Secretaria da Saúde para formação de médicos comunitários, o recebimento da área para a implantação do projeto de colonização COTRIJUI/NORTE, a entrada em funcionamento da fábrica de óleo junto ao Terminal Marítimo "Luiz Fogliatto", a expansão da Assistência Técnica, o fornecimento de colheitadeiras, a instalação de telex em nossas unidades de Ijuí e Rio Grande, são algumas dentre as medidas adotadas para dar maior flexibilidade aos servi-

ços prestados, maior rapidez no atendimento, informações mais precisas a respeito de mercado e assistência médico-hospitalar mais condizente com as necessidades do nosso quadro social.

Sempre preocupados com os problemas sócio-econômicos de nossos associados, filiamos a COTRIJUI, devidamente autorizada em Assembléia Geral, às cooperativas Centrais de Telecomunicações Rurais e de Leite. A primeira das filiações visa dar condições para o agricultor entrar em contato com as cidades sem deslocar-se de sua propriedade, oportunizando a interiorização da tecnologia mais avançada em telecomunicações. Quanto a segunda filiação, objetivamos criar mais uma alternativa para os nossos associados na busca da diversificação, fugindo dos graves riscos do simples binômio trigo-soja.

Outra alternativa criou-se com a incorporação da cooperativa de Dom Pedrito, oportunizando o ingresso da COTRIJUI na industrialização da produção animal, o que irá possibilitar a médio prazo a segurança necessária ao pleno desenvolvimento da produção animal pelo nosso corpo social. Além disto, a presença da COTRIJUI naquela região não só fortalecerá a confiança no sistema cooperativo, como também definiu a ampliação da fronteira agrícola na região sul de nosso Estado.

No que tange ao problema dos minifúndios, espera-se minimizar o problema com a implantação do projeto COTRIJUI/NORTE, cujos primeiros passos efetivos deverão ser dados ainda no decorrer deste semestre, com o funcionamento das primeiras serrarias cedidas em comodato pelo INCRA. Temos muitas razões para crer que a implantação do citado projeto deverá ocorrer no menor espaço de tempo possível, para que, montada a infraestrutura indispensável, possamos iniciar a transferência de agricultores associados para aquela região e lembrar os minifúndios de nossa área de ação, pois temos contado com o apoio de todos os organismos oficiais na Amazônia.

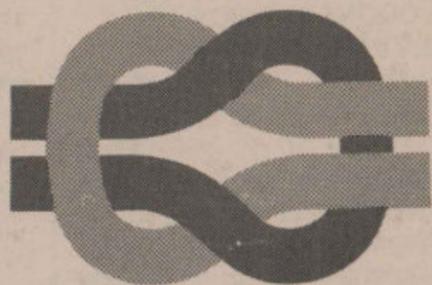
Relatadas sinteticamente as principais atividades desenvolvidas no decorrer do exercício 76/77, passamos, para dar um entendimento mais completo, a proceder um relato comparativo dos números que compõem o nosso balanço em estudo:

QUADRO SOCIAL:

em fevereiro de 1975 — 10.052 associados
em fevereiro de 1976 — 11.361 associados (+ 13,0%)
em fevereiro de 1977 — 14.208 associados (+ 25,1%)

Aqui deve-se destacar que já estão incluídos os sócios da ex-cooperativa de Dom Pedrito. Ressalte-se outrossim, que o quadro social da Pedritense, que era de 1.175 associados na data da incorporação, aumentou em apenas 3 meses para 1.398, ou seja, um acréscimo de 19%.

O cooperativismo é a sua força.



COTRIJUI
— A FORÇA DA UNIÃO.

CAPITAL SOCIAL:	Subscrito	Integralizado	Aumentado (%)
fevereiro 1975 -	Cr\$ 30.098.911,84	Cr\$ 18.757.568,38	
fevereiro 1976 -	Cr\$ 37.634.035,19	Cr\$ 23.364.123,59	+ 24,6
fevereiro 1977 -	Cr\$ 59.253.586,99	Cr\$ 36.519.985,16	+ 56,3

VENDAS: Em que pese o preço da soja não ter atingido os níveis esperados no exercício em foco, as vendas gerais tiveram um acréscimo de 90,5% relativamente ao exercício anterior. A evolução das vendas no último triênio, incluindo produtos agrícolas, seção de consumo, produtos industrializados e insumos, é a seguinte:

em fevereiro de 1975 - Cr\$ 726.216.199,08
em fevereiro de 1976 - Cr\$ 933.295.212,76 (+ 28,5%)

em fevereiro de 1977 - Cr\$ 1.777.993.885,9
em fevereiro de 1977 - Cr\$ 1.777.993.885,91 (+ 90,5%)

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS: A constituição da receita por prestação de serviços provém das operações do Hospital Santa Terezi- nha, Departamento de Crédito, Departamento Técnico, Departamento de Transportes, provindo no entanto a maior parte do Terminal Marítimo "Luiz Fogliatto". Este item apresentou, no último triênio, esta evolução:

fevereiro de 1975 - Cr\$ 55.388.943,84
fevereiro de 1976 - Cr\$ 75.346.103,78 (+ 36,0%)

fevereiro de 1977 - Cr\$ 125.015.191,92 (+ 65,0%)

QUADRO FUNCIONAL: Muito embora o constante crescimento da cooperativa e a inclusão dos funcionários da Cooperativa Pedritense, conseguimos através de uma racionalização dos serviços, reduzir o percentual de aumento no número de funcionários que, no triênio 74/76 atingiu uma média de 35%. Eis a evolução do quadro funcional nestes 3 últimos anos:

fevereiro de 1975 - 1.076 funcionários
fevereiro de 1976 - 1.460 funcionários (+ 41,0%)

fevereiro de 1977 - 1.794 funcionários (+ 23,0%)

ASSISTÊNCIA SOCIAL: Conforme é do conhecimento do corpo social, após apurados estudos sobre os serviços médico-hospitalares-odontológico, chegamos à conclusão de que os nossos associados e funcionários e seus respectivos familiares necessitavam de tais serviços, sem as limitações impostas pelo convênio então existente. Isto posto, foi firmado um convênio com a UNIMED-IJUI, através do qual, a partir de julho de 1976, foram atendidos nos diversos setores, entre associados, funcionários e familiares, os seguintes números:

CLÍNICA ODONTOLÓGICA

Número de associados e familiares atendidos. 12.541

Número de funcionários e familiares atendidos. 1.086

TOTAL 13.627

Atendimentos para restaurações 10.314

Atendimentos para extrações 4.125

Atendimentos diversos 20.137

TOTAL 34.576

SERVIÇOS MÉDICO-HOSPITALARES E LABORATORIAIS

Total de assoc. e dependentes atendidos. 12.279

Total de func. e dependentes atendidos. . . 1.835
TOTAL 14.114

ESTATÍSTICA POR SERVIÇOS:

Consultas médicas 23.454

Exames de laboratório 7.708

Raio X. 654

Eletro-cardiograma 149

Eletro-encefalogramas 61

Serviços gerais (ginecologia) 1.112

Fisioterapia 446

Atendimentos no ambulatório do hospital . 425

Internamentos hospitalares 1.392

Cirurgias 358

Partos 226

Cezarianas 63

Total de atendimentos. 36.048

Sentimos que nesta área residem, sem dúvida, os grandes problemas que afligem a todo o nosso corpo social e que exigem novas tomadas de posição, de forma especial na área da assistência médico-hospitalar. O convênio que mantemos com a Secretaria da Saúde de nosso Estado buscando a preparação de médicos aptos para a medicina comunitária deverá, desde que conte com a decisiva participação de nosso quadro associativo, encontrar novos caminhos.

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM:

Atentos para o crescente volume da produção agrícola e procurando reduzir o tempo dispendido pelos associados na descarga de produtos, vamos paulatinamente e de acordo com os recursos disponíveis, aumentando a capacidade de armazenamento em nossa área de ação. Eis os números relativos aos 3 últimos anos:

fevereiro de 1975 - 465.800 toneladas

fevereiro de 1976 - 525.800 toneladas

fevereiro de 1977 - 734.800 toneladas

O aumento acima deve-se a construção dos armazéns graneleiros de Tenente Portela e da sede, bem como os aumentos procedidos em Chiapetta e Vila Jóia.

RECEBIMENTO DE PRODUTOS: No exercício findo a produção de trigo retomou o ritmo anterior à frustrada safra de trigo de 1975 e a soja continua em sua marcha ascendente, conforme comprovam os números a seguir.

	Trigo (sacos)	Soja (sacos)	Total/sacos
1974	2.853.910	3.472.613	6.326.523
1975	1.645.200	4.933.251	6.578.451
1976	2.806.692	5.695.551	8.502.243

ASSISTÊNCIA TÉCNICA: As diversas atividades do Departamento Técnico podem ser resumidas nos seguintes dados:

Assistência técnica direta: foram assistidos 5.617 agricultores associados para vistorias, regulação de máquinas e implementos, pulverização aérea, etc.

Conservação do solo: foram terracedos 7.389 hectares, atendendo-se 480 associados.

Análises: de solo. 3.261

de calcário. 116

de fertilizantes. 98

de defensivos. 56

Projeto PROCAL: Foram elaborados 2.710 projetos abrangendo uma área de 49.784,86 hectares, num valor de Cr\$ 70.796.218,73.

Reuniões: Os engenheiros-agrônomo e técnicos rurais, em perfeito entrosamento com a Assessoria de Comunicação e Educação, participaram de 246 reuniões nos núcleos de base.

Outras atividades: Foram realizadas 30 lavouras demonstrativas numa área de 134 hectares. No programa de arborização de escolas foram plantadas 1.263 mudas, atendendo 9 escolas. 15 associados foram atendidos com levantamento topográfico, abrangendo uma área de 1.926,8 hectares.

Assistência veterinária: No escritório foram atendidos 1.230 associados. A equipe realizou 54 visitas à instalações e atendeu 673 casos em granjas.

Inseminação artificial: Nos postos 3.457 e nas fazendas 476. Exames de sangue 552 e diagnóstico de gestação e exame ginecológico 967.

Centro de Treinamento COTRIJUI: Através de convênio com o Ministério da Agricultura, foi instalado no antigo Posto Agro-Pecuário um centro de treinamento para pesquisas da produção agro-pecuária e treinamento do pessoal técnico para posterior difusão dos resultados entre os nossos associados. Os trabalhos de experimentação estão sendo conduzidos em perfeita sintonia com os seguintes órgãos de pesquisa: EMBRAPA, FECOTRIGO, Secretaria da Agricultura, Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Pesquisas Agrônomicas (IPAGRO), Universidade de Gottingen da Alemanha, e com firmas fornecedoras de insumos.

As pesquisas desenvolvem-se no campo da multiplicação de linhagens de trigo e soja; controle de pragas e doenças do trigo; germinação; eficiência dos fungicidas; seleção de linhagens; pesquisa sobre a erosão hídrica; introdução e avaliação de cultivares de colza; estudos sobre o sistema de plantio direto; testes com herbicidas e fungicidas e, com vistas ao programa de integração lavoura-pecuária está sendo desenvolvido um programa especial de pesquisas com forrageiras.

No setor da pecuária também estão se desenvolvendo pesquisas diversas no campo da reprodução através da inseminação artificial, produção de leite e defesa sanitária. Quanto ao setor de treinamento, foram realizadas: visitas com agricultores, visitas com técnicos de outras entidades, treinamento de técnicos, demonstrações práticas com alunos dos cursos Técnicos Agrícolas e de Técnicos Agrícolas do IMERAB.

AÉRO AGRÍCOLA COTRIJUI LTDA: A implantação dos serviços de pulverização aérea estão demonstrando, a cada safra, a sua importância e a validade de sua instituição para o controle de pragas nas lavouras de trigo e soja. Deve-se salientar que o sistema de pulverização cooperativada foi a única medida capaz de levar os serviços aos pequenos produtores, os quais, isoladamente não poderiam dispor desta tecnologia. No exercício 76/77 foram atendidos 1.020 produtores, abrangendo uma área total de 124.717 hectares.

DEPARTAMENTO DE CRÉDITO: Na

fluência do exercício em exame, este setor da cooperativa financiou através de repasse os seguintes valores:

Lavouras de trigo: Cr\$ 129.232.396,00, abrangendo uma área de 86.243,5 hectares, beneficiando a 3.755 associados.

Lavoura de soja: Cr\$ 144.612.066,00, abrangendo uma área de 125.186,5 hectares, beneficiando a 4.974 associados.

Calcário e fertilizantes: Foram beneficiados com repasse para aquisição destes insumos, 2.544 associados para correção de uma área de 51.276,435 hectares, cujo valor atingiu a soma de Cr\$ 62.655.884,08.

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: Em estreita colaboração com o Departamento Técnico e o convênio COTRIJUI/FIDENE, as atividades deste setor podem ser resumidas nos seguintes números: 28 reuniões com líderes, professores rurais e direções de sindicatos, nas quais participaram 1.119 pessoas. Com associados foram realizadas 498 reuniões com um total de 13.346 participantes. Realizaram-se também 7 reuniões com sindicatos da região, das quais participaram 152 pessoas. Foram coordenadas 60 excursões a Rio Grande, das quais participaram, entre associados e familiares, funcionários e dependentes e estudantes, 2.920 pessoas. Ainda nesta área de comunicação, contamos com o COTRIJORNAL que, com mais de três anos e meio de circulação, continua fiel à sua linha de "veículo de cultura", levando aos lares de nossos associados assuntos de ordem geral, procurando com isto, além de não descuidar do aspecto cooperativista e técnico-agrícola, impor-se como elemento de formação e elevação cultural. Pela aceitação que vem tendo e pelas inúmeras solicitações de remessa por parte de entidades, profissionais liberais, organizações jornalísticas, técnicos e instituições de ensino e científica do Brasil e no exterior, o nosso COTRIJORNAL já se prepara para elevar a sua tiragem para 15.000 exemplares.

COTRIEXPORT: Esta empresa hoje sob o controle acionário de nossa cooperativa, continua a prestar inestimáveis serviços no setor da comercialização, de forma especial da soja, e preparando-se para buscar a mesma eficiência no arroz, milho, carnes e os demais produtos que estejam dentro da pauta de produção de nosso corpo social. Vem a COTRIEXPORT paulatinamente incorporando as técnicas e métodos mais modernos de comercialização, desvendando os mistérios que assim se caracterizavam, fruto de nossa falta de conhecimento. Caberá importantíssimo papel à nossa empresa de comercialização na transferência desses conhecimentos ao nosso quadro social, de forma especial aqueles que permitirão a todos nós produtores usar de forma adequada as operações de mercado a termo, amparado em operações de Bolsa de Cereais, especialmente a Bolsa de Cereais de Chicago. A COTRIEXPORT proporcionou a nossa aproximação com as cooperativas de outros continentes, assegurando a continuidade de uma política que busca a comercialização direta a nível de consumidor, como ocorreu com operações de farelo de soja com cooperativas da Holanda e já se renuncia o mesmo tipo de operação com cooperativas da França, Alemanha, Bélgica e outros países. Confiamos que a longo prazo caberá papel preponderante ao cooperativismo nas transações

internacionais. Ainda se faz necessário que se relate e seja considerada por esta Assembléia a participação da nossa cooperativa na CODETEC (Companhia de Desenvolvimento Tecnológico), a incorporação da Cooperativa Pedritense de Produtos Agro-Pastoris Ltda, e a instalação do Centro de Processamento de dados. A CODETEC é uma empresa criada junto a Universidade de Campinas com o objetivo de desenvolver tecnologia brasileira. Esta empresa conta com um capital autorizado de Cr\$ 6.000.000,00 entre ações ordinárias e preferenciais, participando a COTRIJUI com Cr\$ 300.000,00.

Nossa participação significa a aproximação ao mais bem estruturado centro científico do país, nos assegurando o assessoramento a orientação para novos empreendimentos nas diversas áreas de atuação de nossa cooperativa, de um modo especial na industrialização de nossa produção primária.

Incorporação da Cooperativa Pedritense de Produtos Agro Pastoris Ltda, foi amplamente discutida e analisada pelo nosso corpo social, que, com conhecimento de causa aprovou unanimemente a incorporação, em Assembléia Geral Extraordinária conjunta realizada em 17 de fevereiro do corrente ano.

Podemos agora, quando se encerra este exercício, comunicar que as perspectivas futuras são das mais animadoras possíveis, primeiramente pela decidida participação dos associados de Dom Pedrito, ante e após a incorporação e se destaca hoje o acerto da iniciativa pelos programas de integração que começam a ser esboçados entre as duas regiões. Será já no decorrer deste novo exercício social que começaremos a sentir objetivamente os primeiros resultados.

Por outro lado, a necessidade de se buscar na moderna tecnologia a segurança necessária aos controles de nossas atividades fez com que se constituísse o nosso Centro de Processamento de Dados, instalado no prédio de nossa antiga sede social, contando com instalações e equipamentos modernos e capazes de nos assegurar a tranquilidade de nosso crescimento futuro.

Já no exercício anterior relatávamos que estava previsto levarmos a termo inúmeras obras constituídas de novos armazéns graneleiros, instalações para supermercados e escritórios, entretanto, temos encontrado sérias dificuldades na obtenção dos recursos necessários, o que determinou um profundo estudo e contatos com as autoridades monetárias e que indicam que os recursos para tais investimentos encontrarão sua viabilização mais rápida se partirmos para uma política de integralização de capital antecipado pelo quadro social. Face ao significado dessa medida, sentimos a necessidade de buscarmos, através de um amplo diálogo, a definição de normas adequadas e compatíveis com o grau de participação de cada produtor associado, permitindo assim que a nossa cooperativa continue a atender as reais necessidades do quadro social. Nos deparamos ainda com um aspecto da maior importância na vida da organização, que é, buscarmos a forma adequada de mantermos as nossas Assembléias Gerais suficientemente representativas de seu quadro social, para que, entendemos, se lance um grande desafio à nossa capacidade criativa, buscando definir possivelmente pela representatividade do corpo social através de delegados

eleitos pelos associados. Esperamos que no decorrer do exercício que se inicia possamos apresentar à consideração de nosso quadro social, propostas capazes de, com a colaboração e participação de todos os associados, possam manter a representatividade em nossas Assembléias a nível de salvuardarmos os interesses de todo o quadro social.

SOBRAS DO EXERCÍCIO: As sobras líquidas do exercício totalizaram o valor de Cr\$ 12.970.484,78, para as quais propomos a esta digna Assembléia a seguinte distribuição:

a) Cr\$ 12.218.285,10 (doze milhões, duzentos e dezoito mil, duzentos e oitenta e cinco cruzeiros e dez centavos), sejam distribuídos proporcionalmente ao volume de soja entregue à cooperativa para comercialização na safra de 1976, individualmente por associado, em qualquer das modalidades, sejam a preço médio ou depósito, e cujo volume atingiu a 5.818.231 (cinco milhões, oitocentos e dezoito mil, duzentos e trinta e um) sacos de 60 quilos, já acrescidos de 124.386 sacos da safra de 1975, comercializados neste exercício;

b) Que o saldo remanescente de Cr\$ 752.199,68 (setecentos e cinquenta e dois mil, cento e noventa e nove cruzeiros e sessenta e oito centavos), seja levado a crédito da conta FUNDO DE RESERVA, para utilização restrita ao que determina o artigo 55 do Estatuto Social da cooperativa.

Ao encerrarmos este relatório, não poderíamos de forma alguma deixar de dizer que as novas atividades e sucessos são frutos do alto espírito de compreensão e de associativismo do nosso corpo social. Este espírito tem se manifestado em todos os escalões de nossa cooperativa, desde a participação efetiva dos Conselhos de Administração e Fiscal, corpos administrativos, funcional e associativo, os quais, cada um dentro de suas atividades vem dando o máximo de si mesmos, deixando a marca indelével de sua abnegação em favor do desenvolvimento da COTRIJUI.

O nosso reconhecimento também às autoridades federais, estaduais e municipais, pelo seu sempre valioso apoio nas iniciativas submetidas à suas apreciações. Aos agentes financeiros, em particular o Banco do Brasil S/A e Banco Nacional de Crédito Cooperativo S/A, cujo respaldo financeiro vem oportunizando a concretização de nossas iniciativas e cuja confiança depositada na cooperativa merecem o nosso reconhecimento.

Aos que labutaram conosco e ajudaram no desenvolvimento da COTRIJUI e que não mais fazem parte do nosso dia-a-dia, de um modo especial o grande líder cooperativista Luiz Fogliatto, o nosso preito de gratidão e a nossa saudosa lembrança.

Finalizando e deixando sempre um destaque todo especial, o reconhecimento sincero de todos nós pelo trabalho, pela compreensão e pela dedicação do nosso quadro social que, em nenhum momento negou o seu apoio em favor do desenvolvimento da COTRIJUI. Uníssonos em torno dos ideais cooperativistas, todos compreenderam que somente desfaldando a bandeira da união poderão vencer as dificuldades que a vida lhes antepõem.

É através do seu trabalho que a COTRIJUI se projeta e que o País vislumbra dias melhores para o seu povo.

BALANÇO

COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA BALANÇO PATRIMONIAL ENCERRADO EM 28.02.1977

DISPONIVEL		A T I V O	
Caixa		118.682,87	
Bancos Cta. Movimento		27.304.053,93	
Moeda Estrangeira		3.385,07	27.426.121,87
REALIZAVEL A CURTO PRAZO			
Associados			
Conta Particular	82.946.638,17		
Conta Financiamento Ração	501.341,30		
Conta Financ.Lav.Soja	140.626.772,10		
Conta Financ.Corretivos	10.581.589,00		
Assoc.C/Financ.Lav.Milho	4.243.311,49	238.899.652,06	
Cientes			
No País	69.963.739,10		
No Exterior	75.125.818,72		
(-) Titulos Descontados	42.897.646,71		
(✓) Prev.P/Ctas Liq.Duvidosa	1.149.326,61	101.042.584,50	
Titulos a Receber		1.344.998,68	
Devedores Diversos		12.746.160,50	
Fornecedores Cta.Antecip.		11.511.524,43	
Funcionarios Cta. Fornecim.		1.005.476,58	
Cotriexport		2.077.184,93	
Contas a Receber Hospital		643.372,29	
Adiantamento P/Viagens		196.678,74	
Bco Brasil S/A Cta.Vinculada		89.115,40	
Funrural S/Estim.Liquidação		191.945,84	
Cheques a Receber		16.553,00	
Estoques			
Produtos Agrícolas			
Soja- Industria- Ijuí	5.708.803,90		
Soja- Industria- R.Grande	61.017.686,70		
Milho	3.212.311,50		
Cevada	303.665,50		
Semente Forrageira	1.480.904,10	71.723.371,70	
Produtos Industrializados			
Ijuí	3.362.593,03		
Rio Grande	29.673.771,00		
Produtos em Elaboração	1.786.609,01		
Produtos Pec.Dom Pedrito	8.029.803,06	42.852.776,10	
Mercadorias			
Maquinas Agricolas		61.220.987,75	
Sacaria		22.352.533,49	
Almoxarifado		1.180.719,38	
Farmacia		18.578.022,92	
Semem		488.210,78	
		224.956,16	218.621.578,28
REALIZAVEL A LONGO PRAZO			
Associados			
Financ.Lav.Trigo	9.678.014,30		
Financ.B.N.C.C.	4.147.792,77		
Financ.Corretivos	54.696.445,84	68.522.252,91	
Deposito Restituivel D.Lei 1520		250.000,00	
Deposito Dec.354		553.593,00	69.325.845,91
IMOBILIZADO			
Tecnico			
Imoveis	105.951.926,30		
Instalações	3.810.347,78		
Maquinas e Equipamentos	44.200.732,96		
Movéis e Utensilios	8.780.246,13		
Veiculos	23.343.841,74		
Terminal Maritimo Luiz Fogliatto	65.260.649,41		
Construções em Andamento	32.676.260,50		
Semoventes	850,00		
Fabrica de Oleo Rio Grande	67.670.107,23		
(+) Correção Monetária	52.162.187,43		
(-) Depreciação Acumulada	52.873.409,75	350.983.739,73	
Financeiro			
Cauções	5.484,03		
Participações	17.990.805,72	17.996.289,75	368.980.029,48
RESULTADO PENDENTE			
Despesas Diferidas		2.068.521,86	
Contas em Liquidação		13.206,39	
Adiantamento P/Despesas		44.392,42	
Custeio Safras a Liquidar D.Pedrito		7.223.203,67	
Safras a Liquidar Dom Pedrito		13.738.812,44	
Safras Lãs 73/74 - Dom Pedrito		2.669.472,85	
Valores a Regularizar - Dom Pedrito		3.200,93	
Despesas Diferidas - Dom Pedrito		2.064.228,79	
Projeto Amazonia		2.196.964,67	30.022.004,02
COMPENSADO			
Bancos Conta Cobrança - Ijuí		4.521.199,70	
Bancos Conta Cobrança-R.Grande		8.908,57	
Bancos Conta Cobrança-D.Pedrito		7.692.025,66	
Bancos Conta Caução-R.Grande		321.471,43	
Contratos de Compra-R.Grande		6.970.229,99	19.513.835,35
TOTAL DO A T I V O			1.103.654.691,86

EXIGIVEL A CURTO PRAZO

Associados
 Conta Particular
 Conta Disposição
 Credores Diversos
 Fornecedores
 Safras a Liquidar
 Titulos a Pagar
 Adiantamentos de Cambio
 Financiamentos
 Imposto a Recolher
 Contribuições Previdenciarias
 Salários a Pagar
 Compromissos Diversos
 Capital a Restituir
 Provisão P/Imposto de Renda
 Aero Agricola Cotrijui Ltda.
 Fretes a Realizar

EXIGIVEL A LONGO PRAZO

Financiamentos
 Provisão p/Imposto de Renda
 Titulos a Pagar
 Compromissos Diversos
 Capital a Realizar CODETIC

NÃO EXIGIVEL

Capital Subscrito
 (-) Capital a Realizar
 Fundo de Reserva
 Fundo de Desenvolvimento Econ.
 Fundo de Assitencia Social
 FATES
 Reserva Corr.Monet.At.Imobil.

PENDENTE

Contas Pendentes
 Receitas Diferidas
 Vendas Antecipadas
 Receitas Diferidas D.Pedrito
 Sobras a Disposição

COMPENSADO

Titulos em Cobrança
 Titulos Cauçionados
 Compras Contratadas

TOTAL DO P A S S I V O

COOPERATIVA

Ruben Ilgenfritz da Silva

Presidente

Ruben Ilgenfritz da Silva
 CPF 056268970

- TRIGO INDUSTRIAL:

Vendas Banco do Brasil
 Vendas de resíduos
 Receita Secagem e armazenagem
 Liquidação de safras
 Despesas de comercialização
 Despesas indiretas

2 - TRIGO SEMENTE:

Vendas
 Transferências
 Liquidações de safras
 Bonificações
 Despesas de comercialização
 Despesas indiretas

3 - SOJA INDUSTRIA:

Vendas Mercado Externo
 Vendas Mercado Interno
 Transferências P/Semente
 Transferência P/Industria
 Operações em Bolsa
 Custo das vendas e transfe-
 cias
 Despesas de Comercialização
 Despesas indiretas
 Operações em Bolsa

4 - SOJA SEMENTE:

Vendas
 Transferências

PASSIVO

5.039.342,79	37.846.372,65	
<u>32.807.029,86</u>	11.343.096,79	
	38.806.572,81	
	6.431.355,27	
	1.949.578,50	
	182.288.402,50	
	334.185.700,04	
	12.728.054,09	
	1.511.354,62	
	2.102.949,72	
	7.388.849,74	
	226.208,28	
	1.870.610,00	
	1.313.086,60	
	<u>5.500.000,00</u>	645.492.191,61
	241.926.398,99	
	842.447,02	
	1.516.650,00	
	3.338.530,65	
	<u>255.000,00</u>	247.879.026,66
59.253.586,99	36.519.985,16	
<u>22.733.601,83</u>	24.411.103,15	
	21.711.004,76	
	3.628.014,94	
	25.490.685,82	
	<u>27.028.228,23</u>	138.789.022,06
	50.779,99	
	2.481.886,53	
	13.440.000,00	
	23.037.464,88	
	<u>12.970.484,78</u>	51.980.616,18
	12.222.133,93	
	321.471,43	
	<u>6.970.229,99</u>	19.513.835,35
		1.103.654.691,86

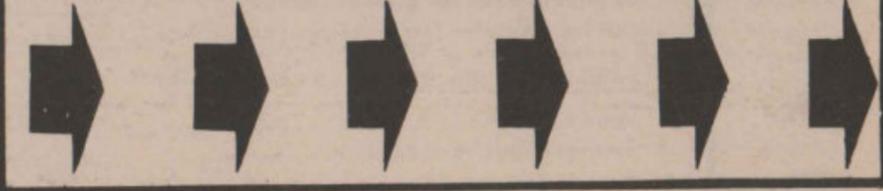
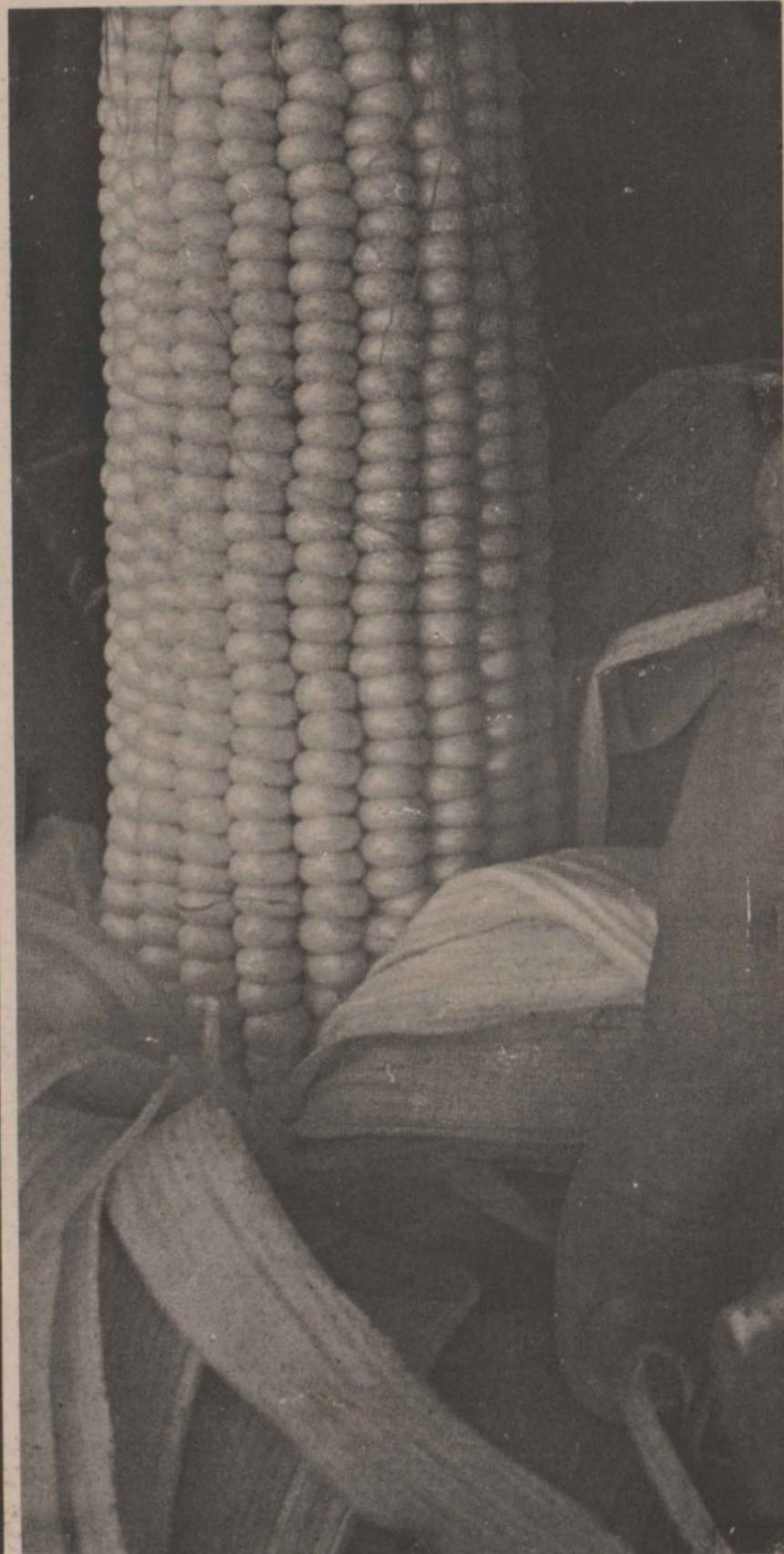
COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA. IJUÍ - RS.

[Signature]
Procurador
Oswaldo O. Meotti
CPF 028504780

[Signature]
Técnico Contabilidade
Guairé Mac Donald F. Pinto
CRC 14.656- CPF 049158520

DEMONSTRATIVO DE SOBRAS E PERDAS

.....	350.414.169,73	
.....	322.256,61	
.....	<u>13.361.111,88</u>	364.097.538,22
.....	351.754.515,99	
.....	454.963,19	
.....	<u>10.249.321,38</u>	362.458.800,56
		1.638.737,66
.....	41.412.670,36	
.....	30.225,00	
.....	<u>25.592.129,34</u>	41.442.895,36
.....	5.034.936,20	
.....	3.306.595,44	
.....	<u>5.811.897,53</u>	39.745.558,51
		1.697.336,85
.....	371.631.261,28	
.....	166.397.468,09	
.....	31.470.701,60	
.....	449.466.684,23	
.....	<u>5.094.526,98</u>	1.024.060.642,18
.....	883.274.703,21	
.....	93.855.459,85	
.....	26.416.292,92	
.....	<u>5.335.981,22</u>	1.008.882.437,20
		15.178.204,98
.....	43.341.317,00	
.....	<u>210.622,50</u>	43.551.939,50



BALANÇO

Custo de produção	31.707.007,23		
Bonificações	5.194.783,00		
Desp. comercialização	3.750.208,24		
Desp. indiretas	<u>2.247.667,21</u>	<u>42.899.665,68</u>	652.273,82
5 - SEMENTES FORRAGEIRAS:			
Vendas		1.257.844,92	
Custo de vendas	1.035.621,05		
Despesas de comercialização..	6.070,26		
Despesas indiretas	<u>165.359,24</u>	<u>1.207.050,55</u>	50.794,37
6 - CEVADA:			
Vendas		772.196,43	
Custo de vendas	580.932,59		
Despesas comercialização.....	<u>142.442,18</u>	<u>723.374,77</u>	48.821,66
7 - FÁBRICA DE ÓLEO IJUÍ:			
Vendas mercado externo	55.889.870,67		
Vendas mercado interno	93.226.442,74		
Operações em BOLSA	16.132.668,75		
Incentivos fiscais	<u>2.655.703,03</u>	167.904.685,19	
Custo produtos vendidos	134.021.274,36		
Despesas com venda	12.838.054,51		
Despesas indiretas	3.399.494,93		
Operações em Bolsa	<u>16.897.273,86</u>	<u>167.156.097,66</u>	748.587,53
8 - FÁBRICA DE ÓLEO R.GRANDE:			
Venda mercado externo	264.557.162,20		
Venda mercado interno	56.798.710,00		
Venda de soja	8.332.014,99		
Incentivos fiscais	<u>8.000.114,13</u>	337.688.001,32	
Custo das vendas	260.850.682,82		
Despesas com vendas	30.857.942,83		
Despesas indiretas	<u>26.286.323,12</u>	<u>326.994.948,77</u>	10.693.052,55
9 - SECÇÃO DE CONSUMO:			
Vendas		316.146.450,09	
Custo mercadorias vendidas...	294.983.027,17		
Despesas com vendas	16.457.165,08		
Despesas indiretas	<u>4.652.670,94</u>	<u>316.092.863,19</u>	53.586,90
10- SACARIA:			
Vendas		5.361.094,60	
Custo das vendas		<u>5.343.282,17</u>	17.812,43
11- DEPARTAMENTO DE CRÉDITO:			
Receitas do exercício		1.781.588,00	
Despesas do exercício		1.978.951,19	(197.363,19)
12- DEPARTAMENTO DE TRANSPORTES:			
Receitas do exercício		16.764.515,26	
Despesas do exercício		19.220.184,62	(2.455.669,36)
13- HOSPITAL STA. TEREZINHA:			
Vendas da farmácia	1.686.518,33		
Receitas hospitalares	<u>1.891.869,49</u>	3.578.387,82	
Custo da farmácia	1.112.924,99		
Despesas hospitalares	<u>2.506.785,76</u>	<u>3.619.710,75</u>	(41.322,93)
14- POSTO AGRO PECUÁRIO:			
Receitas do exercício		482.567,34	
Despesas do exercício		<u>876.180,83</u>	(393.613,49)
15- CENTRAL DE PROCESSAMENTO DE DADOS:			
Receitas do exercício		3.103.526,62	
Despesas do exercício		<u>3.505.747,34</u>	(402.220,72)
16- MILHO:			
Vendas	96.896,66		
Transferências	<u>1.380.083,75</u>	1.476.980,41	
Custo das vendas e transferências		<u>1.472.291,46</u>	4.688,95
17- SEMENTE DE MILHO:			
Vendas	99.475,21		
Transferências	<u>10.324,18</u>	109.799,39	
Custo das vendas e transferências		<u>93.263,40</u>	16.535,99
18- FÁBRICA DE RAÇÕES:			
Vendas	249.976,00		
Transferências	<u>485.820,70</u>	735.796,70	
Custo das vendas		<u>822.817,11</u>	(87.020,41)

BALANÇO

19- DEPARTAMENTO DE ASSISTENCIA SOCIAL:

Receitas do exercício	4.844.358,00	
Despesas do exercício	6.617.154,61	(1.772.796,61)

20- TERMINAL LUIZ FOGLIATO:

Receitas operacionais	82.333.727,76	
Receitas extra-operacionais..	451.927,57	82.785.655,33
Despesas Operacionais	75.611.057,96	
Depreciações	6.870.751,98	82.481.839,94

21- Receitas Extra Operacionais 4.264.315,63

22- Previsão P/crédito de liquidação duvidosa:

Reversão	866.540,69
Formação	(1.149.326,61)

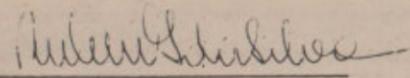
23- PROVISÃO P/IMPOSTO DE RENDA (842.447,02)
Sobras Brutas 28.893.325,06

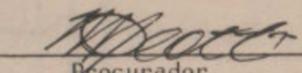
24- DESTINAÇÃO DAS SOBRAS:

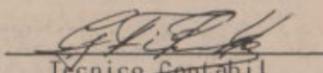
24.1 - FATES ref. resultado operações c/terceiros	2.952.355,52	
24.2 - FATES - 10% s/sobras líquidas	2.594.096,95	
24.3 - Fundo de reserva 10% s/sobras líquidas	2.594.096,95	
24.4 - Fundo de desenvolvimento econômico 30% s/sobras líquidas	7.782.290,86	15.922.840,28

SOBRAS A DISPOSIÇÃO DA ASSEMBLÉIA 12.970.484,78

COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA


Presidente
Ruben Ilgenfritz da Silva
C.P.F. 056.268.970/20


Procurador
Oswaldo Olmiro Meotti
C.P.F. 028.504.780/91


Técnico Contábil
Guaira Mac.D.F. Pinto
CRC 14656-CPF. 049.158.520/91

NOTAS EXPLICATIVAS DO CONSELHO

NOTA 1 - Conforme determinação da Assembléia Geral Conjunta, realizada em 17 de fevereiro de 1.977, a Cotrijui incorporou a Cooperativa Pedritense de Produtos Agro-Pastoris Ltda., sendo tomada como data base para a incorporação 28.02.77. Assim os valores referentes ao Patrimônio da Cooperativa Pedritense já estão devidamente agregados ao Balanço Geral da Cotrijui.

NOTA 2 - Com a incorporação da Cooperativa Pedritense de Produtos Agro-Pastoris Ltda., verificam-se safras de novos produtos cujo ciclo operacional não coincide com a data do encerramento do Balanço da Cotrijui. Desta forma, os valores referentes às operações das safras de lãs, bovinos e ovinos foram diferidos para o próximo exercício.

NOTA 3 - DEMONSTRATIVO DA CONTA FINANCIAMENTOS A LONGO PRAZO

NÚMERO:	VALOR:	VENCTO:	APLICAÇÕES:
Banco do Brasil S/A			
EAI 76/10-87	21.487.200,00	31.07.84	Construções
EAI 72/685	2.500.000,00	31.07.78	Construções
Repasse Lav. Trigo	14.639.726,44	31.01.78	
Banco do Brasil S/A - Tupaciretã			
	217.937,86	31.01.78	Repasse
Banco do Brasil S/A - Sto. Augusto			
	1.691.617,21	31.01.78	Repasse
Banco do Brasil S/A - Ten. Portela			
	736.196,65	31.01.78	Repasse
Banco do Brasil S/A			
EPB 76/767	6.518.000,00	08.11.77	Adiant. Assoc.
Banco Sul Brasileiro S/A			
ECSA 76/01	4.193.233,00	26.07.81	Fert. e Corret.
ECSA 76/02	1.530.952,50	28.12.78	Calcáreo
Banco Lar Brasileiro S/A			
S n ^o	5.516.077,32	05.07.80	Construções

EIC 73/01	420.000,00	31.12.78	Construções
União de Bancos Brasileiros S.A.			
CRP 217/75-02	789.600,00	31.07.80	Equipamentos
CRP 217/76-01	1.597.495,99	31.07.81	Insumos
CRP 217/76-03	1.570.095,71	31.07.80	Insumos
Banco do Estado do Rio Grande do Sul S.A.			
ER 75/066	1.350.000,00	31.07.80	Calcáreo
ER 74/026	2.400.000,00	31.07.79	Insumos
ER 76/051	2.380.000,00	13.09.81	Insumos
ER 76/116	2.124.983,00	13.09.81	Insumos
s/n ^o	273.784,50	31.07.80	Calcáreo
ER 76/025	3.600.000,00	30.12.80	Insumos
ER 75/030	1.400.000,00	17.09.80	Insumos

Banco Econômico S.A.			
CRP998104064/011	5.000.000,00	11.07.81	Insumos
CRP 18100226	525.000,00	11.10.79	Insumos
B.R.D.E.			
CRP 74/161	4.000.000,00	31.07.79	Construções
CRP 76/132	8.770.716,65	31.07.81	Insumos
CRP 74/144	3.621.000,00	15.07.79	Construções
CRP 3590/002	16.064.230,00	26.02.84	Construções
CRP 76/012	8.400.000,00	28.01.81	Calcáreo
CRP 76/012	3.600.000,00	31.01.81	Insumos
CRP 74/106	2.970.000,00	31.06.79	Calcáreo

Banco Itaú S.A.			
s/n ^o	1.340.035,52	30.07.79	Caminhões
Badesul S.A.			
CRP 76/028-EA 76/054	200.452,77	30.06.79	
CRP 003/76	12.100.000,00	30.03.81	Calcáreo
Banco Sul Brasileiro S.A.			
ECM 76/01	3.150.000,00	26.07.81	Caminhões
BCO. NACIONAL DE CRÉDITO COOPERATIVO S/A - P.Alegre			
EC 77/007	14.720.000,00	26.07.83	Capital de Giro

BCO. NACIONAL DE CRÉDITO COOPERATIVO S/A - Ijuí			
EC 10/73-024	167.724,00	31.07.78	Construções RG
EC 10/75-015	197.506,00	31.01.80	Máq. e Equip.
EC 10/75-021	21.490,00	26.01.78	Veículos
EC 10/72-117	2.008.813,00	31.05.85	Construções
EC 10/74-054	840.000,00	30.05.85	Construções
EC 10/75-014	10.409,00	26.01.78	Veículos
EC 10/72-118	1.089.209,30	31.05.85	Construções
EC 10/75-024	2.137.800,00	31.05.85	Construções
EC 10/75-025	1.687.000,00	30.05.84	Construções
EC 10/75-034	54.372.000,00	26.02.85	Construções RG
EC 10/75-040	3.854.375,00	28.10.80	Caminhões
EC 10/75-049	8.125.912,67	26.06.79	Construções
EC 10/76-037	32.000,00	11.07.79	Máq. e equip.
VG 73/085 e 73/100			
EC 72/117-118	57.826,72	30.05.84	Subscr. Ações
VG 75/200 à /214 EC			
75/34	1.143.750,00	26.08.85	Subscr. Ações
VG 75/217 à /223 EC			
75/24	29.564,16	22.04.80	Subscr. Ações
VG 75/226 - a /232 EC			
75/25	22.878,60	22.04.80	Subscr. Ações
VG 75/256 à /263 EC			
75/40	68.600,00	28.10.80	Subscr. Ações
VG 75/304 à /320 EC			
75/44	166.600,00	26.12.85	Subscr. Ações
EC 10/76-40	851.121,15	11.05.81	Construções
VG s/n ^o - EC 76/40	48.750,00	11.11.84	Subscr. Ações
CRP 77/02	190.904,00	05.12.81	Máq. e Equip.
EC 77/01	95.000,00	15.07.81	Máq. e Equip.
Repasse Lav. Impl.	3.308.830,07		
TOTAL	241.926.398,99		

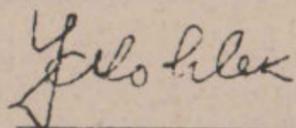
(Duzentos e quarenta e um milhões, novecentos e vinte e seis mil, trezentos e noventa e oito cruzeiros noventa e nove centavos.)
Ijuí, 28 de fevereiro de 1.977

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA – IJUI – RS

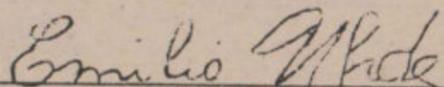
PARECER DO CONSELHO FISCAL

Em cumprimento ao que determina o Artigo nº 52 letra "g" do Estatuto Social da Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda reuniu-se nesta data o Conselho Fiscal desta entidade, a fim de proceder ao exame do balanço, Demonstrativo de Sobras e Perdas e todos os documentos referentes ao exercício encerrado em 28 de fevereiro de 1977, inclusive o levantamento dos saldos em Caixa. Tendo sido assessorado pela ASCOP LTDA., Assessoria, Consultoria, Planejamento e Auditoria e, tendo examinado todos os documentos, encontramos tudo em ordem e emitimos o nosso parecer favorável, recomendando à Assembléia Geral a sua aprovação.

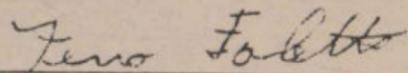
Ijuí, 17 de maio de 1977



José Cláudio Koehler



Emilio Uhde



Zeno Foletto

PARECER DOS AUDITORES INDEPENDENTES

10 de maio de 1977

Ilmos. Srs.
Conselheiros da
COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA
IJUI – RS

Examinamos o balanço patrimonial, anexo, da Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda., levantado em 28 de fevereiro de 1977 e a respectiva demonstração do resultado econômico do exercício findo naquela data. Nosso exame foi efetuado de acordo com as normas de auditoria geralmente aceitas, e, conseqüentemente incluiu as provas nos registros contábeis e outros procedimentos de auditoria que julgamos necessários nas circunstâncias.

Conforme assembléia geral conjunta, a Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda. incorporou o patrimônio da Cooperativa Pedritense de Produtos Agro-Pastoris Ltda. A assembléia se realizou em 17 de fevereiro de 1977, sendo estabelecida para a incorporação a data de 28.02.77. Assim o balanço patrimonial da Cotrijui, objeto de exame, já está devidamente incorporado dos valores referentes ao balanço da Cooperativa Pedritense de Produtos Agro-Pastoris Ltda.

Em nossa opinião, o balanço patrimonial e a demonstração do resultado econômico acima referidos, representam, adequadamente, a posição patrimonial e financeira da Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda, em 28 de fevereiro de 1977 e o resultado de suas operações correspondentes ao exercício findo naquela data, de acordo com os princípios de contabilidade geralmente aceitos, aplicados com uniformidade em relação ao exercício anterior, com exceção ao constante do parágrafo anterior.

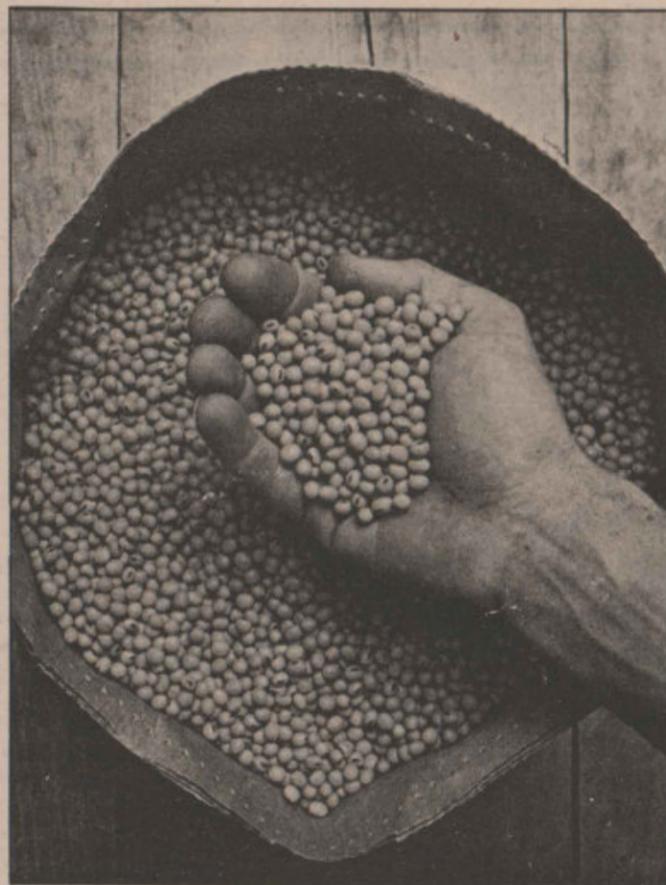
ASCOP LTDA – ASSESSORIA, CONSULTORIA, PLANEJAMENTO E AUDITORIA
CGCMF 92.838.150/0001-97 – CRC-RS 542 – CEAI 03
OCB 015 – BANCO CENTRAL DO BRASIL – GEMEC-RAI-72.027 – PJ



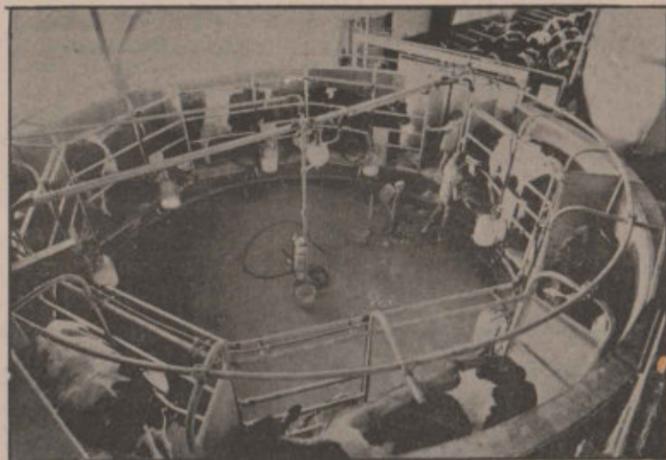
ARTHUR NARDON FILHO

Responsável Técnico – CPF 004036440-20 – Contador – CRCRS 13.866
CEAI Nº 16 – BCB-GEMEC-RAI-72-027-1-FJ – IAIB Nº 07

A SOJA



O LACTCÍNIO



A FRUTICULTURA

